

PQ
9698.27
U225
Q8
1983

UNIVERSITY OF ARIZONA



39001017900203

QUADROS

15 CONTOS

PREFÁCIOS DE
José Sarney
e
Mário Palmério



EDITORIA
NOVA
FRONTEIRA

Quinze contos

Aparentemente, o autor de contos é um recordista de distâncias curtas. Não será, necessariamente, o corredor de fundo dos grandes romances, dos largos e distendidos desenhos com que se formam os painéis de uma longa seqüência. Também não será o medianeiro autor de novelas. O autor de contos terá a rapidez de sua síntese, de sua história, cujo desfecho é quase sempre o principal senão seu único objetivo. Seus ilustres antepassados são os narradores de parábolas, de anedotas, de lendas, de mitos. *O Filho Pródigo* será seu paradigma, os *Canterbury Tales* e o *Decameron*, seus irmãos conspícuos, e *D. Quixote* sua referência exemplar. E tudo mais que daí se segue na prosa realista e impressionista dos grandes contistas do século XIX, e nas vanguardas do século XX. As histórias de Jânio Quadros se concentram em um único e singular efeito que é também, com freqüência, seu desfecho. Daí o poder narrativo sintético que elas exigem; algumas poucas palavras, uma referência, uma “alça”, e eis o leitor ambientado e capaz de “ver” a cena, seus

Jânio Quadros

Quinze Contos

QUINZE CONTOS

prefácio de

José Sampaio

Mano Palmerio



PQ
9698.27
U225
Q8
1983

Jânio Quadros

Quinze Contos

Prefácios de
José Sarney
e
Mário Palmério



EDITORAS
NOVA
FRONTEIRA

© 1983 by Jânio Quadros

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela
EDITORADA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Maria Angélica, 168 - Lagoa - CEP: 22.461 - Tel.: 286-7822
Endereço Telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro - RJ

Revisão
EDNA DA SILVA CAVALCÂNTI
LÚCIA MOUSINHO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Q18q Quadros, Jânio, 1917-
Quinze contos/Jânio Quadros. — Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 1983.

1. Contos brasileiros I. Título

83-0467

CDD - 869.9301
CDU - 869.0 (81)-34

Sumário

Não queime este livro.

*Se Cervantes o permite, eu, apoucado embora,
sou, também, mais entendido em sofrimentos do
que em versos...*

O autor.

Mister Sarrávia, 31

Marta, 33

Bronílio, 43

A dimensão informe, 55

In extremis, 69

O parente ilustre, 81

O conselheiro olvidado, 93

Capora, 105

"Um dia, vés, ...", 119

A chata, 129

Pensadelo, 139

Confidências, 149

Coca, 151

Sarça, 171

Bicho, 171

Sumário

O múltiplo Jânio, de *José Sarney*, 9
Estas primeiras quinze histórias de Jânio Quadros, de *Mário Palmério*, 13
Mister Saraiva, 21
Marta, 33
Bromildo, 43
A diamond is forever, 55
In extremis, 69
O patrono lincolniano, 81
O conselheiro silenciado, 93
Caipora, 105
“Um, dois, três, ...”, 119
A chave, 129
Pesadelo, 139
Confidência, 149
Cuca, 159
Sarará, 171
Berço, 181

O múltiplo Jânio

Em Jânio Quadros sempre existiram muitos homens. Há o Jânio político, há o Jânio pintor, há o Jânio gramático e dicionarista, há o Jânio professor, há o Jânio tribuno, há o Jânio poeta. Junta-se a estes, agora, o Jânio contista. A síntese de todos eles pode ser um Jânio indivisível na pluralidade, que é o intelectual. Intelectual de estirpe, preocupado com as coisas do espírito, a buscar, sempre, na política e na literatura, aquele substrato da alma de que nos fala Bergson.

Sem dizer coisa nova, anotamos que a política e a literatura são vertentes não-antagônicas, que se completam. É impossível ser um grande político sem possuir a agudeza de um intelectual. Os políticos que ficam, passados os instantes de glória efêmera dos palanques, do poder e das vaidades, são aqueles cujas idéias e criações se eternizam nas coisas do espírito. A

vida política de Rui passou, mas o intelectual não morreu, e revive a cada hora, em cada novo leitor que relê suas páginas definitivas. Nabuco, Rio Branco, Mangabeira, Afonso Pena Júnior, José Américo, Carlos Lacerda, Afonso Arinos, Luiz Viana, Barbosa Lima, não podem ser compreendidos sem a visão simbiótica do político e do intelectual.

Assim Jânio Quadros.

Neste livro, inicia nova etapa: a de contista. Poderia escrever excelentes ensaios críticos ou dedicar-se à história. Preferiu, porém, a obra de ficção, na sua forma talvez mais difícil. Já disse um crítico que o conto é um gênero impiedoso, mais impiedoso talvez que a poesia e o romance. E assim é porque no conto o escritor não é livre: ele tem de criar o clima que dê à sua história a intensidade de um breve instante sem se deter nas largas pinceladas do romance. E é Julio Cortázar quem explica essa peculiaridade, ao observar que o romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é em princípio uma obra aberta, romanesca, enquanto que uma fotografia bem realizada pressupõe uma justa limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. O contista, tal como o fotógrafo, há de escolher um acontecimento significativo, que não só valha por si mesmo, mas também seja capaz de atuar no leitor, como um fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito

além do argumento e que dá conteúdo ao seu trabalho.

Neste livro, Jânio Quadros reduz seu campo de visão sobre alguns fatos, para contar suas histórias. Alguns procuram identificar o escritor pelos temas que escolhe, como se estabelecessem uma seleção ideológica a revelar suas tendências. Mas os temas nem sempre têm maior amplitude no conto. O que importa mesmo é o tratamento, o desenvolvimento do tema escolhido, de modo a ligar o leitor ao fim da história. A peculiaridade do escritor reside nessa força que, como dizia Poe, “dá seu próprio matiz e seu próprio caráter a tudo o que toca e, especialmente, que sente o impulso de tudo tocar”.

Jânio Quadros tem essa força. Ele dá a seus contos uma intensidade que nos leva ao seu desfecho. Às vezes se estende em situações menores, em incidentes pouco significativos, mas não perde a caminhada: existe a tensão necessária ao interesse do leitor, pelos meandros das histórias.

Político de carreira estrepitosa, alvo de constantes controvérsias, Jânio Quadros jamais esqueceu sua condição de escritor. O debate, a intensa atividade na vida política não lhe tiraram essa unidade de resolução pelas coisas da inteligência, que dá sentido ao seu trabalho. O gosto pela coisa literária lhe vem da juventude, mas é no outono de seus dias que se aventura a escrever contos, talvez lembrado do conselho de Nabuco, no discurso de inauguração da Academia Bra-

sileira: “Não vos apresseis em compor a obra que há de conservar, para vós mesmos, a essência de vossa mocidade.”

É assim que o vemos: empenhado na aventura literária, em plena maturidade, com o ardor de um jovem estreante.

José Sarney

Estas primeiras quinze histórias de Jânio Quadros

Não conheço mais acertada — e mais singela — explicação de prefácio que a de Rachel de Queiroz. Está na nota de apresentação da edição de lançamento do meu primeiro livro, *Vila dos Confins*, página que acabou por incorporar-se ao volume, republicada que vem sendo nas edições que se sucedem.

Escreveu Rachel, textualmente: “Não acredito em prefácios e não gosto de prefácios. Se o livro é ruim o prefácio não adianta e se o livro é bom o prefácio é uma excrescência.”

Repetindo as palavras de Rachel de Queiroz, ajunto-lhes, apenas, que, tratando-se de um autor de categoria, o prefácio é mais que uma excrescência: passa a despropósito.

Jânio Quadros é um autor de categoria. Se estreia, agora, na ficção literária, com este livro de con-

tos, já vem, e desde longe, consagrado em publicações importantes, notadamente de filologia e história. E mais: professor, jornalista, tribuno — tudo soma para defini-lo como notável homem de letras, marcado de superioridade intelectual e cultural indiscutível.

Fujo, pois — e correndo —, do prefácio. Aproveito-me, todavia, do espaço amavelmente franqueado pela Editora Nova Fronteira, para ocupá-lo com um curto comentário de leitor — de um simples leitor, tão-somente.

Na classe alta dos versados em letras, há os que consideram o conto um puro sinônimo de narração, falada ou escrita, não lhe predeterminando limites, tampouco impondo-lhe regimento. Outros são menos genéricos: querem-no história, história completa — não importa se curta ou extensa —, história bem servida e bem dosada dos imprescindíveis componentes do enredo, personagens que o entretecem, cenários em que as ações se desenrolam, tensão na reta de chegada, desfecho.

O leitor, que não se intromete na polêmica dos doutores da língua, e limita-se, apenas, a ler, procurando tirar da leitura o máximo de deleite e proveito, fica, sem dúvida, com a conceituação mais explícita, completando-a com a prescrição infalível: conto há de ser, sempre, uma história que nos demore na mente sem estragar-se com o tempo, fácil de ser lembrada e passada adiante, a qualquer hora

— e limpa e inteira e escorreita e inconfundível —, exatamente tal-e-qual a lemos da primeira vez.

Deixei de apontar, dentre essas condições inerentes ao tempo, a forma correta de apresentar-se, bem-trajado de gramática, aos leitores. Não a mencionei antes porque, além de óvia, não é apanágio de conto. Deve ser essencialidade, isto sim, de todo papel escrito, principalmente dos que aspiram a ser editados e distribuídos às livrarias, expondo-se ao manuseio público. Se de superior qualidade, ótimo, benza-o Deus! Se coisa ordinária, artigo de carregação, paciência... Não, eu não sei — e duvido haja alguém que o saiba — como evitar a epidemia do mau exemplo, praga das piores, que pega feito peste.

Assim distinguida como pré-condição inarredável, espécie de eliminatória que precisam de vencer os candidatos ao galardão literário, a correção gramatical haverá de ser o primeiro aspecto a ser considerado pelo leitor mais ou menos exigente. Os que lhe não dão importância são os subleitores, isto é, os que lêem por alto, lêem por ler... e, também, os mal-e-mal saídos da cartilha. Ah!... e mais, e mais outros: os oblíquos, os diagonais... — esses tais que, jactanciosos do epíteto de “leitores dinâmicos”, alardeiam poder varar um livro, de atravessado e a duzentas páginas por hora, mas que escondem de confessar terem rompido a fita de chegada tão alheios do texto quanto o estavam ao detonar o tiro de partida.

Tornou-se de tal forma notório o apuro de linguagem do senhor Jânio Quadros, que o público já

sabe, de antemão e de sobejô, o que irá encontrar, em matéria de linguagem, neste seu livro de contos.

Não será, no entanto, a mesma linguagem que os brasileiros tão bem conhecem, seja lendo Jânio em coluna de imprensa, ou participando dos seus comícios, seja ouvindo-o pelo rádio, ou acompanhando-o pela televisão. Uma coisa são discursos em praça pública, aparteados a todo momento pelo aplauso do povo arrebatado e transbordante, pela música frenética dos alto-falantes, e pelo canhoneio dos foguetões-de-rabo, de tiro triplo; as entrevistas de rua, arrancadas — vezes até com os óculos e os botões do paletó do entrevistado — pela competição algazarreira dos repórteres; os debates televisionados — como Jânio sobrecintila, aí, sempre de astro maior, inofuscável! —, raramente isentos de malícia urdida para levar o partícipe à irritação e ao descontrole. Outra coisa há de ser a linguagem do artista, mediada de sossego, amorosamente aprimorada à boa luz silenciosa de serões solitários.

Contos, porém, não se escrevem só com linguagem, por mais correta e esmerada que seja — Jânio Quadros não o ignora. Sabe ele — e de cor e salteado — da receita para fazê-los sustanciosos e completos, confeitados de graça e discrição, ao bom gosto do leitor.

Personagens não lhe faltam, inspiradas nas pessoas conhecidas ao transcorrer de uma vida riquíssima de experiência humana. Agora, ao convocá-las para tomar parte de suas histórias, Jânio Quadros selecionou um grupo mais ou menos reduzido, sufi-

ciente para este primeiro exercício de novelística. Um ensaio — suponho eu — para ajuizar das potencialidades de sua inspiração, e pôr à prova, desta vez na ficção, o talento artístico de que já deu exuberante mostra em seus disputados quadros de pintura a óleo.

Os tipos humanos que aparecem nestes contos provêm de extração vária. O primeiro a apresentar-se — conquistando por sinal, e desde logo, as simpatias do leitor —, é um súdito inglês, Natural da Índia. Segue-se um heterogêneo elenco de advogados, médicos, engenheiros, bonitas mulheres da sociedade abastada, juízes, capitalistas, fazendeiros, bancários, corretores de imóveis... — gente de toda espécie. Não faltam uma meio-alemodadazinha arrumadeira de pensão de luxo familiar, um corrupto chefe de corporação policial, um azarento, perigoso produtor permanente de desgraças — suma com ele o Cão! —, mas que acabou acertando na loteria! E, de novidade, porque destoantes dos demais convocados de Jânio: dois moradores em arraial de roça: um tal de seu Aristides, boticário, doutor-médico, parteiro e dentista — tudo ao mesmo tempo —, e o outro, um facinoroso sujeito, multiassassino, estuprador de meninas, de ruivo e encarapinhado apelido: Sarará.

Até aqui pude chegar, mas daqui não passarei. Primeiro, porque não quero, além do desculpável, descumprir a promessa de ser breve; segundo, porque os leitores detestam se servirem de prato-feito. Conheço alguns, tão ciosos dessa independência de

julgamento próprio, que, antes de completarem a leitura de um livro, nem ler-lhe as orelhas da capa lêem! Por isso foi que tomei o cuidado de nada adiantar do desempenho dos personagens, mencionando-os apenas de corrida. Falei dos santos, mas nada contei de seus milagres.

Creio, entretanto, que me será lícito expressar opinião sobre a estréia de Jânio Quadros na ficção brasileira, estes *Quinze Contos* que tive o privilégio de ler ainda em fraldas tipográficas. Opinião meramente pessoal, de um leitor como os demais.

Afirmam, em maioria, escritores e críticos literários, ser o conto, dos gêneros da ficção, o mais delicado e laborioso de trato. Os contos mais curtos, de conteúdo muito concentrado, esses, então, podem levar o autor, ambicioso de compô-los perfeitos e acabados, à frustração, quando não ao desespero, de tal forma têm de ser precisos e concisos. Tal dificuldade talvez explique o andarmos assim meio a pé de bons contistas. Fácil de ler, difícil de escrever — reza a máxima, já cediça. Maneiro de marcha, custoso de adomação — ocorre-me esta outra, aprendida de velho peão mato-grossense, calejado amansador de tropa.

Pois bem: Jânio Quadros logrou atravessar, exímia e airosamente, pelos percalços do conto. E —note-se — pelo conto bicho-papão, o conto curto. Efetuada a divisão do número de páginas de texto pelo número de contos incluídos neste volume — quinze —, o quociente médio para cada um deles não ultrapassa de oito páginas de trinta linhas e de folgada

composição gráfica. Menos que isto — salvo os raros e brilhantes casos de escritores de muita experiência —, mais magro que isso, repito, só mesmo historieta infantil ou anedota, ou, ainda, página episódica, desgarrada, falta dos pés e cabeça.

Concluída a leitura deste livro de contos do escritor Jânio Quadros, o leitor irá tirar, certamente, a sua particular prova dos nove. Duvido que não saia, como eu saí, satisfeito com o resultado, porque de cabedal enriquecido de mais quinze excelentes histórias. E dessas que não fugirão, nunca mais, da cabeça.

Mário Palmério

Rio Negro, Amazonas, agosto de 1983

Mister Saraiva

“A master who is firm and kind...”
(A little dog’s prayer. RSPCA.)

O bar estava à cunha, e havia nele amostragem expressiva do *status paulistano*. Rumor de vozes abafadas, porque gente bem não fala alto. Lá do fundo, vinham as notas românticas do *Danúbio Azul* em orquestra, agora condenada. Visitá-lo, ao entardecer, fechados os escritórios e o comércio, era um rito. O desembargador misturava-se ao empresário, ao médico, ao engenheiro, ao alto funcionário, com pequena pitada de rapazes, sobretudo acadêmicos da “São Francisco”, quase sempre filhos afortunados de afortunados fazendeiros interioranos.

Comprimiam-se em uma espécie de ante-sala — o chope, as coxinhas e as empadas tão famosas quanto o “Viaduto”. As poucas mesas apinhadas, com um duplo renque humano postado de pé, à frente do curvilíneo balcão de mármore. No salão contíguo, ainda se tomava chá, e apenas algumas jardineiras floridas serviam de festivo muro divisório. O chá, também, um imperativo para as damas de prol. Lá se instalavam, em bom número, aqui e acolá, um marido velhusco ou

o filhote efeminado, que o Mappin, da Praça do Patriarca, vestia a preço extorsivo.

Nem mesmo as mulheres sobrepunham-se à música, mas a garrulice delas sufocava o surdo vozerio masculino. Eu e o companheiro estávamos de caneca à mão, ambos quintanistas de Direito.

Parar ali era luxo a que nos dávamos e o trabalho permitia, com as minhas liçóezinhas em escolas de bairro, ele solicitador em escritório reputado.

Falávamos pouco, examinando, atentos, a área adjacente, a pretexto de admirar o violinista ou identificar fregueses. Todos eram importantes, cá, onde se servia o chope, ou lá, além das plantas multicoloridas.

A visita e o chope geladíssimo acenavam com promessa distante.

No salão, o que era raro, mas acontecia com sorte — muita sorte —, podíamos cruzar com um par de olhos encimando blusa e saia elegantes, que revelasse graça, e dúplice interesse. Conhecíamos algumas aventuras que havia ensejado, ditas à boca pequena nas Arcadas, provavelmente produtos da exaltada imaginação ou da proclamada virilidade de estudantes gabolas.

De repente, ouvimos alguém, em inglês:
— Um dos senhores me paga um chope?

A pronúncia era tão boa quanto a do Binns, por muitos anos professor meu e do companheiro. Clara, com timbre de londrino, burilado em Oxford.

Desviamos a atenção para o homem. Com curiosidade natural, e alguma surpresa. O pedido não se ca-

sava com a classe do “Viaduto” e, afinal, quem o formulava não se casava também.

Era moço, possivelmente com trinta ou trinta e cinco anos. A roupa surrada e a barba amanhecida, ruiva, ajustavam-se aos sapatos, que nunca viram graxa. Origem discreta, senão humilde. Apenas, nos olhos, lampejos de esmeralda, e, nos lábios, o traço distante de um sorriso. Sem nenhuma razão, decretei-o inteligente e agradável. Bom interlocutor — pensei —, e em inglês que eu e o colega buscávamos exercitar todos os dias. Foi o Aniz quem respondeu, sem hesitar.

— Claro, só um momento.

Deu ordem ao garção e, logo, a caneca chegava. Aí, ocorreu o milagre de mesinha vacante, que ocupamos, de pronto, puxando uma terceira cadeira. Acesos os cigarros — o cidadão filou, impassível —, começaram as perguntas.

Chamava-se Saraiva e acabava de desembarcar em Santos.

— Não sou propriamente inglês — explicou.

“Nasci na Índia, no Império, mas, para ser franco, odeio os britânicos. Há alguns anos deixei Goa, que é pequeno domínio de Portugal, e passei a rodar pelo mundo. O pai era inglês, mas o miserável, depois de seduzir minha mãe, que lhe deu dois filhos, atravessou fronteira quase inexistente, e desapareceu em Bangalore. Abandonou-a, e a mim e minha irmã, e não posso contar a luta da mulher para criar-nos. Os senhores não sabem o que é a pobreza na Ásia.”

Olhou ao derredor, supondo que o bar fosse São Paulo e o Brasil.

— Nem podem saber — seguiu —, vivendo como vivem, em país rico. Estava em Burma quando ela morreu, a mãe, quero dizer. A irmã vive em Londres, trabalhando como balconista em loja do tipo Harrods. Desses que vendem tudo. Considero-me um apátrida ambulante. Dêem uma espiada no meu passaporte. Nos carimbos.

O Aniz e eu manuseamos o documento encardido. O homem provava o que dizia. Lá estavam as estampas de Vancouver, Cape Town, Cingapura, Nápoles, Alexandria, e não sei quantas outras, em comistão global e conflitante.

O Joseph Saraiva lembrava o novo-rico, que eu deveria conhecer mais tarde, esse que, ao ouvir mencionar Sandacan ou Cabul, assegurava:

— Também estive lá.

O Saraiva não mentia.

— Entendo... — continuou —, os senhores hão de querer saber como viajo tanto. Pois é fácil. Todo cargueiro sempre admite um par de braços, e tudo me serve. Arrumo quartos, lavo convés, descasco batatas, e ganho a passagem. Cheguei, agora, em barco italiano que trazia máquinas, e vai carregar em Buenos Aires para Gênova. Como vêem, minha história é simples. Só não posso dizer quanto tempo demoro. A polícia avisou-me que, depois de algum tempo, preciso renovar a permanência. Mas o prazo é mais do que o bastante. Antes disso, sigo qualquer rumo.

— E a irmã? — perguntei.

— Não sei dela. Só a vi há dois anos, quando passei

por Londres. Deixei lá o Tobby, presente de um mari-nheiro chileno.

Parou alguns segundos.

— Esta é a fotografia.

Não da irmã. Do cachorrinho. O Tobby lembrava um escarrado vira-latas, com a pinta dos que erram por aí, recebendo pauladas, enquanto a carrocinha não os leva.

E, com tremor na voz:

— Gosto muito dele. Sem ofensa, é meu melhor amigo.

O Saraiva parecia emocionado. Sorveu a metade que restava na caneca, e propôs:

— Que tal umas aulinhas? O inglês de vocês recomenda polimento. Não tenho nada a fazer, e arrumei um quarto perto da Luz. Minhas libras bastam para um mês, e se receber dos dois e de outros alunos pagamento razoável, eu me agüento. Posso até jantar na casa em que moram e, depois, saímos pela cidade, exercitando a conversação. Notaram que meu acento é bom? Devo-o a dois oficiais com os quais permaneci alguns meses. Afeiçoaram-se a mim. Corrigiram-me, e me emprestaram livros.

Encarou-nos, o brilho nos olhos esverdeados, a mesma ameaça de sorriso.

Mordeu: — Pode ser outro chope?

Ajustamos o Saraiva ali, no ato. Quase sempre, alternando os dias, levávamos o estranho hóspede para jantar a domicílio. Depois, nos reuníamos os três, na esquina da Baruel, perto da Sé, e caminhávamos pelo Centro, fazendo o triângulo da Quinze, São Bento e

Direita, com ocasionais incursões pela Itapetininga para confeitaria, hoje inexistente.

Na Europa, adensavam-se as nuvens de guerra. Encorajado pela capitulação de Munique, Hitler, insaciável, queria o “corredor polonês”, e esse era assunto obrigatório. Brincávamos com o Saraiva:

— Se houver luta, como fica você? Esqueça o pai. Lembre-se da irmã e, se isso não basta, que tal o Tobby? Você não tem escolha. Queira ou não, Saraiva, você é filho do Império. Deve lutar.

Ou:

— Você se alista, Saraiva? O Abbott o está convocando.

E, em tom escandalizado:

— O quê? Nem o cônsul da Inglaterra você visitou, ainda?!

Vinha, aí, o destampatório na resposta.

— Essa guerra não é minha. Meu pai nem sequer reconheceu a mim ou minha irmã. Meu nome é Saraiva.

E, irritado:

— Saraiva, entenderam?! Neto de lisboetas. Os Aliados e a Alemanha matam-se para açambarcar o comércio mundial. Colonialistas. Que se engulam. Que se danem.

Atrevia-se, profético.

— Vou dizer mais. Uma das consequências, com certeza, será a Índia independente. Desastre para o porco, se ainda estiver vivo. Maldito!

Referia-se ao pai.

Ocasionalmente, nossas andanças ocorriam em

feriado e, na cidade, por toda parte, flutuavam bandeiras inglesas. A Light içava-a, e a canadense, com a nossa de permeio. O que permitia provocá-lo, do que nos encarregávamos, ora o Aniz, ora eu.

— Veja, Saraiva. Não dizem vocês que “o sol nunca se põe?” Olhe ao derredor. O Império está aqui, na companhia do gás, na Western Telegraph, em bancos, na melhor loja e na melhor joalheria. Não acreditamos que você se esconda. Ainda há pouco, contou-nos que Kipling e Maugham são os seus autores preferidos.

Um de nós o espiava de soslaio, e alfinetava:

— Cantores da obra de Vitória, Regina.

Às vezes, o Saraiva fingia zangar-se.

— Se vocês continuarem discutindo política suja, arrumem outro professor.

Outorgara-se o título. . .

— Já falei, mil vezes, que não quero nada com a Inglaterra, e esse problema é meu. Somente meu. Depois, não haverá luta. Os ingleses vão dobrar-se. A guerra assusta a todos, desde o rei até o último mineiro de Gales. E não acredito que o Canadá, a Austrália, a União Sul-Africana, e o resto, participem. A Inglaterra sabe que ficará sozinha.

Em setembro de 1939, antes do Aniz e eu completarmos o bacharelado, os nazistas invadiram a Polônia e, imediatamente, Londres fez valer o ultimato. O Saraiva falhou na vidência. Todo o Império acompanhou a metrópole. Meses a fio a guerra não mereceu, sequer, o nome. Alemães de um lado, Aliados do outro, estudavam-se por cima de casamatas fortificadas, sem um disparo. De repente, a Alemanha começou.

Esquadrilhas, em número crescente, passaram a bombardear a cidade imensa, as docas do Tâmisa e os conglomerados fabris. As vítimas subiam a milhares. Parecia escrito nos céus que os anglo-franceses tinham escassas possibilidades, frente ao colosso que Hitler armou.

A *blitz* pulverizou a resistência polaca, em dias. Dividiria, indecente, o território calcinado com os russos famélicos.

Nada demovia o Saraiva. A certa altura, ele recebeu carta da irmã, o que era raro, dizendo-lhe que tudo estava bem. O bairro pobre em que morava, às margens do porto, convertera-se em escombros, mas nem ela nem o Tobby haviam sofrido qualquer dano.

Então, o Saraiva desapareceu, sem palavra. O Aniz e eu continuávamos indo ao “Viaduto”. Chegamos a esperá-lo, pelo menos meia hora, à frente da drogaria, ponto habitual de encontro.

Imaginamos: o Saraiva adoeceu. O Saraiva viajou para o interior ou para outro Estado. O Saraiva havia encontrado emprego melhor e permanente. Não tínhamos condições de saber o que acontecera. Nunca nos deu o endereço.

Lembro-me bem da tarde em que ele assomou à porta de minha casa, na Major Diogo. Nunca o vi tão solene. Nos olhos a mesma luz, mas, no rosto, não aparecia a promessa de sorriso. Barbeado e bem-posto, o terno barato, mas novo. Calçava botinas reluzentes, com elástico nas canelas. Apenas a gravata puída não assentava com a elegância inusitada. Recebemo-lo em festas. Todos gostávamos do Saraiva. Ele era jovial,

otimista, e não fosse o rancor anglófobo, talvez passasse sem restrição alguma. Mais: o Saraiva tinha sido modesto quando disse ao Aniz que havia lido poucos livros. Lera mais do que isso. Conhecia os clássicos e, certa ocasião, surpreendi-o com uma tradução do *Candide*.

— Deus do céu — exclamei. — Por onde você tem andado?

Respondeu, brejeiro:

— Agrada-me sua pronúncia. Nossa convivência ajudou bastante.

Passou a falar nossa língua, que misturava ao castelhano, a família entendendo a algaravia.

— Bem... — disse ele, enquanto se assentava para o jantar.

“... assustem-se com a surpresa. Alistei-me, e embarco a qualquer momento. O Abbott já me avisou.”

Todos o cumprimentamos.

— Parabéns, Saraiva! A Inglaterra é o bastião da Democracia, e Churchill nosso líder. Ótimo que você tenha entendido.

Olhou-me, e aos demais, com o sorriso, ausente ao chegar.

— Bobagem. Vocês não podiam estar mais errados. Caiu outra bomba, no bairro de minha irmã, em Londres.

Suspendemos a respiração.

— E ela, Saraiva?

— Oh! Não sofreu nada. Trabalhava, como sempre, muito longe.

Demorou-se. E com amargura:

— O Tobby morreu. Estraçalhado.

E, com raiva:

— Um ditador que explode o East End, e mata um bichinho, deve ser mandado para o inferno.

Aquela noite eu e o Aniz ainda percorremos, com o Saraiva, o roteiro do Triângulo. Ele falou pouco. Bebeu três chopes no Franciscano, e foi-se, macambúzio, de nossas vidas, para sempre.

Passado ano e meio, o Binns deu-me a notícia. O Saraiva havia tombado em Alamein, nos exércitos de Montgomery, que salvaram o Egito. E a civilização.

Não lutou pelo rei, nem pelo Império. Lutou e morreu por um cachorrinho.

O Tobby.

Marta

“A cruz pode ser pesada de carregar, mas só ela equilibra o nosso andar.”

Joaquim Nabuco, *Pensamentos soltos*.

Somente alguns fregueses estavam no restaurante ocupando mesas esparsas, quase todas vazias. Apenas a louça, os talheres e os guardanapos, postos, emprestavam a tudo aspecto melancólico, presente, por igual, no garção mais próximo.

Meu companheiro interrompeu a conversa, e ficou com o garfo espetado no ar. Parecia imobilizado pela surpresa. Bebeu mais um gole de vinho e quedou-se, por segundos, olhos fixos na outra ponta da sala. Lá estava, assentando-se, um velho que alcançou o termo da vida. Os cabelos brancos, o rosto encovado. Com mãos trêmulas levou um cigarro à boca, esperando o cardápio. Era, ou precisava ser, homem de posses, ou não estaria ali, com aqueles preços.

— Você o conhece?

E, atropelando a resposta:

— Que idade lhe dá?

— Setenta ou setenta e cinco — respondi. — Basta examinar as feições encarquilhadas e os dedos endurecidos, artríticos. Funcionário aposentado, suponho, com traços de gente bem. Acertei?

O outro negou com a cabeça.

— Não, Mycroft. Nem de perto você lembra o irmão do detetive de consultas. É médico. Chama-se Alberto. Doutor Alberto. Clinicava no interior quando recebeu, vinda de estância do Rio Grande, uma herança polpuda. Mudou-se, então, para São Paulo e a história merece ser contada. Tem, quando muito, cinqüenta, acredite. Sei que parece um trapo, mas foi esse episódio que o deixou assim. Ancião prematuro que, a qualquer momento, se despede.

— Cinqüenta?!

Havia incredulidade na minha voz.

— E a história?

— Essa eu conheço porque, àquela altura, ocupava a Secretaria de Segurança. Sabemos que há polícia e polícia. Ao meu tempo, procurei discipliná-la e moralizá-la, até com a corajosa ajuda de gente de seus próprios quadros. O Laudelino de Abreu, por exemplo. Os excessos, porém, eram inevitáveis, quase sempre consequência do despreparo de muitos investigadores e do pessoal subalterno, a começar pelos escreventes e carcereiros, nomeados pelo filhotismo político.

“O fato é que o Dr. Alberto, vindo para a Capital, decidiu procurar casa, sem qualquer pressa. A esposa, Lavínia, era mulher adorável, ainda que alheada, vaga. Suponho, hipocondríaca. Você conhece o tipo. Falava pouco, quase sempre quando perguntada, parecendo compromissada a desmentir a reputação do sexo. Depois de alguns dias de hotel, o Alberto teve notícias da pensão da Tamandaré. Pensão de luxo, em

antigo solar, na qual até piscina a nova proprietária construiu. Os hóspedes, poucas e seletas famílias, cada qual em apartamento amplo, com saleta, banheiro e o resto. As refeições, variadas e generosas, incluindo chá à tarde, quase sempre com bolo caseiro. A dona, Helga, era alemã de Hamburgo. Vinda para o Brasil há decênios. Baixa, agorduchada, jovial, os olhos azuis, comunicativa ao extremo. Solteirona ou desquitada, não sei bem. Encontrar vaga na pensão exigia sorte, isso a despeito de cara, muito cara.

“O Alberto e a esposa mudaram-se, sem perda de tempo. Enjoaram do ambiente de hotel, mas também não desejavam ficar sós. Cansaram-se das caras novas sempre renovadas. A pensão, com alguns casais discretos, financeiramente independentes, educados, e com o conforto de bairro e rua tranqüilos e respeitáveis, calhava bem. Depois, talvez uma casa nos ‘Jardins’, com a segurança e o bem-estar que a fortuna autorizava.

“Nem a guerra perturbou o cotidiano de todos. Afinal, a guerra lavrava na Europa distante. Às vezes, o Alberto e a esposa chegavam ao Centro, para ver vitrinas, ir ao cinema ou ao teatro. Nunca de manhã, quando se instalavam à beira da piscina, depois do desjejum, à espera do almoço. Não raro, o Alberto ordenava um aperitivo para os dois, e saíam, depois do lato chá, substituto vantajoso de qualquer jantar.

“A Helga empregava duas moças, ambas catarinenses, netas de imigrantes da Renânia. Uma delas, a Marta, impecável como todas dessa extração, cuidava do apartamento do casal. Fazia trabalho diligente. Vinte anos, não mais. Sua faina começava na antema-

nhã, limpando corredores e áreas, que encerava, reluzentes. Punha a longa mesa oval para o café, o chá e o chocolate, que a Helga servia em bojudos bules de porcelana de Dresde. A Marta era menina nervosa, magriça, feia, de jeito furtivo, em silêncio que parecia resultar de voto ou juramento. 'Sim senhora' e 'Não senhora' constituíam o mais de seu vocabulário de conversação. Lacônica em tal medida que, perto dela, a Lavínia era um papagaio palrador.

"Certa noite, ao regressarem, o Alberto e a mulher encontraram o banheiro iluminado. Fato estranho, que causou espécie, tão logo o marido abriu, com a própria chave, a porta das acomodações.

"— Alberto, a lâmpada...! Sou capaz de jurar que não a deixei acesa.

"— Não me lembro — respondeu. — Mas acredito que o quarto estava no escuro. Até as cortinas das janelas eu puxei. Deve ter sido a Marta. Veja, ela arrumou a cama, foi ao banheiro e esqueceu de apagar a luz.

"A Lavínia abriu a gaveta de pequena penteadeira, e expressou-se, aos gritos:

"— Alberto, as jóias! Sumiram todas! Deixei-as no lenço. Aqui.

"Indicava com o dedo, excitada.

"— As jóias... — repetiu o médico, — você está certa disso?

"A mulher zangou-se.

"— Não sou louca, sou? Já disse a você. Guardadas nesta gaveta.

"Sublinhou, com ênfase o 'nesta'.

“— E agora? Isso e a banheira. Fomos roubados. Mexa-se, homem!

“O doutor mexeu-se. Apesar de ser quase meia-noite, foi aos aposentos da Helga e, em breve, tudo estava sendo vasculhado. Em vão. Nada.”

O companheiro seguia ávido a narrativa, olhando, de quando em vez, o médico defronte, à distância. Lá estava ele com a garrafa de cerveja, tomando sopa. Esquálido. Dessorado. Quase espectral. Podiam-se ver as pontas de vários cigarros. Do cinzeiro, espiral de fumaça.

— Continue.

— Ora, a essa altura, tínhamos entrado na guerra e, tão logo o Alberto registrou sua queixa, na sede da Gusmões — lá estavam as delegacias —, um detetive apareceu. Chegou cedo. Nove da manhã. Não revisou os aposentos da vítima, porque desnecessário, mas submeteu os outros hóspedes, a Helga e as empregadas, a um interrogatório e busca constrangedores. No quarto da Marta encontrou licor e alguns confeitos, tirados, sem dúvida, da despensa. A Marta apavorada, tartamuda. Olhava o policial vidrada, encolhida, incapaz de coerência.

“Sim, havia arrumado o dormitório. Quem sabe deixara uma luz acesa. Conhecia as jóias, muitas vezes espalhadas sobre os móveis, e já havia até tocado nelas, quando os limpava. Mas apossar-se? Nunca! Era tal a sua angústia que deixava escapar, aqui e ali, uma palavra em alemão. Quanto ao licor e aos doces, vieram da despensa. Ia contar à Helga, como acontecera antes.

Não era furto, porque pagava no fim do mês, descontado o preço, do salário.

“O detetive ficou impassível. Disse a si mesmo que ali estava a ladra e, pouco depois, o carro de presos chegou, levando a Marta. O xadrez tinha fama de brutalidade, o que procurei corrigir, severamente. Mais adiante, por causa de outro incidente,— você lembra-se? — eu me demiti da Secretaria. O mesmo policial e mais um colega apertaram a suspeita. Ouviram pouco. Havia nela, apenas, medo. Mostrava-se incerta, misturando detalhes. Dizia e desdizia, em confusão suspeita. Nem prestou declarações por escrito. Fizeram-na descer, para o tratamento que alemã, agora inimiga, merecia. Levou várias surras, entremeadas de choques elétricos, nas mãos e nos pés. Gemia sob bofetadas, mas, descontando um ou outro ‘nein!’, falava pouco, e lá ficou entre prostitutas e criminosas, espancada e esquecida, enquanto se cuidava de casos mais prementes.

“Uma semana depois, o Alberto e a esposa encontraram a casa desejada. Ainda, na Aclimação. Lá em cima, perto do parque aprazível. Não queriam continuar na pensão, à lembrança penosa do ocorrido. A Lavínia, com freqüência, recordava as correntes de ouro, o diamante solitário e o anel. O anel, sobretudo, presente de bodas de prata.

“Fazia as malas, o marido mergulhado na poltrona, acompanhando com um leve sorriso o vaivém agitado e caótico dessa operação feminina.

“De repente, uma exclamação:

“— Deus! As jóias!

“Faiscavam lá, amarradas pelo lenço, dentro de um sapato desusado. Ela mesma as guardara. Fazia-o, de raro a raro, em cautela reflexa, tal como acontecera àquela noite.

“Ficaram, os dois, aterrados. Assim, não as encontrassem! Antes, muito antes, a realidade da perda. O Alberto quedou-se, voltado para a rua, os olhos distantes, o coração batendo forte. Emudeceu. Um peso estranho descia-lhe no peito, parecendo sufocá-lo. Pensava apenas: como proceder agora? Que aconteceu, ou estará acontecendo àquela desgraçada?

“Decidiu-se. Vestiu o paletó. Apanhou o primeiro táxi, e lá foi para a rua dos Gusmões, o amarrado à mão, inocentando a Marta. O delegado não deu importância maior ao fato.

“— Acontece — disse. — Não precisava desculpar-se tanto.

“Pretendeu, até, confortá-lo.

“— O doutor sabe como são as mulheres. Esquecidas. A minha é assim, também. Já aconteceu esconder as coisas de tal sorte que ela mesma não encontra. Fique em paz, vou soltar a Marta. Volte para a sua pessoa e para sua mudança.

“Por motivos vários, a mudança ainda demandou alguns dias. Um problema menor nas instalações elétricas, ou uma demora inesperada no acabamento da pintura. O tempo bastante para que o Alberto ficasse sabendo que, posta em liberdade, a Marta morreu em hospital.

“Nunca mais a Lavínia falou. A casa não mais interessava. Aos dois. Permaneciam ensimesmados,

como se tolhidos na voz. Definharam. Um ano depois, a Lavínia falecia. O colega que a tratou, e assinou o óbito, não logrou fazer diagnóstico. Escreveu, “parada cardíaca”, e assim foi sepultada.

“Veja: isso ocorreu há pouco tempo, não sem que eu abrisse inquérito, arquivado mais tarde, porque não se apurou qualquer responsabilidade. Como eu disse, ele deve ter cinqüenta anos e você, Mycroft malogrado, sacou setenta. Não. A Marta é a responsável pela viuvez e pelo envelhecimento. Deve ser um fantasma permanente, avantesma que não lhe permite o sono. Converteu-o em farrapo. Penso que não vai durar muito.”

Acertou, em cheio. Ele mesmo arrematou, quando nos revimos, um mês mais tarde.

— O dr. Alberto... Ah!, como previ, morreu ontem.

Bromíldo

*“...aquele que pecou merece açoites...
O número de golpes será segundo a medida do pe-
cado...”*

Deuteronômio, XXIV.

Essa era a sua graça. É; porque iluminado, continua vivo. No sentido amplo, literal. Bromildo lembra bromo que, ninguém ignora, cheira mal, além de venenoso. Sempre, péssimo caráter.

Truculento e arrogante, disposto a provocar e a humilhar os fracos e pequenos. Tinha diploma de desordeiro ou ferrabrés sarraceno. Seu linguajar faria corar doqueiro ou estivador, gente rude, mas boa. Não o dele, que só se socorria dos palavrões e vitupérios para pôr, em cada expletivo, malícia e ódio que pareciam abarcar a criação inteira.

Murmurava-se que o Bromildo estivera no Exército, cabo ou sargento. Dera-se mal. Agrediu, em ocasiões distintas, vários praças e, afinal, o capitão decidiu-se a abrir sindicância ou inquérito.

Com cadeia e expulsão decorrentes. Inevitáveis.

Aí, o Bromildo ladino, matreiro, pediu baixa para alívio do oficial e da unidade que desservia. Atarracado, olhos miúdos, cara de fuinha, testa curta, cabelos podados rentes, à prussiana, braços desproporcionados, musculosos, simiescos, marcava-o, sobre a má ca-

tadura, a aparência geral, grosseira, mal-acabada, que intimidava e repelia.

Despida a farda, o Bromildo montou um jornaleco de bairro. Desses pasquins efêmeros, que brotam para incensar governantes farisaicos e explorar-lhes a vaidade, às expensas do úbere do tesouro. Mandou dois ou três exemplares a Palácio, e acabou encontrando o governador em certa inauguração, que lembrava ajuntamento carnavalesco.

Lá estava ele, infiltrado, junto da placa comemorativa a ser descerrada, puxada a bandeira que deslizava em arame, ao som dos pratos da banda e dos aplausos de áulicos famélicos e guarda-costas avantajados.

Identificou-se, espargidos os dois de confete.

— Sou o editor-proprietário do *Clarim*. Vossa Excelência deve tê-lo lido. Faço justiça a essa administração portentosa. Fui até ameaçado pelos inimigos. Continuei firme. Apaixonam-me as figuras históricas.

E, canalha, mentiroso:

— Vossa Excelência é uma delas. Das poucas.

O governador olhou-o bem. Olhou e gostou. Ali estava alguém com quem podia contar. Subserviente. Pronto para qualquer empreitada. Cabra decidido, potencialmente muito útil. Muito. Golias quasímodo, valentão amoral. Da malta que o agradava, recrutada sempre que possível.

Convidou:

— Passe pelo gabinete. Procure o Odorico e vamos conversar. Diga que é ordem minha. Segunda, à tarde.

O Bromildo inflou o peito. A oportunidade, finalmente, às portas. Não bateria duas vezes.

— Com certeza, Excelência. À tarde.

Todos sabiam que o governador jamais morreria no afã do trabalho. Espertalhão, displicente, boa-vida, cercava-se da pior espécie, gozando de justa reputação de conduta impudente, escandalosa.

Era sábado, e o domingo pareceu arrastar-se, infindável para o Bromildo. No dia seguinte, não esperou o entardecer. À roda das quatro, apresentava-se, encasacado no melhor fato.

Passou, prontamente, antes dos que aguardavam vez, prefeitos, deputados, vereadores, e foi, importante, à sala do Poder.

O governador reconheceu-o:

— Não guardei o nome. Ah! Bromildo. Vou aproveitá-lo. Aviso que exijo dedicação e lealdade. Completas. Comigo não se brinca. À menor falta, rua. E xadrez! Sente-se.

Indicou a poltrona.

— Gosto do seu jeito.

— Sou seu admirador, Excelência. Pode dispor de mim. Aqui está a coleção do meu jornal e Vossa Excelência verá que, há meses, venho exaltando a obra notável que realiza. Vou servi-lo com empenho e coragem. Até com o próprio sangue.

E, convincente:

— Vossa Excelência verá.

O que o outro disse deixou-o estupefato. Respirou fundo, mal acreditando. Sonhava? Não e não. O go-

vernador irá nomeá-lo diretor da Guarda Civil! Deus Altíssimo, diretor! E da Guarda!

Tomou posse em vinte e quatro horas. Ele mesmo, às esconsas, encomendou uma floricultura de flores. Determinou guardas com alamares e polainas brancas — gala —, e música marcial no pátio.

Em breve, implantou o terror. Selvagem, suspedia e exonerava por dá cá aquela palha. Levou como auxiliares uns poucos sabujos, os únicos da milícia, e três moças que contratou a dedo, pelas facilidades que autorizavam. Uma delas viera de baile no Pacaembu: a Clarinda. As outras, ele as recolheu ao acaso, na Penha e Jabaquara, quando fazia inspeções diárias. De fato, andava à caça de faltas insignificantes, nos serviços de trânsito, defronte das escolas, no interior dos cinemas, ou no policiamento rotineiro. Parava pouco na sede, mas a presença era onímoda e tirânica. Sádica. Submetia-se, apenas, às ordens palacianas, que chegavam, geralmente, pelo telefone, e cumpria à risca, quaisquer que fossem, com submissão rasteira e instantânea.

Dobrou a proteção ao governador, selecionando cada policial na estatura e aparência. Esses, com uniformes impecáveis, recebiam ordens estreitas, impiedosas. Cada notável do Estado e os parlamentares da Maioria tinham homens à disposição. Motoristas para levar as madamas ou filhos às compras, colégios ou festas. O mesmo com os magnatas da indústria ou do comércio, que os incorporavam, até, à criadagem regular.

Comprou quatro ou cinco carros de representa-

ção. Luxuosos. Alguns com as chamadas “chapas frias”. Dois, para si mesmo, com placas de latão reluzente. A inscrição “Diretor” aparecia ao lado das armas estaduais, em relevo colorido. Suplementou as dotações do orçamento, multiplicando os gastos da rubrica elástica, “Despesas diversas”. Forrou-se nelas, como se fossem privadas.

Se havia alguém insubstituível, era ele, agora familiar do governador. Visitava o Palácio sem pedir audiência, e irrompia por toda parte, festejado, um dos pilares da alta administração. Dizia-se, até, que a intimidade lhe permitia doses de uísque nos sofás dos apartamentos que o chefe visitava, no rodízio habitual das amantes.

Certa tarde, um advogado o procurou, na sede. Moço de carreira brilhante. O Bromildo remoou o cartão de visita.

— Oposicionista miserável — disse entre dentes.

A curiosidade o fez deixá-lo entrar.

— Mande que passe.

A secretária voltou com o doutor. O Bromildo sopesou-o.

— Isso? — falou para si mesmo. O advogado parecia tímido, respeitoso. Não mereceu convite para sentar-se.

Indagou seco:

— O que o senhor quer? Não ignora que sou muito ocupado. Seja breve.

O que o outro queria era examinar processo administrativo, sumário como todos, e que se encerrou com a fatal demissão do guarda.

— O quê? — berrou o Bromildo.

“Examinar processo meu?! O que o senhor está pensando? Que isto é casa da sogra?! O funcionário foi julgado e punido por mim. Por mim — repetiu, carregando no pronome.

“Não dou satisfações. Sou o diretor e as minhas decisões, irrecorríveis. O que me espanta é o seu atrevimento. Ora, ora, querendo ver autos reservados!”

A essa altura, a Clarinda e um oficial da Guarda, presentes, entreolharam-se. O Bromildo acabava de esmurrar a mesa de carvalho. Fora em crescendo apoplético, e as últimas palavras soavam como urros. Escumava nos lábios finos:

— Para fora! Não tenho mais nada para o senhor.

O bacharel saiu, corrido, mudo. Fremia, impotente.

Os anos rolaram. O Bromildo manteve-se no cargo, apesar da sucessão daquele governador por outro, vindo do mesmo Partido. Redobrou o zelo servil, e se tornou anedota amarga na corporação. Quando um policial, no plantão, enxergava outro, vinha a advertência, em tom sombrio:

— Olha o Bromildo!

Simples, explicar essa permanência. O novo inquilino do Palácio era bem formado, mas fraco, e o Bromildo tinha a escudá-lo prestígio estruturado. Parecia indispensável. Peça colada, inarredável.

Não obstante, pendia-lhe à cabeça a espada do grego famoso. Exercia “comissão”, e uma tentativa para efetivar-se malogrou. Diferença de escassos votos, mas a emenda emplastrada em projeto do Execu-

tivo, a despeito de ser outro o propósito da proposição, caiu.

Aí, ocorreu o impossível. Mais um governador brotou das urnas — povo miserável! —, e esse da famigerada oposição. O Bromildo amoitou-se, fugindo de qualquer notoriedade. Fingiu-se de morto, qual raposa sábia, velha.

Valeu pouco. Cedo, em manhã aziaga — ele já chegava, pontualmente, às oito —, o governador entrou. Visita inesperada, de mau prenúncio. Surpreso, o Bromildo levantou-se. Solícito, afável. Nem sequer recebeu um cumprimento, e, para desagrado e temor crescentes, o governador esparramou-se na cadeira da diretoria, frente ao custoso jogo de mármore e à caneta de ouro, símbolos da importância.

Logo após, adentraram a sala, convocados previamente, os assistentes diretos.

Escutaram todos:

— De vocês, cuido mais adiante. Quanto ao senhor — isso para o Bromildo —, está demitido. Lavrei o decreto.

Continuou, duro:

— Sugiro que se vá imediatamente. Não arrume as gavetas. Um promotor virá examiná-las. Vejo que, afinal, me reconhece. Está certo. Sou o advogado que o senhor expulsou de forma sumária. Sumária como a sua demissão.

Olhou dentro dos olhos pequenos do outro, ainda mais apertados pela fúria.

— Rua! Seu chapéu será entregue à saída. Apanhe um táxi ou bonde.

Nesse fim apocalíptico, o edifício pareceu desabar para o Bromildo. Terremoto? Catástrofe telúrica?

Ninguém pense, porém, que o castigo o aperfeiçoou. Talvez tenha, até, agravado sua deformidade moral. Recalcado, redobrou no comportamento mesquinho, não importando o alvo, desde que desvalido. Tudo com o mesmo calão das sarjetas.

Só o dedo divino acabou intervindo, acima e além do inquérito, que lhe desnudou as falcatrusas e as violências.

Casou a filha única. Moça bonita, que tinha cursado colégio famoso. Casou-a com um tenente da Polícia Marítima. Agigantado, maciço, rixento e, por isso, dos amores do Bromildo, também.

Conta-se que, certa noite — a do milagre da transfiguração —, ele foi visitar o casal, lá pelas bandas da Pompéia. Ouviu gritos, ao entrar. O genro seviciava a mulher. Empenhava-se, dedicado, em dar-lhe boa coça, as mãos desferindo pataças nos costados e nas nádegas.

— Para você, cadela, não espiar melosa para o dentista.

E, malhava.

O Bromildo ficou roxo. Investiu. O marido esqueceu momentaneamente a esposa, e ministrou ao Bromildo surra memorável. Bateu tanto que o mandou para o pronto-socorro. Não houve queixa, e nem o delegado mostrou zelo maior em apurar o fato, vendendo-o envolto em gazes e esparadrapos. No fundo, delicava-se, e a versão de uma queda, do próprio Bromildo, resolia tudo.

Creiam: o vilão mudou por completo, após o espancamento.

Tornou-se cordato, pacífico, bondoso. Desaparecida a truculência, chegou a reunir amigos. Irreconhecível. Outro homem. Agora, todos entendem quando dois guardas se cruzam, e um deles brinca:

— Olha o Bromildo!

Vem a resposta:

— O primeiro ou o segundo?

A diamond is forever

“As faltas dos tolos são, às vezes, tão pesadas e tão difíceis de prever que colhem os mais sábios de surpresa; e, assim, não são úteis senão aos próprios que as praticam.”

La Bruyère, *Pensadores franceses*.

O Matos encontrou-o no vestíbulo. Ele entrava, o outro saía, detidos pela porta giratória. Parecia vagamente conhecido. Moreno, meia-idade, alto, feições regulares, bem-ajambrado.

“Brasileiro?” pensou. Hóspede, ou visitando alguém.

“Onde o teria visto?” Mas o discreto movimento do *lobby* fê-lo esquecer o incidente. O Barkley era famoso e ainda o é. Ficar nele vale por um título. Cartão de visitas.

Exclusivo ao máximo, está, para os que o procuram, sempre repleto, a menos que sejam notórios pela nobreza ou pela fortuna.

— Não há lugar — é o que se escuta, mesmo com a metade dos apartamentos vacantes. O Matos ouvira notícias dos que tentaram, de balde, registrar-se, a despeito de telegrama prévio, pedindo reservas.

Não era o dele. Escolhia hospedeiro diferente, reputado, também. Mais agitado e central. O Grosvernor. Espécie de requintada estação ferroviária, no

qual as raças e as profissões se misturavam, com música de orquestra invadindo o bar e o restaurante, amortecida pelo murmúrio, que lembrava maré montante de centenas de vozes, a que a delicada tonalidade feminina emprestava toque festivo. Não, o Barkley. Este recordava, antes, câmara mortuária, com criadagem de libré, grave, aparentemente lamentando perda irreparável. Ingleses e americanos dividiam-no, caminhando sem ruído, como na ponta dos pés, sobre os espessos tapetes árabes, e falando em cochichos, temerosos de volume desrespeitoso. Lá se achava o Quinzinho, no melhor e mais caro hotel do mundo. Já era habitual. Com certeza, conseguira acomodar-se quando viera a primeira vez, há muitos anos, fazendo escorregar cédula de vinte libras ou de cem dólares, a um dos assistentes da gerência.

Procedimento condenável, sim, mas possível, frutífero, mesmo sob aquele teto augusto, de fiscantes luminárias de Murano. No salão, pesadas poltronas do melhor couro contrapunham-se às paredes, revestidas de pano azul-celeste.

O Quinzinho enganava os desavisados. De fato, enganava a todos, com o seu “coronel”, cuja origem ninguém sabia. Não servira na ativa e, tampouco, arrolava-se na reserva. Moço demais para o recurso avoengo de buscar o posto na patriótica e inesgotável Guarda Nacional. Amealhou uma das maiores pecúrias latino-americanas. Primeiro madeira, depois café e gado e, afinal, tudo. Dono de casa bancária em São Paulo, sólida como o rochedo que leva, em corruptela, o nome do mouro.

A certa altura do seu destino de Midas, estudou Direito por correspondência, em uma das mais complacentes faculdades, dessas que os alunos sequer conhecem o paradeiro.

Não usava o “doutor”, mesmo se o desejasse. Era “coronel”, e pronto! Enviuvou cedo, e à parte um velho caso com dama aventurosa, vida disciplinada. Baixo, calvo, rechonchudo, olhos luminosos, claros e sagazes, tornara-se legendário pela destreza com a qual atuava nos mercados.

Midas, sim, mas bonachão e generoso. Inteligência aguda, responsável pelos lances que a esperteza, inata, fazia infalíveis.

O Matos avistou-o bebericando Porto. Beiravam as quatro da tarde, o que importava pouco. Para os ocupantes do Barkley, aliás, válido para os estabelecimentos congêneres, não havia hora de licença para o álcool. Peça o que desejar.

Soergueu-se, ao ver entrar o amigo. Apertou-lhe a mão e indicou, com gesto displicente, a poltrona.

Aqui e ali, sentavam-se outros hóspedes. Poucos. Um ou dois ianques, identificados pela pronúncia desagradável, áspera, os vocábulos nasalados ou sibilantes, as vozes altas. Duas velhotas vestidas de escuro, afogadas com rendas até o pescoço, troncos nodosos da tradição, e mais quatro ou cinco de seus patrícios, em torpor sonolento, o *The Times* no colo ou sobre pequena mesa. Um *Financial* abandonado ao chão.

— A família boa, Matos? O que o traz a Londres?

— Máquinas — foi a resposta do engenheiro. — Pelo jeito, não vou comprá-las. As alemãs são igual-

mente eficientes e mais baratas. Não sei o que anda acontecendo à Inglaterra.

— Ora, você sabe. Greves, modorra nacional, salários abusivos, tecnologia defasada e, por isso, falta de competitividade. Acaba expulsa. Mas há séculos supera a ameaça.

Chamou o garçom impecável e ordenou o gim-tônica para o outro.

Prosseguiu:

— Acabo de falar com um nosso patrício. Possivelmente, vocês cruzaram. Não vou dar o nome. Ou escolho o nome ao azar. Oh! sim, receio que você o conheça.

— Já o vi, suponho... — ressalvou, prudente, o Matos. — Não posso situá-lo. Viajo sempre pelo país e pelo exterior. Sei que nos encontramos, mas não sei onde ou quem é. Posso tê-lo visto em uma reunião qualquer. O bastante para guardar-lhe os traços. Isso não é relevante, Quinzinho. Rio, Recife, Brasília... Deus sabe onde!

Aí, a curiosidade mordeu-o.

— Por quê? Coisa interessante?

— Pois conto. Imagine que se chama Antunes. Antunes serve. Rico e bem casado. Parente meu apadrinhou esse casamento. Compramos e vendemos, juntos, alguns lotes de nelore. Homem honrado. A história é ímpar e surpreendente. *Annos mirabilis* foram para ele os dois últimos. Fez, então, alguns negócios de vulto, e ganhou muito dinheiro. O filho, que o ajuda, procurou-me na ocasião, e financiei uma fatia polpuda. Está aqui com a mulher, em apartamento do

sócio, ela um Otelo feminino de ciúmes. A que eu sabia, sempre ou quase sempre infundados. Quase sempre — corrigiu. — Desta vez, não. O Antunes e a esposa, recentemente, decidiram fazer uma noitada. Escolheram o *night-club*, perto de Leicester, com o soberbo *show* do Dellafonte. Aliás, o *night-club* é de pessoa das minhas relações. O Forte, imigrante italiano. Chegou paupérrimo, uma das mãos para frente e a outra para trás, e montou tal fortuna, aqui e no exterior, que a Rainha o fez Cavalheiro. “Sir Forte”, veja só... O que interessa, contudo, é a ida de ambos para assistir ao *show*. Instalaram-se em uma das melhores mesas, lá em cima, no eixo de uma espécie de anfiteatro. Ao lado, o clássico champanha no gelo, um casal de brasileiros. Parece que virou moda vir a Londres. Ainda ontem, era Paris e mais Paris. Agora, não. Você não pode caminhar um quarteirão sem esbarrar em gente nossa. Bulhenta, aos gritinhos histéricos, quase sempre sobraçando ou pendurada a sacola verde de Marks and Spencer. A loja é barateira e vende qualidade. Artigos fabricados na Grécia, Itália ou Espanha. O proprietário, judeu, é um gênio. Basta que diga que manda às favas os banqueiros da City. Trabalha com ouro próprio...

— Entendo — apressou o Matos. — Toca a história, Quinzinho.

— Oh! desculpe. De quando em quando, eu divago. Sobretudo nesta cidade. Empolga-me o passado que se acasala com o presente. Lembro-me do *doctor* Johnson: “Quem está cansado de Londres está cansado da vida.”

“Bem. Os dois se acomodaram à espera do jantar e do espetáculo. O Antunes e a Áurea. Os prenomes deram, até, um bonito monograma, com as iniciais entrelaçadas. Chegaram cedo, às nove. Queriam degustar o vinho, sem pressa. O casal, ao lado, erguera-se. Saíra na meia-luz, com certeza para a pista de baile. Voltou, mais tarde, descendo corredor estreito, na confusão dos que iam e vinham. Ao vê-los melhor, o Antunes reconheceu-os. E foi reconhecido, com festas. Gente respeitável, morando em Goiânia. Raça com *pedigree*. Ele, o Antunes havia encontrado em recepção, quando convidado pelo governador. Ela, somente vira de relance, imprecisa, solta na pequena multidão palaciana.

“Segundo me disse, não podia haver nada tão lindo e perfeito sobre a terra. Morena, cabelos de graúna, maçãs salientes, olhos amendoados, com traços exóticos de bugra ou oriental. Boca pequena, carnuda. Corpo escultural.

“Devorou-a, cúpido.

“Juntadas as mesas, o Antunes tirou-a para dançar. Um velho tango, seu favorito, que ainda se toca nessas casas. Percebeu, com emoção crescente, que o interesse despertado era recíproco. Os pares rodopiavam a alguma distância, e as figuras se desenhavam, imprecisas, quase anônimas, como convém. Envolveu-a, sentindo-a coleante, tépida, o coração batendo forte no seio colado ao corpo dele.

“O Antunes quebrou o silêncio que se prolongava, encorajado pelo vinho.

“— Vejo-a amanhã?

“A resposta veio pronta. Sem hesitação. Apesar de sussurrada, límpida, decisiva.

“— Estou livre. O que você sugere?

“— O Ritz, no Piccadilly. Quatro horas, está bom?

“Ouviu.

“— Quatro. Tomamos chá.

“A música acabou com a orquestra ribombando os pratos. Voltaram às mesas. A Áurea perscrutou-o. No olhar inquisitivo havia um começo de certeza. Temia pelo marido, e vigiava-o de perto. Bonita, também, ainda a ajudava a mantê-lo fiel, com rédeas curtas, o fato de os pais serem donos de patrimônio formidável.

“O Antunes parecia perturbado, o que devia acontecer à outra, que fumou durante a noite uma dezena de cigarros, entremeados com segunda e terceira taças de bebida.

“No dia seguinte, reservado o quarto do primeiro andar, o Antunes a aguardava no salão. Apenas tocaram na chávena e nos sanduíches, e subiram logo, o Antunes presa de volúpia apaixonada. Mucama, ardendo para despi-la. Nem deviam ser diferentes os sentimentos da companheira. Decorrida uma hora de amor furioso, dispuseram-se a descer, ele febril, ainda excitado.

“— Amanhã, outra vez? A reserva é para uma semana e, por Deus, como desejovê-la! Não façamos disto uma aventura miserável. Quero coisa mais duradoura. Recordação permanente, fecunda. Que morra comigo. Diz você que nunca procedeu assim.

“Mentiu, quase acreditando:

“— É o meu caso, também. Nunca, e nada semelhante.

“— Antunes, você percebe minha emoção. Eu mesma não me reconheço. Mas estarei aqui, amanhã. Às quatro.

“— E se você não vier? Como posso estar seguro? Como quer que eu vare a noite, à espera desse encontro? E se falhar? Imagina meu desespero?

“A série de perguntas encadeadas com voz trêmula, quente, ali no patamar da escada, pareceu aumentar a perturbação da mulher:

“— Já disse. Venho.

“— Não. Não basta. Dê-me um penhor, uma garantia. Devolvo, quando nos encontrarmos. Mas terei a certeza de que você virá mesmo.

“Resoluta, ela tirou do dedo anular um solitário.

“Matos, devia ser um diamante esplêndido. Seis quilates. A pedra, finíssima. Pura. Comprada no Cartier, presente de aniversário.

“— Aí está — disse. — Guarde-o e entregue amanhã. Parece tolice, mas tranqüiliza você e a mim. A mim também.

“E, decidida:

“— Querovê-lo. Tanto quanto você.

“O Antunes deteve-se alguns segundos. Com gesto final, apanhou o anel, e guardou-o em um dos bolsos. Despediram-se, antes da entrada nobre. Ela embarcou em um dos táxis da fila. Ele seguiu a pé.

“À noite, o Antunes e a esposa saíram. Foram jantar com conselheiro de Embaixada. Regressaram

tarde. A mulher nem mencionou o *night-club* e o casal que havia encontrado. Mas ele, com o remorso instintivo que a culpa imprimia, conhecendo-a bem, sabia que o jantar e a dança estavam gravados nela, indeléveis. Apanhou-a, várias vezes, olhando-o desconfiada, prevenida. Parecia adivinhar, com o famoso sexto sentido do sexo que repele, sempre, com ou sem motivo, a presença de possível rival. Quase, invariavelmente, com motivo.

“Veja você, Matos, o que aconteceu. Muitos podem imaginar que é ficção ou sonho indigesto. Não. O homem esteve comigo, há pouco. Lívido. Composto, mas aniquilado na alma. Aquela noite, enquanto no chuveiro, a esposa colocou o terno no cabide. Apalpou a jóia esquecida. É espantoso, mas aconteceu. Esquecida! Tirou-a, boquiaberta. Segurou-a, convulsiva, e gritou.

“— Antunes! Que anel é este?

“Ele petrificou-se no banheiro. Enrolou-se em toalha, a água formando largas poças. Pensava, furiosamente. A solução chegou como um raio de luz. Esclarecia tudo, até com vantagens. Caminhou, firme.

“— Querida, você estragou a surpresa. Comprei-o hoje. Presente de viagem, com os negócios de vento em popa.

“Olhou-a nos olhos. Neles uma sombra de incredulidade, em luta com a vaidade satisfeita. Colaram-se, abraçados. Às quatro, lá estava o Antunes no Ritz. Ao sair, vencido o ritual fogoso, a companheira cobrou.

“— O anel. Você não o trouxe? Ontem, meu marido notou a falta. Disse que tinha mandado limpá-lo, o que pode demorar dois ou três dias.

“O homem justificou-se.

“— Deixei-o no cofre do prédio. Os condôminos têm gavetas, e uso a de meu amigo.

“Mostrou a chave.

“— Afinal, isso é bom. Obriga você a voltar amanhã.

“Ela não insistiu.

“— Não tem problema, mas não deixe de trazê-lo ou fico em apuros.”

O Matos estava espicaçado. O episódio, real embora, parecia fruto de imaginação criativa.

— E daí?

O Quinzinho acendeu um charuto, depois de lamber, atento, uma das pontas do havana. Acendeu. Considerou a nuvem perfumada. Continuou.

— Você viu o Antunes, repito. Uma destas manhãs — eu ainda dormia —, veio procurar-me às sete horas. Madrugada escandalosa. Indecente. Telefonou com tal urgência que desci sem fazer a barba. E estou no Barkley, entendeu? Queria doze mil dólares, de pronto. Sem tardança. Tinha visto um brilhante maior e mais bonito, e montou o plano. Disse à esposa, pouco ou menos, isto:

“— Áurea, meu bem, não gostei daquela pedra. Comprei coisa melhor, mais cara. Talvez, mais pura. Paguei só a diferença. Dê-me o anel que eu vou devolver, e fique com este.

“Lá demorava, no estojo negro, algo ofuscante.

Um solitário, gema rara, que a Áurea agarrou com avidez. Então, encarou-o. O Antunes afirma que ela sabia, segurando o estojo, que estava sendo enganada. É o que mais o deixa perplexo e desesperado. A impressão é dele. Pessoal. De qualquer forma, a esposa fez a troca. Moveu-se com vagar, em câmera lenta, remoendo pensamentos, que não externou. Vou concluir.

“O Antunes acaba de despedir-se. Quando pediu aquela importância, deu-me as razões da urgência, e recebeu um cheque. Voltou para pagá-lo. Não sei se você registrou o nervosismo, a cor emaciada, doentia. Devolveu para a amante ocasional o anel amaldiçoado. Só se esqueceu de detalhe, no trato com a esposa. Pormenor insignificante. Na caixinha — ah! a caixinha de veludo — a da troca —, estava o endereço de Bond Street. A Áurea foi até lá. Desejava substituir o anel por uma pulseira. Acertava o preço excedente. Pediu para ver a jóia que o marido deixara, o que a ajudaria a decidir-se. O inglês, olhos muito azuis, magnífico em sua casaca, estranhou.

“— Outro anel? Não. O *gentleman* não deixou anel algum. A casa, senhora, não comercia nessa base. Pago à vista, e foi-se.

“A senhora também foi-se... Não era o pecado original do Antunes, mas esse, reiterado e comprovado, extravasava. Embarcou, à noite, no avião para o Brasil. Adianta o Antunes que deixou sobre o travesseiro, em poucas linhas, letras redondas, regulares, bilhete reproduzindo a gravação das alianças. A dela, abandonada sobre o papel.

“— *Semper fidelis.*

“E, abaixo.

“— Canalha!

“— Levou tudo. Sem esquecer o diamante...”

In extremis

“Eu sou Merlin, aquele que as histórias dizem que tem por pai o próprio diabo.”

Cervantes, *D. Quixote*.

Os dois homens eram, por inteiro, diferentes. Quase opostos na idade, na estrutura e no comportamento. O Marcos andava pelos setenta anos, e tinha a reputação de conhecer, como poucos, Direito de Família. Respeitável, austero, erudito, quase não advogava. Havia chegado à altura em que era mais cômodo e rendoso emitir pareceres do que patrocinar causas.

Juízes e tribunais recebiam essa opinião com profundo acatamento. Alto, esguio, vestido com aprumo, quando falava tinha o vezo, com os dedos finos e nodosos, de sublinhar as palavras qual maestro, marcando-as com ritmo harmonioso. Sua memória era proverbial, produto de incontáveis exercícios mnemônicos. Ao longo do tempo, recusou a Corte Suprema, quando um presidente lhe oferecera a nomeação, por todos ambicionada.

Dificilmente, deixava o escritório da residência e as paredes forradas de volumes, onde quedo, sedentário, lia horas a fio juristas, filósofos e clássicos da literatura.

O outro era quarentão. Podia ter sido aluno do Marcos. Advogado, também, possuía larga clientela, pleiteando no campo do Direito Comercial, às voltas com contratos, concordatas e falências.

Nessas lides prósperas, conhecera o Marcos, quando precisou de um ou dois conselhos, que não houve, tal o senso moral do colega que, na especialidade restrita, recusou ajuda. O fato, porém, permitiu aproximação que gerou essa estima recíproca, cimentada, depois, até o calor da intimidade.

O Jair passou a visitá-lo, sobretudo aos sábados, quando o lazer permitia, a ambos, troca de idéias e experiências, que jamais resvalava para mexericos desavisados. Eram, sobretudo, impessoais, didáticas.

O Jair, gaúcho autêntico, álacre e parlador. De origem apagada, abriu caminho na profissão à custa de mérito afanoso. Resultado de trabalho ingente, informado pela camisa-de-força da conduta ética, e pela competência. Somava a ilustração à habilidade e à honradez, o que não é pouco, na advocacia falimentar.

Alto, também, chefe de família numerosa, apenas alguns cabelos brancos manchavam-lhe as têmporas, ao avesso do colega envelhecido, cuja cabeça e sobrancelhas eram largas pinceladas de neve. As tertúlias, freqüentes, dispensaram os dois de tratamento cerimônioso. Sentiam-se à vontade nas digressões, nas quais valia tudo, desde a situação internacional e econômica sombrias, até a política ou os processos mais em evidência, que desbordaram o Foro para cair no domínio público.

Dizia o Jair:

— Sim. Você tem razão. Ainda outro dia, eu observava que, nessa notável carreira, você nunca promoveu um desquite. Pareceu-me incomum. Está na sua área e, hoje, é episódio do cotidiano. Não há de ter sido por falta de clientes. Então, o quê? Princípios? Não gosta desse tipo de ação? Escrúpulos, Marcos?

O outro negou com um gesto. Acertou os dedos, enclavinhando-os, e respondeu, a voz apagada, mas nítida. Falava sempre baixo, embora audível.

— É meia verdade. Fiz um, Jair. Um só. Chamado por mim mesmo desquite *in extremis*. Você deve saber, ou eu já lhe disse, que não me agrado do instituto. Não leva a nada. Minhas convicções são divorcistas, mas não temos divórcio no país por força de falso tradicionalismo e do poder da Igreja. O desquite condena a mulher a uma vida monástica impossível, forçando-a a colecionar aventuras. Quanto ao homem, após um período de euforia, que lembra o voejar das borboletas, pode encontrar companheira, mas sempre à margem da lei e da moralidade convencional. Não falo dos filhos. Estes, então, não têm pai ou mãe. Quando muito, a metade de cada um, e crescem em ambiente pejorativo, senão vergonhoso, com os resultados previsíveis. Não sou tomista, não. Apenas pragmático. É quadro pungente, que aquelas influências fingem ignorar, porque é fácil ignorá-las!

— Bom, e o caso que você mencionou? Esse *in extremis*...?

O Marcos deteve-se por segundos. Parecia debater se narrava o episódio ou o sepultava, passando adiante. Afinal, decidiu-se.

— Não há inconveniente, se eu tomar alguns cuidados com a história. Você verá que os fatos sobrepujam a ficção, verdade surrada. Depois, escorreram anos e não houve noticiário escandaloso. Se você me permitir, troco os nomes. Sim. Fiz esse desquite. Rápido e urgente, lembrando dramática intervenção cirúrgica, que será bem-sucedida ou o paciente morre.

“Os dois rapazes estudaram na mesma classe de colégio famoso, do interior. Lorena. É casa de Salesianos, disputada. Somente moços ricos conseguiam vagas no internato, quase sempre saídos de Minas ou São Paulo. A dose de mineiros, talvez, maior. Essa reclusão tornou-os amigos, inseparáveis. Gostos idênticos, com os mesmos pequenos vícios. Fumavam nas privadas, ou explodiam bombinhas juntos, por exemplo, com o risco de suspensão. Praticavam, lado a lado, os esportes, e trocavam romances da biblioteca, que não devolviam.

“O Francisco distinguiu-se nas aulas de Ciências, e o Alfredo, nas Matemáticas. Mas Júlio Verne e Conan Doyle os reuniam. Terminado o ginásio de cinco anos, depois de trocarem cumprimentos com os parentes, separaram-se, sem muita esperança de reencontro. O Francisco se foi para a região de Uberaba, enquanto o Alfredo voltava para esta capital. Aquele estudou Medicina. Praia Vermelha, se não me engano, a de mais renome. O Alfredo matriculou-se na Politécnica, um dos orgulhos da Engenharia.

“Os anos rolaram. Diplomados, regressaram para as suas cidades. Logo, estavam casados. Casamento em nível bom. Uma das moças, filha de fazendeiro, cria-

dor de gado de corte; a outra, de comerciante do atacado. O Francisco abriu seu consultório, amparado pelo respeito e pelo patrimônio do pai. O Alfredo instalou escritório para projetar e desenhar máquinas-ferramentas. Bem-relacionado, o êxito chegou rápido, até porque o dinheiro é zeloso serviçal do dinheiro, à feição dos rios que deságuam em cursos maiores, ou no próprio mar.

“Certa tarde, o Alfredo caminhava pela rua Quinze, saído de banco. Pára à esquina de travessa onde estava a casa Frizzo — você lembra-se? — ou ainda está? —, e hesita. Segue por ela ou vai pelo Martinelli à São Bento? Aí, mal acredita! Do outro lado, o Francisco, procurando mudar de calçada! Identificou-o, prontamente. Mais alto, mais forte, bem vestido, olhando dos dois lados, na cautela que o tráfego recomenda. Gritou o nome e percebeu, satisfeito; envaidecido, que fora reconhecido. O Alfredo mandou a prudência às urtigas e, mesmo à frente de um automóvel disparado, chegou, em instantes, aos braços do ex-colega. A exclamação foi uníssona.

“— Você!

“Coube ao Francisco ordenar a conversa, tumultuada pela surpresa.

“— Deus! Há quantos anos! O que você faz? Por onde tem andado?

“Veio a resposta, ofegante.

“— Sou engenheiro, e você?

“— Médico.

“— Casou?

“— Casei, sim. Você, também?

“Permaneceram ali, por algum tempo, rememorando, saudosos, o passado e o que sucedera a um e outro. Dois vitoriosos, ricos, não só por força de herança doméstica, mas porque construíram, também, fortuna própria.

“— Que tal nos encontrarmos esta noite? — propôs o Alfredo. — Você está só, em São Paulo?

“— Não. Vim com a esposa. Por dois ou três dias. Comprei casa de saúde, que eu mesmo dirijo, e não posso deixá-la. Lembra do boi no Triângulo, só engorda à vista do dono. Mas temos a noite livre. Se você conhece lugar conveniente, onde possamos levar a mulher, que tal conversar e bebericar um bocado?

“— Magnífico! Passo de automóvel e pego vocês.

“Brincou.

“— Como caipira montanhês, é o Hotel D’Oeste?

“O outro riu.

“— Esplanada, atrás do Municipal.

“— Oito da noite.

“— Certo. O apartamento é o 308. Se você esqueceu, o sobrenome é Mascarenhas. Vamos esperá-lo embaixo, prontos. Você vai gostar de minha mulher. Feminina e inteligente. Fórmula rara. De fato, ela até me surpreende porque, sem precisar, chefia toda a administração hospitalar. Anita. Você se recorda da Anita que víamos nas missas de domingo, a velhota sensual que parecia devorar os rapazinhos? Não é essa não. O nome é esse.

“Acrescentou, brejeiro.

“— Só o nome.

“Separaram-se exultantes, prometendo o Alfredo chegar, pontualmente, às oito, levando sua Adélia, que ele fora pinçar na aristocracia de Higienópolis. Ouvi os dois, e o relato é, pouco ou mais ou menos, idêntico. Inacreditável.”

Na pausa que se seguiu, o Marcos acendeu um cigarro, revolveu-o nos dedos, considerando o tabaco.

Foi adiante.

— Não sei onde eu li que quando duas pessoas se encontram, o diabo é, sempre, a terceira. À hora aprazada o Alfredo encostou o carro, e desceu com a Adélia. No Esplanada havia um bar, e a uma das mesas, o Francisco e a Anita se assentavam, à frente de dois aperitivos. O abraço dos amigos, demorado, fraternal. Só depois, as apresentações. Conta o Alfredo que o fenômeno lhe pareceu instantâneo. Ao cumprimentar a Anita, já estava apaixonado, e conta o Francisco que o mesmo ocorreu ao ver a Adélia. Uma faísca elétrica perpassou os dois, e são capazes de jurar que sentiram nas mulheres reciprocidade tão violenta quanto a emoção que os assaltava. Insisto no depoimento. O que assinalou o encontro é essa instantaneidade de paixões acesas, que pareciam palpáveis, físicas, invencíveis. Logo após, estavam a caminho de *night-club*, em Santo Amaro. Discreto e bem freqüentado. Instalaram-se os quatro, ordenando pratos leves, e bom vinho. Em breve, o primeiro casal saiu para a pista de dança, quase na penumbra. Sem permuta de esposas. Só mais adiante, ao meio do jantar, esgotada uma garrafa generosa, o Alfredo tirou a Anita, e foram juntar-se à meia dúzia de pares, colados, ao som

da pequena orquestra. O Francisco e a Adélia não os acompanharam. Permaneceram nos lugares, conversando, e confesso que não sei o que disseram. Sei o que o Alfredo disse à Anita.

“— Imagina meus sentimentos?

“A resposta foi um sopro.

“— Imagino, sim. São os meus também.

“— Quanto tempo vocês ficam em São Paulo?

“— Dias, somente. Não mais. É muito difícil sair, excepto quando acompanho o Francisco em viagem pelo estrangeiro. Europa, por exemplo. Dirijo o hospital, e, sem que eu o diga, ando terrivelmente entediada. Não o demonstro. Ele é ótimo sujeito, e, afinal de contas, eu é que me fiz administradora. Não posso afastar-me.

“— Bem, e amanhã? Você me permite vê-la? Eu preciso!

“O apelo soava urgente.

“— É loucura — murmurou ela. — Nunca supus que me acontecesse, mas me decidi. Sim. Posso sair à tarde, desde que, às oito, esteja de volta. Devo passar pela costureira e, depois, digo que olhei vitrinas.

“— Qual o endereço? Pego-a às quatro. Há uma casa de chá, na São João, próxima do Paissandu. Tomamos um chá. O resto virá ou não virá.

“O Alfredo e ela estavam assim trêmulos, que se sentiram aliviados quando a música morreu. Voltaram ao jantar, lutando consigo próprios para aparentar naturalidade.

“No dia seguinte, o Alfredo compareceu ao escritório, como de costume. Despachou dois ou três clien-

tes, vigiando o relógio, de soslaio. Comeu um sanduíche e, cerca das três da tarde, ligou para a esposa.

“— Adélia, não podemos ir ao teatro esta noite. Surgiu um imprevisto, e devo discutir um projeto com industriais em São Bernardo. Vou até lá, e janto com eles.

“Ouviu o protesto.

“— Mas, Alfredo, você já comprou os ingressos. Há quanto tempo esperamos para ver essa peça?! Você não pode transferir o compromisso?

“— Não, querida. Se eu não aparecer perco o contrato. Não é nada complicado, mas há um ou outro detalhe para acertar. Às nove, estarei em casa. Não dá mesmo.

“Desligou.

“Viu a Anita quando esta deixava a modista e parecia procurá-lo. Levou-a ao automóvel estacionado perto, e dali para a confeitaria, sopitando o coração no peito. Ela, ao lado, belíssima. As mãos depositadas no colo, pálida debaixo da pintura. Lembrava boneca de cera. Pediram dois chás, e mal tocaram na bebida fumegante ou nos doces. Falararam pouco. Ocasionalmente, viam-se nos olhos, iluminados, febris, mudos. Algumas vezes tocaram-se nas mãos, quentes, úmidas. Afinal, ele pagou, e propôs.

“— Vamos?

“O assentimento foi um leve aceno. Tornaram ao carro e, ao anoitecer, pararam em viela, no Centro. Um jornal tinha lá sua sede. Mudou-se, como você não ignora. Hoje, outro ocupa o mesmo prédio. Aos fundos do beco ficava casa considerada elegante e reser-

vada. A porta pintada de verde-escuro, as janelas vedadas com cortinas.

“O Alfredo tocou a campainha. Alguém abriu, e nem sequer foi visto. À frente, pequena escada de azulejos, e uma segunda porta de vaivém, conduzindo ao corredor e a poucos apartamentos de alto preço. Galgaram o primeiro degrau, enlaçados, em antevi o ardente, luxuriante. A porta de dentro abriu-se, empurrada para fora. No patamar, preparando-se para descer, o Francisco e a Adélia. Permaneceram todos est ticos, fulminados. Os que iam decidiram-se após segundos, que demoraram séculos. Passaram na dire o da rua. O Alfredo e a Anita, como aut matos, caminharam até o quarto. Então, a mulher desabou sobre a coberta da cama, soluçando com desespero convulsivo.”

O jurista puxou mais um cigarro. Examinou as unhas polidas. Perscrutou o colega.

— Sempre gozei das rela es desses casais. Aquele tempo ainda advogava, perto da João Mendes. Procuraram-me pela manhã. Muito cedo. Lavrei, no ato, solene como atestado de óbito, a peti o de desquite. *In extremis*. Você pode supor minha mágoa, meu constrangimento? Mas havia outra soluço? Daí eu ter dito, há instantes, Jair, que a realidade sobrepuja a imagina o.

O outro concordou.

O patrono lincolniano

*“O coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida.
Há nele mais que um assombro fisiológico: um prodígio moral.”*

Ruy Barbosa, *Pensamentos*.

O Amaral merecia o título acima. Moço idealista, probo, rígido na profissão, traçara-se linha inflexível.

A clientela era rala, o que o fazia redobrar esforços para manter a esposa e o filho, de poucos meses. Havia firmado reputação de seriedade. O rigor chegava ao extremo de recusar clientes e demandas. Sobre a mesa, no escritório pobre, de primeiro andar da Celso Garcia, mantinha, em letras góticas, um conselho de Lincoln:

“Se você não puder ser advogado e honesto, seja honesto, sem ser advogado.”

A nomeada de retidão era ridicularizada pelos colegas mais velhos e calejados, esses que entendem que o diploma autoriza qualquer defesa, não importando a natureza do crime e do delinquente, e, sim, a pecúnia vindoura. Se para um bom número de advogados a fortuna é sinônimo de permissividade ou preço de *habeas-corpus*, a pretexto do cumprimento do *múnus*, o Amaral discordava. Alto e magro, lembrando, vagamente, a descarnada e sofrida fotografia de seu

ídolo, proclamava a quem quisesse ouvir, nos corredores da Justiça:

— Ladrão é ladrão e, a menos que admita o furto ou o roubo, não o defendo.

Não defendia mesmo. O renome emprestava-lhe aura virginal, tornando-o simpático aos magistrados. Estes o atendiam com deferente admiração, da qual não se ausentava o ceticismo, quase cínico, decorrência de toda uma existência na carreira.

— Ingênuo — dizia um deles, à sala do café —, bom rapaz e bom caráter, mas esses escrúpulos são exagerados. Nunca o levarão a nada.

Valeu por um oráculo, porque o Amaral deveria morrer, mais adiante, usando sempre vestes brancas, imaculadas como a própria alma. Mas há ocorrência na sua vida, tragicômica. Deu-lhe bom dinheiro, mas abriu chaga em sua consciência ferida que, jamais, cicatrizou. Sem perdoar-se. É até possível que o incidente tenha apressado sua viagem para a sepultura. De fato, superado o episódio, ficou semanas sem aparecer no Foro e, muitas vezes, nem mesmo no humilde escritório, que se alcançava subindo escada rangente, cujos degraus gastos, de madeira, com sulcos de visitantes, pareciam chorar, a cada passada.

Mais de uma feita, encontraram-no caído na cadeira de braços, imerso em si mesmo, o cigarro esquecido, consumindo-se pendente da boca, os olhos vítreos, perdidos no espaço ou na página do livro, que não lia.

É uma história estúpida, a do Amaral. Quase anedótica. Não obstante, cada homem é um mundo em si, e esse elemento imponderável chamado consciência

aparece com peso terrível nos indivíduos bem-formados ou, simplesmente, inexiste nos outros, o que é mais encontradizo, no mundo hodierno.

O certo é que, ao entardecer de uma sexta-feira, apareceu alguém. Impressionava, e impressionou o Amaral. Homem cinquentão, grisalho nas têmporas, bem-encadernado em terno de risca-de-giz, austero, senão solene. Extremamente agradável na pessoa física e na voz bem modulada:

— Doutor Amaral? — Não esperou resposta.

“Passava pela avenida e vi seu nome no vidro da janela. Como sou de Uberaba e o meu negócio aqui é relativamente novo, não tenho muitas relações com advogados. Nem precisava deles. Sou zeloso, doutor, e imaginei que jamais me visse às voltas, para minha vergonha e da minha gente, com um processo qualquer. E criminal. Criminal, veja o senhor!”

A reiteração, exclamada, ainda soou mais grave. O Amaral ajeitou-se no assento, esmagou o cigarro no cinzeiro — fumava incessantemente, o que pode explicar a moléstia incurável e fulminante que o levou — e principiou corrigindo o cliente em perspectiva.

— Não me trate por doutor. Doutor é aquele que defendeu tese ou cursou, com êxito, o doutoramento. Não é o meu caso. Sou, apenas, bacharel. De sorte que, se me chamar de “senhor Amaral”, nossa conversa ficará mais fácil.

“Agora, identifique-se, por favor, e, depois, o caso. Vou ouvi-lo com a melhor atenção.”

Deteve-se, e estudou o recém-chegado. A inspeção agradou. Tratava-se, sem dúvida, de indivíduo da

classe média, com alguma cultura, do que dava notícia o timbre das palavras. Presença excelente, requintado no trajar. Os sapatos polidos casavam-se com o terno da melhor qualidade e, no colo, demorava um chapéu de feltro cinza, elegante e caro.

— Meu nome é Melo, senhor Amaral, e note que já começo a atendê-lo. Sou mineiro e, até há pouco tempo, tinha uma fazendola de criação naquele Estado. Gado leiteiro. Os filhos cresceram e a mulher desejou mudar-se para São Paulo, com o propósito de educá-los. Vendi a propriedade e, não querendo ficar inativo, instalei, no Arouche, uma firma de importação. Panos ingleses, casimiras. A loja prosperou além das expectativas. Contudo, de meses para cá, dificuldades criadas pela CEXIM deram-me um golpe rude. As exigências agravavam-se, de tal monta que acabei requerendo minha falência. O patrimônio assegurava, de pronto, todos os credores, o que não aconteceria se me valesse de concordata marota. Não é do meu feitio ficar devendo e, se fosse necessário, cobriria qualquer quantia que excedesse o valor dos estoques, com recursos próprios. Separei alguns trocados, e minha esposa é de família rica. Isso, em síntese, é o que me traz, com um acréscimo: o seu colega, que cuidava da falência, se o senhor me desculpa, revelou imperdoável desmazelo. Esqueceu a causa, ora adoentado, ora no interior, o que permitiu queixa na polícia. Fui acusado de defraudar o espólio.

O Amaral redobrou a vigilância que o protegia.

— Queixa na polícia? Quem a deu?

— Um credor afoito, com quem me desentendi.

Questão de preço e data de entrega. Imagine o senhor que ele me acusa do desvio de centenas de peças de tecidos. As melhores. Desses brilhantes. Muito na moda, o senhor sabe. Ora, nos autos prova-se que esses cortes foram vendidos. Precisei vendê-los, quase pelo custo. Premido, muito premido... Mas todas as notas e os livros comerciais estão em Juízo. Ou devem estar. Pelo menos, entreguei tudo a meu patrono. A queixa é do fim do mês passado, e não consegui localizar esse patrono que, aliás, não funciona no crime. Segundo soube, ele está em Atibaia ou Campos do Jordão com as crianças, gozando as férias escolares. Ouvi, na delegacia, que o senhor é homem capaz, reto e diligente. Pois aqui estou. Quero que me defenda. Meu melhor pecúlio não é esse, o da pequena fortuna amealhada, ou a da mulher, mas é o meu passado. Meu, da velha companheira e do casal de filhos. O rapaz anda pelos dezoito anos e a menina, dezesseis. Espero transferir o garoto para o Arquidiocesano, e ela para o Sion, e já visitei as diretorias. As vagas são difíceis, sobretudo em julho. Mas vou consegui-las.

Deteve-se um instante e rematou:

— Então, aceita a defesa?

O Amaral revestiu-se de todas as cautelas.

— Diz o senhor que o processo já está no Foro? Estranho a rapidez, senhor Melo, mas vou estudá-lo. Na segunda-feira fico sabendo qual a Vara. Devo conhecer o escrivão, o promotor, e o próprio juiz. Funciono muito como advogado dativo, nomeado para patrocinar réus indefesos, que não podem pagar honorários. Note bem, recusei várias nomeações. É só me desagra-

dar do tipo de acusação ou do acusado, e recuso. Não é direito meu, é dever. A conduta ética impõe esse procedimento. Não sei se posso defendê-lo. Se o senhor contou a verdade, a verdade pura, aceito, sim. Se a distorceu, procurará qualquer outro. Sou profissional modesto, mas a correção com a qual procedo firmou meu nome nos tribunais. O que vou fazer é o seguinte: estabeleço meus honorários e recebo metade agora, se veio preparado. A outra metade, só receberei no final, e se absolvido. Na terça-feira, se não me convier a causa, devolvo-lhe essa metade, deduzido, é óbvio, um conto de réis, pela consulta e pelo trabalho. Cabe ao senhor decidir. Serve?

O Melo não hesitou na resposta, e havia convicção.

— Muito bom. Estou preparado, sim. Pago o adiantamento agora, e aceito as condições. Volto na terça. Se o senhor precisar de mim, estou no Términus. Peço licença para deixar com o cheque meu cartão de visitas. Moro lá com a família, enquanto procuro casa no Pacaembu para alugar ou comprar. A cidade me fascina. Encerrado este caso constrangedor, pretendo descansar por algum tempo. Não preciso trabalhar. O que tenho é o bastante para uma vida cômoda, sem exageros. Quanto, doutor?

Corrigiu-se.

— Quanto, senhor?

Outro cigarro ajudou Amaral a sopitar a excitação crescente. Ali estava, sem sombras de dúvidas, o seu melhor caso. O processo podia ser enrolado, cabuloso, mas o Melo tresandava confiança. Teria tempo para conferir e comprovar o que acabava de ouvir, exami-

nando os autos, peça a peça. Se a narrativa do Melo representasse os fatos, o desfecho parecia seguro. Seguro e favorável. Criou ânimo. Nunca havia pedido tão alto. No estômago, uma sensação desagradável, o medo de possível recusa. Espécie de vazio, causando-lhe frio, como se uma aragem gelada tivesse chegado às entradas.

Sacou, firme:

— Oitenta contos, senhor Melo. E, como disse, quarenta agora.

O cliente não se perturbou. Ergueu-se, caminhou até a secretaria, puxou do bolso interior o livro de cheques, preencheu um deles e o entregou, sem palavra. Ao portador, o que o Amaral recebeu como um gesto complementar de cortesia. Só então, falou:

— Terça. À tarde.

Despediu-se com um leve aceno de cabeça, e lá se foi, impecável, como extraído de figurino. A noite descerá e o Amaral encerrou, exuberante, o dia proveitoso.

Quarenta contos! Quando a Lucila visse a ordem bancária, iria pedir o automóvel que ambos tinham namorado, à rua das Palmeiras. E ele podia comprá-lo! Esse, o seu maior sonho. O sonho comum, dos dois. Quando tinha em mente que o preço de um carro, último modelo, ficava abaixo de vinte contos, tinha, também, a importância do cheque e do cliente.

E outro tanto poderia vir! Era só convencer-se da veracidade da história e, assim, da inocência do Melo, na aparência, incapaz de mentir. Não saiu sem telefonar para o Términus. Queria saber se o homem se

hospedava. Hospedava-se. Mulher e dois filhos, em três quartos. Uma nota diária — pensou —, porque o hotel era de luxo, dos mais dispendiosos.

Na segunda-feira, tão logo os cartórios se abriram, o Amaral debruçava-se sobre o inquérito. Tudo o que o cliente dissera aparecia nas declarações, lúcidas, precisas.

A prova limitava-se à queixa de um comprador. As testemunhas nada esclareciam. Quer as perguntas, quer as respostas davam a impressão de postiças. Um depoente lembrava-se, de maneira nebulosa, de um lote de cortes nas prateleiras, pouco antes do requerimento de falência. Se os que sumiram, motivando a queixa ou não, ignorava. O escrivão, o promotor e o juiz eram conhecidos, quase amigos. O promotor e o juiz mais reservados, mas o respeito em que o haviam, inegável. O Amaral funcionou uma dezena de vezes naquela Vara, escolhido pelo mesmo titular. Essa familiaridade permitiu que o processo fosse logo a julgamento, e lá estavam o Amaral e o Melo, este em cadeira recuada, enquanto o promotor ditava as declarações, permitindo ao Amaral contraditá-las, anulando-as. Inseguras, dubitativas. A mais incriminadora era de alguém, empregado do Melo, que vira as casimiras, e registrou o desaparecimento. Inquirido, admitiu, porém, não saber se foram ou não vendidas irregularmente. Sim. Recebeu os salários e, ainda, uma bonificação. O Melo, bom empregador — reconhecia —, lembrava um cavalheiro. Nada que o desabonasse.

No outro dia, os autos foram conclusos para o magistrado, que se limitou a um exame sumário. Afinal, o

patrônio era, também, o Amaral. Exarou de próprio punho a decisão. Inocentando.

Na mesma tarde, o advogado acompanhou o Melo até o hotel, e os dois festejaram com aperitivos. Acerrou-se que, na manhã seguinte, o cliente levaria os quarenta contos restantes. Não apareceu. Não apareceu, depois. Não aparecia nunca. O Amaral sentiu-se angustiado. Resolveu-se. Com mãos trêmulas ligou para o Términus. O Melo havia fechado a conta, sem deixar endereço. Um investigador amigo, diligente, com participação interessada, acabou por localizá-lo nas Perdizes, onde alugara casa.

Ameaçou-o.

— O doutor Amaral... — e frisou o doutor — vai amanhã à Vigilância e Capturas. Saiba Melo que, ainda que não pareça, ele é bem-relacionado. Isso acaba em cadeia grossa. Você não escapa.

Falava à entrada, sem acesso à sala e, aos fundos, mal desenhada, no pórtico de outro cômodo, uma figura de mulher. A do Melo, pensou.

— Nada disso. Diga ao Amaral que sei onde ele mora, na Liberdade, e amanhã bem cedo, sem falta, entrego-lhe o que devo. Um pequeno contratempo, e só. Vou pagá-lo.

Fechou a porta.

Soavam as oito horas de dia ensolarado, quando o caminhão encostou na residência do Amaral. Amontouu na calçada trinta e dois cortes de casimira inglesa. Tecido fino. Vários dos brilhantes, tal como o Melo mencionara. Um vizinho viu, empilhadas, as dezenas

de fardos, que o Amaral recolheu, com pressa, corrido de vexame.

Aberto o expediente na Justiça, lá se assentava ele, à frente do magistrado, contando tudo. Fervia de indignação, nos olhos febris e avermelhados, a suspeita de noite insone. Sem almoçar. A imagem da aflição. Desaparecida a fluênci, chegou a gaguejar. Encerrou a breve exposição, explodindo:

— Ladrão, juiz, ladrão despudorado! Eu o defendi e o senhor o absolveu. Como iremos ficar, depois disso? O que fazer com nossa consciência?

Caíram, nele, olhos cansos. Tranquílios. Lembravam, antes, um pai ou conselheiro, falando a menino taludo, desavisado, talvez do próprio sangue.

— Doutor... — o tom paciente, moroso — o senhor é moço e não viveu bastante. Pesam-me vinte anos de toga, às vésperas de ir para o Tribunal. O governador vai promover-me. Saiba que prefiro absolver mil gatunos a condenar um inocente. O que importa é a boa fé com a qual agimos, eu e o senhor, e essa boa fé nós a colhemos das provas. Leve isso para o travesseiro, e durma com isso.

Sei que o juiz, mesmo na instância superior, dormiu bem.

O Amaral, não.

O conselheiro silenciado

“Como a razão era tão poderosa, apelei para Deus, de onde só podia vir o remédio, assim como só dele vem o castigo.”

Vieira, *Cartas*.

A biblioteca do Magalhães exercia sobre mim atração irresistível. Livros raros. Edições numerosas, completas, ordenadas. Não apenas de Direito ou Literatura, mas praticamente abarcavam todo o conhecimento. Talvez não chegassem às onze mil virgens da anedota. Ao contrário de alguns supostos e doutorais cavalheiros citadinos, que haviam comprado os volumes a metro, vistosas lombadas de couro ou percalina, e nunca os abriram, quase todos continham anotações marginais, com a letra hierográfica do dono enciclopédico.

O Magalhães se aposentara no Supremo, e os seus julgados se fizeram famosos. Com feições de patriarca, era solene e manso, bastos bigodes amarelecidos pelo café e pelo fumo, emprestando ao branco, sobre a boca, coloração mais escura do que a da indisciplinada juba, caindo solta, quase roçando os ombros. A idade avançada enganava, no contraste do rosto moço, os olhos penetrantes, de luz intensa.

Homem acessível, mesmo lá em cima, revestido da toga austera, recebia a todos, inclusive as partes, às ve-

zes gente simples, ouvindo pacientemente. Não emitia opinião. Escutava com manifesto calor e interesse. Deixou lacuna quando o limite de idade o afastou do Tribunal. Agora, restringia-se a pareceres, e ficava nas duas pontas: cobrava extorsivo ou os dava de graça, dependendo o comportamento das questões que a demanda levantasse, e da fortuna do eventual cliente.

Nossa amizade firmara-se ao longo do tempo. Tí-nhamos vindo de vila interiorana, e os anos consolidaram essa querença recíproca, transformando-a em intimidade.

Naquela manhã eu detinha, deliciado, um volume das *Geórgicas*. Acabava de extraí-lo da estante, depondo o que levara, no momento em que o café chegou, fumegando nas pequenas xícaras. Quase sempre tomávamos duas ou três delas, trocando confidências. Conversa solta, informal, evitados os nomes que envolviam personagens, ainda vivendo, algures. Era quase uma revisão de nossas experiências. A dele maior, mais vasta e fecunda, e eu lhe sorvia as palavras ditas em tom sentencioso, a linguagem escorreita, mas sem afetação.

Com curiosidade compreensível, notei-o perturbado. Raramente o vi assim. Inquieto, senão contrafeito. Já havia iniciado a narrativa quando a empregada entrou, e retomou-a, após o último gole.

— Pois é isso. Veja se não é para alguém ficar perplexo ou atormentado. Vou chamar o homem Carlos Alberto. Seja assim. Vale como qualquer outro. O fato é que moramos, os dois, neste bairro. Ele, agora, deixou o Ibirapuera, retirou-se dos negócios e mudou-se

para Perdizes, em apartamento de cobertura. Rico. Muito rico. Atacadista de cereais na Maria Paula, juntou cabedal impressionante. Sério e religioso. Católico fervente, fidelíssimo. Não só conhece os dez mandamentos, mas segue-os à risca, sem faltar a qualquer festa da Igreja. A que eu saiba, comunga amiúde, nas missas domingueiras.

Parou, acendeu um cigarro pinçado dos maços da mesa, e olhou-me. Nenhuma brejeirice no olhar, ao revés da notória malícia.

As palavras saíam secas, didáticas. O tom de voz lembrava professor que desse aula de Ciências.

— Lembro-me da noite em que me procurou. Vinha aos pedaços. Pálido e trêmulo. Penso que entrou naquela condição porque minha mulher o admitiu, assustada. Eu acabava de ser nomeado para a Corte, e me encontrou neste escritório, esvaziando prateleiras. Assentou-se para abrir o coração, o que fez entrecortado de soluços. De quando em quando, tornava-se inaudível, o que me obrigou a convidá-lo a repetir trechos.

“Imagine: a filha, Mercedes, com onze anos, fora violentada, e estava grávida. Manteve o atentado em segredo, sem poder apurar a responsabilidade. A adolescente, com contornos de moça, saíra de bicicleta, à tardinha, e fora agarrada por um vadio. Há, por aqui, muitos lugares ermos, e o bandido a arrastou, consumando o crime.

“Queria o meu conselho. Relutei. Aborto? — indaguei de mim mesmo. Não, nunca. Não só afrontava

minha consciência, como atingia, em cheio, a do Carlos Alberto."

— E daí? — interpus.

— Paramos emudecidos — prosseguiu —, os dois a cabeça derreada. Eu considerava meu relógio como se nunca o tivesse visto, ele rolava, nas mãos, caderneta que não abria. Depois, parecemos concordar em hipótese que brotou, coincidente, nele e em mim. Uma viagem. Que tal a Europa, ou, mais precisamente, a Suíça ou país nórdico? O sigilo ficaria assegurado. O filho, dez ou onze meses mais velho, podia permanecer no colégio. Passava de externo para interno, e havia mil pretextos para a excursão. O comércio paterno. Exames médicos na esposa. Qualquer coisa plausível. Existem por lá, você não ignora, instituições que resolvem casos dessa natureza. Nascida a criança, no maior segredo, é logo adotada. Recebe o nome da família que integra, e desaparece sem rastros, sem a possibilidade de identificação.

Eu já ouvira falar desses retiros discretos. Assinalei meu assentimento, e não interrompi.

— Aconteceu quase tudo como planejado. O Carlos Alberto escolheu Genebra ou Zurique. Mas, sem embargo da mãe ser menina saudável, o recém-nascido morreu no parto. Moravam em vila, na qual se encerravam todos. O trauma que a filha sofreu é inevitável. O segundo, a curto prazo e, de permeio, a gestação de adolescente.

“Ei-lo, ao pai, atarantado, errático, providenciando o sepultamento, no que o ajudaram o médico e a enfermeira. Particularmente a enfermeira, dili-

gente e serviçal. Tão logo saiu o pequeno caixão, a jovem mãe pareceu ensandecer. Dizia coisas desconexas, até com fúria. Ou se ausentava em silêncios prolongados, de abandono ou apatia patológicos. Recusava-se, determinada, resoluta, a regressar. A casa, aqui, lhe inspirava horror. À simples menção do retorno, deixava a dormência, escumando com cólera assustadora.

“— Não vou. Nunca! Fico para sempre. Voltem sem mim!

“Essa, afinal, a opinião dos psiquiatras. O Carlos Alberto convocou mais de um deles, desatento a despesas. O conselho era unânime. Mais adiante, na aparência dona de si, restabelecida a sanidade, teimou em ser adotada. Buscaram demovê-la. Em vão. Ouviram dela que, outra família, outros costumes, outro país, só lhe fariam bem. Repelia a idéia de um pensionato. Falou em suicídio.

“— No Brasil — dizia —, estava o Júnior. Ele bastava. Acabou convencendo. O resto correu rápido. Sem problemas. A entidade que iria cuidar da neta indesejada atendeu a todas as formalidades. Nem o Carlos Alberto, nem a esposa, conheceram os novos pais, praxe rígida, inflexível. Confortou-os a certeza de que eram pessoas decentes e abonadas, prontas a emprestar o próprio nome a alguém, a despeito de lhe conhecerem o passado trágico. Regressaram. A Mercedes desapareceu, com destino desconhecido. Então, o Carlos Alberto, agora viúvo, devotou-se ao herdeiro, seu xará. O Júnior, como chamava com vaidoso carinho, compensou-o, a curto prazo. Destacou-se nos es-

tudos, e fez um brilhante curso de Química Industrial. Temperamento tímido, lacônico. Raramente, na Universidade, encontraram-no longe dos laboratórios. Aprendeu alemão e inglês e — veja você — adquiriu sólido conhecimento de russo. Quase fluente nessa língua. Tudo para servir na profissão. Entendia que os três idiomas seriam indispensáveis, se quisesse progredir. E progrediu. Uma dessas multinacionais que nos sugam — por que a lei não as contém? — empregou-o e lhe deu, mais adiante, cargo de direção. Só se prendia ao trabalho, quase sem companheiros. Ocasionalmente, trocava a leitura de publicação especializada por uma incursão ao teatro. E só. Viajava muito, o que era do seu gosto. A empresa, com freqüência, mandava-o a Londres, Milão ou Los Angeles. Visitou, uma ou duas vezes, Moscou. Firmou nomeada entre nós e na matriz americana do complexo.”

Acendeu outro cigarro, desconfiado, inquisitivo.

— Você está me seguindo?

— Claro, Magalhães. Para ser franco, visualizei o que disse. Você, hoje, soa mais expositivo. Continue, por favor.

— Não via o Sênior, isto é, o pai, há muitos anos. Brasília me esmagou com os seus autos, e você sabe que a detestava. No meu tempo faltava à cidade alma. Só arquitetura e cimento. Leio que melhorou muito, mas, depois de aposentado, nunca mais a visitei. O escritório é o meu mundo. De raro a raro, um colega me distingue para pedir parecer. Entre parênteses: sempre recebi a todos. Recorda-me ocasião em que jornalista maldoso criticou minha conduta. “Pouco orto-

doxa, senão irreverente" — dizia ele. O certo é que, dificilmente, me enganei nas sentenças, porque ouvindo as partes confirmava ou não minha opinião, que não era, necessariamente, a do texto álgido da lei. Registre-se que o Tribunal jamais cassou uma dessas decisões, sempre com conteúdo cristão. Lembrava-me de que poderia, também, ser julgado. Não há, meu amigo, ofício mais penoso do que o de decidir sobre o patrimônio, a honra e a liberdade alheios. Varei insone várias noites, rascunho sobre a mesa. Pela manhã eu o ratificava ou corrigia e, em alguns casos, recusei-o.

— Ora, Magalhães, disso sabemos. Sua lisura, independência e autoridade nunca foram objeto de dúvida. Você mencionou um jornalista. Lembre-se, ele mesmo se penitenciou quando você reviu, corajosamente, aquela condenação controvertida. Guardei, até, o fecho dos fundamentos. Você mencionou indivíduo que viu passar um condenado à forca, caminhando para o patíbulo: "Ali vou eu, não fora a graça de Deus."

"E a história? Você não a terminou. Vamos!"

— Ontem, à noitinha, o Carlos Alberto visitou-me. Tenso. Estalando nos nervos. Desabou na poltrona que você ocupa, um retrato de dor e desespero. Gaguejava, ele que sempre expôs bem. Mandei buscar vinho, dei-lhe um cigarro e, só depois de alguns goles, pareceu coerente.

— Que há, meu amigo — indaguei. — Se você não se dominar, como posso ajudá-lo?

"Pareceu recompor-se. Engoliu em seco, fazendo

subir e descer o pomo-de-adão. Sussurrou, os olhos na ponta dos sapatos.

“— O filho...

“Fiquei atônito. Sabia o rapaz excepcional. Que podia ter acontecido? Incapaz de falcatrusas, ou de crimes de costumes ou sangue. Ao avesso: alguém tranquilo, aplicado, no ápice da profissão que escolhera.

“— Uma viagem, juiz, uma viagem.

“Disse-o como se fosse culpado ou como se viajar estivesse capitulado no código. Não declarava um fato trivial. Penitenciava-se dele. Senti leve irritação.

“— Sim. Uma viagem. O que há de invulgar, se o Júnior deve viajar?

“O Carlos Alberto escorregou na poltrona, reclinando-se, vencido fisicamente.

“— Você e eu não nos vemos, há tempos. Visitei-o por último quando chegou, aposentado. Lembra-se?

“E, sem esperar resposta:

“— Isso explica você não saber. Sim, o Júnior não pára. Não há muito desembarcou da Califórnia. Não é isso. Nada e nada que o atinja na hombridade. Merece a reputação. É exemplar. Não calcula o quanto me sinto feliz com esse filho. Realizado. Acompanhei-o no progresso, passo a passo. Êxito a êxito. Agora, preciso de você, de uma palavra sua. De orientação. Juro que não sei como proceder. Nem sei se devo investigar o sucedido. Se é que o pior aconteceu...

“Nas reticências, um gemido.

“— Acerca de um ano, o Júnior foi a Buenos Aires. Erguia-se uma fábrica de derivados de petróleo. Usina, melhor dito. Coube-lhe supervisionar a instala-

ção. Ele mesmo me contou que um dos acionistas, argentino, expressão das finanças e da sociedade, cumprimentou-o, amável. As relações logo se estreitaram. O Balmaceda — assim se chama — tinha uma filha, que só vi de relance. Há poucos meses, em decisão súbita — você conhece os impulsos dos jovens —, casaram-se. Alegrou-me esse casamento com moça recatada, de formação vitoriana. E, Mercedes também! Fui à cerimônia. Recepção no Jóquei, em Palermo, com fraque e tudo. Cheguei há dias, e não consigo dormir. Saiba por quê. De quando em quando, vou por lá para visitar o filho e a nora. Desta vez, o Júnior tinha duas novidades.

“Hesitou, e a emoção pareceu tolher-lhe a voz. Dominou-se.

“— A primeira me fez sorrir embevecido. A mulher esperava um herdeiro. Eu, com um neto! Imaginei-o, enquanto ouvia. Já o adivinhava moreno, puxando a nós e aos avós maternos. Bem latino. Futuro invejável, assegurado. A segunda era uma confissão da esposa, em pleno noivado. Para o Júnior, apaixonado, sem importância maior. Fora adotada. E na Suíça. Tivera uma menina que perdeu ao dar à luz. Sabia, apenas, que era de origem brasileira. O mais vago, esfumado, impreciso, diluído no aconchego dos Balmacedas, que a criaram e plasmaram, por mais de um decênio.

“Aí, veio a questão pavorosa:

“— Pelos céus, Magalhães! Diga-me, agora: o Júnior se teria casado com a própria irmã? Com minha filha?!”

Mais uma vez o ministro acendeu um cigarro e ordenou outro café. Perscrutou-me.

— Que poderia responder? Ali estava dúvida invencível. Se ele a levasse ao Júnior, arrasava-o. Seria o fim. A certeza, por outro lado, além de nosso alcance. Vou concluir: o Carlos Alberto, decorrido algum tempo — e o tempo parou —, ergueu-se, sem receber conforto. Saiu.

“— E você? O que teria dito? O que teria feito?”

Não respondi. Fiz. Despedi-me, e saí.

Caipora

*“Nor no ill luck stirring but
what lights on my shoulder.”*

Shakespeare, *Mercador de Veneza*.

O moço entrou no bar, deambulando com dificuldade. Passou entre as mesas, ocupadas todas, recebendo aqui e ali um cumprimento ou carinhosa palmadinha às costas.

Mais do que popular. Um ídolo. Com alguma cultura, alto, louro, cabelos encaracolados, porte atlético, o Gusmão não parecia ter a idade que, realmente, lhe pesava.

Final de carreira. Iria aposentar-se breve, já sentindo a fadiga da profissão, que exigia permanente esforço físico e mental.

Viu-me, de longe, evitando garçôes e fregueses agitados, até chegar-se. Alguém o amparou para desabar-se na cadeira oposta.

Ordenou uma tônica e pareceu nervoso, senão mal-humorado. Sempre fomos bons amigos. Meninos do Bom Retiro, crescemos juntos. Adultos, cada qual tomou seu caminho, mas a afeição, com raízes de família, estreitou-se. Eu casei, o Gusmão, também. Às vezes, estávamos ali, no Belas-Artes, em plena Rio Branco, bebericando. Gostávamos de identificar as

celebridades: poetas, políticos, empresários, gente influente ou notória. O que havia de melhor nos burgueses, sem excetuar-se a ocasional mulher bonita.

De quando em quando, nascido no Paraná, eu lembrava, a qualquer companheiro eventual, que nossa mesa podia ter sido freqüentada pelo imortal Emílio de Menezes.

Nela, o escritor cáustico, de anedotário ferino, célebre na resposta picante ou provocadora, saldou mais de um débito, versejando. Contas altas, tão altas quanto a pilha das cartelas, indicativa dos chopes que consumira.

O Gusmão me pôs olhos esgazeados.

— Você não sabe, sabe?

Prossseguiu, antes que eu respondesse.

— Garanto que não o conhece, e fica dispensado de conhecê-lo. Ao inferno! Ele parece o fim, o fim absoluto!

Interrompi-o.

— De quem você fala? Ou é grego e não se lê?

— Contar, eu conto. Se você vai entender ou não, não sei, e importa pouco. Mas guarde distância, se defrontar-se com o Novais. Safe-se do recinto, ou vá para o outro lado da rua.

“Estudamos juntos, no curso primário e, depois, no ginásio. Escolas públicas. Você não. Teve o privilégio de formar-se com padres, o que valeu, porque não cruzou com o homem. Sua reputação de azarado está lavrada nos céus, e desbordou esta cidade. Pergunte dele na Baixada Fluminense, se quiser. Basta que eu diga que, ainda no Grupo, era o Novais quem derra-

mava o tinteiro sobre livros e cadernos. Certa vez, quando escrevia no quadro-negro, a lousa desprendeu-se e fraturou o pé de outro menino. Não lembro se no segundo ou terceiro ano, professora muito ciosa de uma velha régua — tinha pertencido ao pai ou avô, não sei — investiu sobre o Novais para discipliná-lo. Quebrou-a... Em pedaços que não admitiam reparos. Escolhido para declamar, em festa de 15 de novembro, devia, no palco improvisado, recitar *A Carnaúba*.

“Principiou, promissor:

“— No deserto, sem árvores, só ela...

“Esqueceu o resto. Arrancaram-no para os fundos, e um dos que o puxavam quase vazou a vista em pontaço de ferro.

“O Novais só fazia acumular desastres. Ouvi que, em tarde tempestuosa, um ou dois raios o procuraram, diligentes. Ele escapou, mas não o mastim que o acompanhava.

“Cresceu tendo ao derredor um espaço vazio, espécie de zona de perigo. Ninguém se aproximava do moço, no receio de tragédia inevitável.

“Em certo instante o Novais apaixonou-se de rapariga da Tijuca. Não a conheci, mas me disseram ser filha de pais que acabaram abençoados, com esse casório frustrado. Você verá...

“Vistosa, rica e prendada, o Novais supunha, nessas núpcias, aliar o útil ao agradável.

“Tímido, timidez imposta e consciente, tal o pavor que inspirava a terceiros, alijando-os, chamou um primo, e ordenou que fosse à família da Carmen — esse o

nome — e a pedisse para esposa. Com certeza, ele a namorava à traição.

“O primo foi. Voltou, e disse não ter encontrado, daquela feita, clima propício. Alguns dias decorridos, retornou na mesma embaixada.

“Nada, ainda. Fez, assim, pelo menos quatro visitas, e acabou formulando o convite para si mesmo... Felicidade generalizada.

“Mas o Novais, com nojo, desapareceu por alguns anos.

“Perambulou por Goiânia ou Corumbá, no Oeste. Uma espécie de caixeiro-viajante, maleta de amostragem à mão, e ouvi, também, que extraviou várias dessas maletas de alto preço.

“Desceu, muitas vezes, em estações erradas. Os trens, de então, eram notórios pelo atraso, e a pessoa que me falava do Novais daria, para estranhos, a impressão de exagero. Dizia que houve, na época, vários descarrilamentos. Ou aconteciam coisas ainda mais inexplicáveis. O Novais, precavido, combinava com alguém para esperá-lo à estação, uma ou duas horas após o horário.

“Pois o trem, para confundi-lo, chegava pontualmente. E lá ficava ele pervagando a plataforma como filho de perdiz, à espera do cliente ou hospedeiro. Se se fiasse no horário, e aprazasse o encontro como cumpria — ajuntava esse indivíduo que o conheceu —, o trem não chegava. Tinha saltado dos trilhos, no percurso.

“Acabei reencontrando o Novais. Estava na Ouvidor quando ele me tocou o ombro, postado atrás, um

sorriso nos lábios. Sem razão alguma, assustei-me. Quase não o reconheci. Bem-trajado, elegante mesmo, enfarpelado em terno azul, da melhor casimira. O vinco das calças debruadas, perfeito, como se acabasse de sair da prancha.

“Usava polainas — imagine! — e um cravo vermelho à lapela. O retrato da prosperidade...”

— Isso, agora? — indaguei.

— Sim, há dias. Você não se lembra da última tromba d’água, com casas desabando e mortes? Não quero associar as coisas, mas o fato é que o Novais havia, pela manhã, desembarcado da Europa.

“Estúpido, aceitei o convite para um aperitivo. Expliquei que havia comprado palacete nas Laranjeiras, servido por um casal de empregados.

“— Ah! Os empregados... — queixou-se.

“Não param, e pago bem. Recentemente, levei um malandro à polícia. Gatuno desavergonhado. Bebeu toda a minha adega. Outro contraiu moléstia terrível e contagiosa. Precisei interná-lo, com trabalheira dos diabos. Terceiros, sem motivo algum, despedem-se, após o pagamento. Simplesmente, somem. Desaparecem no ar, deixando peças de roupa. Nem voltam para buscá-las. Há dias contratei uns alfacinhas. Lisboetas, sabe, com filhos, e confio em Deus que fiquem comigo. Ando cansado das caras novas, e dos problemas que trazem.

“Olhou-me, fixamente.

“— Felizardo — comentou.

“Com esposa, você deve ter vida plácida, gostosa.

Isso não me acontece. Desde que aquele primo descarado roubou-me a noiva...

“Noiva, uma figa, disse para meus botões. Você mal a conhecia.

“— ... o que não me molesta — assegurou. — As mulheres vão e vêm, sem deixar feridas. Borboletoio, generoso... E o melhor é que não voltam. Não aborrecem.

“Aliás, a mais atraente quase desencarna um dia destes. Apendicite supurada.

“Entendi...

“Logo, chegamos ao automóvel estacionado no Largo da Carioca. Lá parava um Jaguar, último modelo.”

O Gusmão enfunou-se:

— Você conhece a classe deste carro? Acima dele, o quê? Só um Bentley ou Rolls Royce.

“Doeu-me ver um dos pára-lamas. Quase arrançado, lata disforme. A trombada levara o farol esquerdo, e parte da guarnição metálica.

“— Um ônibus — explicou o Novais, em tom casual.

“Tentei ultrapassar no túnel e, na outra mão, vinha o trambolho. Culpa do idiota do motorista. Esses irresponsáveis trabalham doze ou quatorze horas e, quando a noite chega, não enxergam nada. O pior é que não é fácil consertá-lo. Terei que encomendar as partes na Inglaterra. Suba.”

Outra vez o Gusmão me olhou, angustiado.

— Por que aceitei a carona? Por que entrei em máquina que o Novais dirigia? Até agora, não sei. Confesso que estava curioso. A aparência dele, que eu conhe-

ci pobretão, o Jaguar, a casa das Laranjeiras, tudo isso deve ter concorrido para que eu me instalasse no assento de couro, desafiando o destino. Pensei: iremos encontrar um poste, sem dúvida. Ou apanhar em cheio um coletivo de dois andares.

“Enganei-me.

“O Novais me levou, incólume. Em breve, atendido pelo empregado baixote, meia-idade, piloso, a barba raspada azulando o rosto, subia eu os degraus que levavam à ante-sala. Tapete persa. Vasos orientais. Tela assinada e valiosa. Ao lado, abria-se o escritório.

“O Novais foi para a cadeira que comandava a escrivaninha. Eu me instalei na poltrona.

“A biblioteca era pequena, mas coletada com apuro. À parede, algumas gravuras, com o famoso cavalo que o inglês batizou com um palavrão, e o animal acabou ganhando o *Derby*. Ingressou na história da raça eqüínea, livre do jóquei, mas não da ofensa permanente.

“Entardecia, e lá fora a chuva vinha em catadupas. Imaginei se o fim último não chegaria desse modo, e não pelo fogo, como alguns sustentavam. Perpassou-me idéia extravagante: o Dedo de Deus seria o Ararat, ancoradouro seguro para nova arca, banheira do Lloyd ou da Costeira...

“A essa altura, apareceu a portuguesa. Ajanotada. O vestido de riscadinho, com gola sufocante e punhos brancos, fazendo par com o avental imaculado.

“Trazia, em salva de prata, gim, duas tônica e copos.

“Perguntou:

“— V. Exa. deseja algo mais?

“Atendeu ao gesto negativo. Evaporou-se.

“Ficamos os dois recordando o passado. Eu era, agora, um homem próspero. Viajei, também. Sem filhos, com a esposa, dei um pulo a Buenos Aires por ocasião do aniversário dela. Agora, nós dois, por conta própria, planejávamos conhecer os Estados Unidos.

“— Acredite, Novais, até aulas de conversação estou freqüentando no British Council. Práticas. O Ano Novo irá encontrar-me em Nova Iorque ou Washington.

“Cometi uma temeridade:

“— Você não imagina o prazer em revê-lo vitorioso, sob este teto, e com Jaguar e tudo. Parabéns. A excursão que você acaba de fazer põe-me babando. Mas é cara. Não há muito tempo, li o anúncio da Cooks. Não dá pé. Mesmo em contos de réis, é de amargar. E, ainda, é preciso levar algumas libras. Posso esperar. Vou, primeiro, à América.

“O Novais concordou.

“— Certo. Essa viagem ajuda a prepará-lo. Posso dizê-lo. Sou um *globe-trotter*. Quase sempre saio em um desses transatlânticos ingleses, o *Arlanza* ou o *Alcântara*, e de Southampton chego a Londres. Lá, traço o meu roteiro. Por sinal, ao regressar agora, uma criança morreu na piscina.

“Pareceu meditar.

“— Veja você, na piscina! Foi um rebuliço a bordo. Os pais, galenses da Argentina, queriam que o corpo permanecesse no frigorífico para mandá-lo, de avião, a Cardiff, me parece. Nasceram lá. Mas esses acidentes

dolorosos são comuns nos grandes navios. Calcule, centenas de pessoas de mistura. E, o que é mais escandaloso, turistas da segunda e da terceira classes sobem à primeira. Os oficiais fingem não ver, se é que não foram peitados. Alguns passageiros perdem-se nos vários conveses. Acontecem furtos, e até pugilatos. Lembro o caso de uma cabeça partida, quando um passageiro reagiu ao ouvir galanteio mais pesado à mulher que o acompanhava. Nem eram casados, ora, ora.

“Compreendi, sem dificuldade.

“— Imagino, Novais, imagino. Deve acontecer de tudo.

“Um pensamento pouco cristão riscou a minha mente.

“— Você ali, o que me espanta é que o navio não tenha soçobrado. Com essa inhaca! Carteiras batidas, crânios fraturados, menina afogada. Parece pouco. Você está melhorando...

“O que eu disse foi diferente.

“— E essa fortuna, Novais? De onde veio? Deve haver uma história.

“Preparou duas doses. Deitou algumas pedras de gelo, remexeu o conteúdo e sorveu um gole prolongado. Depôs o copo sobre a mesa com força canhestra, quase derrubando, no piso de ladrilhos, a bandeja e o conteúdo.

“Resgatei, destro, o que me era devido.

“Prosseguiu, imperturbável.

“— Ah! A fortuna. Tem origem rara, sim, e acho que merece ser narrada.

“Mais uma vez, olhou-me atentamente.

“Veio a perguntar.

“— Você acredita em sonhos?

“Meneei a cabeça, dubitativo.

“— Sei de alguns casos impressionantes. Como regra, não. Os doutos explicam que são fenômenos psíquicos, ocorridos no sono. Mesmo assim, há sonhos que parecem projetar-se na realidade.

“— Neste, você vai acreditar. Sonhei só um sonho, e veja o resultado ao derredor.

“O gesto largo abarcava tudo.

“— Minha vida mudou, por completo. O que parecia impossível tomou corpo. O lazer, o automóvel, terras distantes... Mais: apliquei bem o dinheiro. Ia colocá-lo em companhia reputada. Lembrava o Pão de Açúcar, na solidez. Quebrou, quando eu estava na iminência do depósito. Dois dias antes eu a escolhi, escrupulosamente. Dessa, escapei por um triz.

“Mas vamos ao sonho. Sim, o sonho.

“Não é que eu estava à frente daquela lotérica, perto da Esplanada? No interior, destacava-se um bilhete. Sob luz intensa, os algarismos vívidos, negros de tal forma que se gravaram na memória. Jamais gostei de qualquer jogo, e a loteria, afinal, é um deles. Ainda assim, impressionado, tão logo a casa abriu, eu entraava, e só encontrei outra pessoa, que parecia conferir um gasparinho. Achei o meu. Retirei-o dos maços colocados sobre a vitrina. Mandei fechá-lo em envelope. Era a sorte grande, essa que dá milhões. Cria nababos. Voltei para o meu quarto. Morava em cômodo no Méier, e só à noite examinei o bilhete. Sexta-feira, e

corria no sábado. Ai de mim! O balonista havia se enganado! O meu número, com certeza, estava com outro. Quem sabe, com o indivíduo que consultava a lista de extração. Recebi um inteiro, que justificava o equívoco: dois algarismos invertidos, na ordem das dezenas. Já percebe o meu desaponto? Tarde para substituí-lo, com o sorteio no dia seguinte. E, também, não me interessava a substituição. Queria aquele, o do sonho, ou nenhum, e o meu já vendido. Atirei o envelope a uma pequena gaveta, e quase me esqueci dele, e teria esquecido se não fosse o premiado. Veja: com bilhete diferente! E há quem diga que sou caipora. Errei ou enganei-me no sonho, mas só no sonho. Embolsei a bolada, e aqui você mevê, senhor de mim mesmo. É sensação indizível. Não precisar de ninguém, e todos precisando de mim. Respeitado. Festejado. Não parece tudo fantástico?

“Anuí. Mesmo com o sonho azarado, os deuses, apiedados, bafejaram o Novais.

“A chuva parara lá fora, e eu devia sair. Tinha compromisso com o treinador. O homem fez questão de levar-me. Preferi um táxi, mas ele insistiu. Caminhamos juntos, quase esbarrando na lusa, que ia na direção do escritório. A luz do pórtico, mortiça. O Novais advertiu:

“— Olha os degraus!

“Não a tempo. Ou sua voz me impeliu? Rolei, estatelando-me contra o Jaguar. Alcancei-o com as espáduas, sentindo dor infernal em uma das pernas. Fraturas múltiplas, expostas. Esqueci a sensação das agulhas de fogo para considerar o anfitrião, com misto de

espanto e raiva. Você viu que estou engessado. Eu, ponta-direita da seleção, e os médicos afirmaram que nunca mais vou jogar futebol."

Suplicava, ao rematar.

— Você escutou? Pelo amor de Deus, se você vir o Novais, ponha-se ao largo. Não o conhecendo, recuse a apresentação. Se o encontrar em lugar ermo, descampado, lembre-se das calamidades naturais. Se estiver em avenida, atente para este tráfego maluco. Cuidado sempre! Cuidado!

Ergueu-se, penosamente, amparado em mim e segunda pessoa. Um fã, um torcedor, presumo, e eu ajudamo-lo a colocar sob os braços as muletas.

Deixou-nos, resmungando inaudível, batendo com os tacos do apoio ortopédico pancadas sincopadas, surdas, envolto no piedoso carinho geral.

“Um, dois, três,...”

“Eis que um espírito o toma e, de repente, clama e o despedaça até escumar; e só o larga depois de o ter aquebrantado.”

Lucas.

O Guedes e o Arnaldo sempre foram bons amigos, e a amizade abraçou as famílias, desbordando o campo profissional. Médicos, ambos. O relacionamento recuava à meninice. Cresceram juntos, no bairro que os paulistanos chamavam, e ainda chamam, Bexiga.

Bairro pobre. Lá embaixo, no miolo, estavam, de mistura, as cantinas e escolas de samba. Italianos e negros, lado a lado, emprestavam ao casario cores singulares. Aqueles, nas pequenas indústrias, quase artesanatos, nas vendas ou bares de esquina, prosperavam, diligentes e parladores; esses, festivos, com o calor afro, tépido e humilde que os caracteriza, eram, sobretudo, operários ou empregados subalternos. Trabalhavam pesado, também, mas, à aproximação de Momo, conferiam ao Bexiga reputação metropolitana, nos cordões que fazia desfilar e nos bailes apinhados, bulhentos, em noitadas que varavam dia claro, a que se associavam os herdeiros dos peninsulares.

Já na infância, os dois haviam decidido estudar medicina. Concluído o ginásio, pago com penúria,

matricularam-se na faculdade e, então, tomaram rumos divergentes.

O Guedes foi para a psiquiatria. O Arnaldo fez clínica geral. O Guedes parecia mais afortunado. Frequentou todos os cursos da especialidade e, em breve, tinha nomeada como um dos melhores médicos cidadãos. Não obstante, o companheiro não ficou muito atrás. Expandiu sua clientela, levando-a do Bexiga para o centro e, a curto prazo, estavam em consultórios contíguos, na Marconi. Escolheram, a propósito, o mesmo prédio, unidos sempre e, coincidência, casaram-se no mesmo dia, o que impediu a cada um comparecer ao casamento do outro.

A afeição, com o passar do tempo, ainda se fez mais sólida.

Encerrado o horário dos pacientes, quando a noite chegava, encontravam-se em sala das clínicas, trocando visitas. Conversavam, então, rememorando a experiência do dia. Rigorosos na ética, sem nomes, examinavam os casos do cotidiano rotineiro, com interesse profissional e, mesmo, sociológico.

O Arnaldo preferia ouvir. Afinal, o seu dia-a-dia era o das moléstias banais, corriqueiras, pouco capazes de despertar curiosidade, exceto aqui e acolá, quando uma complicação fazia o diagnóstico mais difícil. Aí, socorria-se de colegas, exames de raios X ou de laboratório, que definissem a enfermidade e a terapia. Escutava o Guedes com avidez, porque os mistérios do cérebro o fascinavam. O outro produzia relatos coloridos e lúcidos. Descia a minúcias, explicando o compor-

tamento humano, a conduta extravagante, o paroxismo, às vezes perigoso, dos alienados.

Dessa feita o Guedes convidou:

— Vou a Franco da Rocha, amanhã. É apenas visita costumeira, que faço a um paciente. Já esteve em hospitais privados — e indicou dois deles —, mas... — prosseguiu —, sem recursos, precisei interná-lo naquela casa de loucos. Uma vergonha para nós. Não. Não falo dos médicos, na maioria competentes e dedicados. Mas o hospital, em si, converteu-se em mundo desordenado, ingovernável. Os doentes empilham-se. A moderna terapêutica e os recursos materiais escasseiam. Enfermagem deficiente. Gostaria que você conhecesse o caso, e corresse os olhos pelos infelizes e pela precariedade das instalações.

“Creia-o, Arnaldo, o hospital é, antes, um vasto depósito, todos ou quase todos incuráveis, condenados à morte, que chega lenta.”

O outro assentiu.

— Vou com prazer. Conheço pouco de psiquiatria. Apenas as aulas que tivemos, nunca do meu gosto. Houve instante, quando você decidiu especializar-se, que pensei em ser cardiologista. Mas, não. Receei o campo restrito. Não sei quem disse, Guedes, que “especialista é aquele que sabe cada vez mais, de cada vez menos”.

“Preferi a clínica geral, onde as águas se reúnem. Depois, separei-as, à feição de Moisés. Posso curar ou não, e nesse caso me valho de vocês.”

Gozou.

— Dos que sabem de cada vez menos...

Acertaram, ali, a visita quinzenal para o Guedes, novidade para o companheiro. No dia seguinte, caminhavam juntos.

Era a babel descrita à véspera. Tudo que se possa imaginar em pesadelo pavoroso, desde o ubíquo Napoleão, até a figura macambúzia ou o furioso escumento, extraviado em horizonte hostil e longínquo.

O Guedes olhava pouco os andrajos dolorosos, espalhados pelos pátios ensolarados. Parecia procurar alguém, e saber onde encontrá-lo. Achou. Lá estava ele, afinal, recostado à parede, de cócoras no cimentado. Moço, ainda. Alheado a tudo. Hirto, dir-se-ia imerso em pensamentos insondáveis, lembrando a estátua que levou o escultor irado ao desafio:

“Per che non parla?”

Nem sequer soergueu a cabeça, quando os dois se acercaram. O Guedes levava a ficha. Examinou o homem por instantes, e a ficha, depois. Nem traços de melhora. Sem voltar-se, anunciou para o Arnaldo:

— Caso perdido, receio. Suponho que você não o conhece.

Havia uma quase interrogação na voz. E, sem resposta:

— Não — prosseguiu. — Não pode conhecê-lo. Era um pequeno comerciante em Santana, e tudo lhe corria bem. Não vejo inconveniente na história, que é dramática. Monstruosa, e se aconteceu ao Otávio — esse o nome — poderia acontecer a qualquer um. Surpreende-me ele não ter ainda balbuciado seu canto-chão. É só o que diz. Não indaga de ninguém, e ignora a

própria identidade. Mas o cantochão rítmico é o que articula com relativa nitidez. Sincopado.

Embarcou na narrativa.

— Certa noite, o Otávio estava em casa, lá perto do Horto Florestal. Uma daquelas travessas amenas, sombreadas, árvores altas. Acabava de mudar-se, e a própria esposa escolheu a residência. Pequena, mas ampla e florida, com a hipoteca inevitável, que não preocupava. A loja dava lucros. Há pouco nascera o filho, e sentia-se realizado. O herdeiro completava o casamento feliz, coroando a existência de ambos, a dele e a da Josefa. Mulher morena. Bonita. Com vinte anos ou à roda disso. Acomodavam-se todos à saleta, como de costume. Livros esparsos, baratos, romances de Delly ou Agatha Christie. Lá fora, na garagem, o carro da família. A televisão ligada. Luxo do casal. Além do noticiário, os filmes, e os três se reuniam, marido, mulher e criança, ainda aleitada, deliciados com o lazer confortável. Não perdiam os bangue-bangues, desses que acabam porque morrem todos, inclusive o “mocinho”.

“Repentinamente, surge um vulto no quadro da porta. A cabeça coberta com meia de seda, revólver em punho. Logo após, antes que se proferisse palavra, desenhou-se, por detrás do intruso, a silhueta de um segundo mascarado.

“O filho no colo, o Otávio levantava-o no ar, brincando de cavalinho, enquanto marcava: ‘um, dois, três...’, e ria com o deleite inscrito no rostinho saltitante.

“Deteve-se, enrijecido:

“— O que vocês querem?

“Respondeu ele mesmo:

“— É um assalto?

“Ao lado, a esposa parecia de pedra. Havia nela o horror que a cena emprestava. Transida de medo. Só as pupilas, dilatadas, revelavam o que sentia.

“O Otávio dominou-se.

“— Se é um assalto, levem tudo. Mas não nos molestem. Vejam, meu filho é quase recém-nascido.

“Ouviu então, sibilado, entredentes:

“— Cale a boca! Passe o dinheiro e as jóias. Só isso. Se você não der problemas, nada acontece.

“Caminhou alguns passos na direção do marido e da criança. Aí, o Otávio desorientou-se. Fez menção de erguer-se. Gesto brusco, aparentemente agressivo. Presumo, como presumo tudo, que não teve a idéia de reagir. O gesto foi automático, instintivo, reflexo. O revide veio com uma coronhada. A arma não atingiu o Otávio, e, sim, o filho. Pegou-o na cabeça, desequilibrando-o do colo, jogado sobre o tapete barato. Sangrava, imóvel. Imagine só a estupefação e o ódio montante do pai. Ele e a mulher gemeram, uníssonos. Em breve, o Otávio estava amarrado. Um dos ladrões produziu a corda que o prendeu à poltrona. Então, a casa foi saqueada. Reuniram, os dois, em sacola, o que imaginaram de valor. A carteira de dinheiro, o relógio de pulso da Josefa, alguma prata pobre, e mesmo as alianças, arrancadas dos dedos. Isso feito, chegaram à mulher, e sob os olhos aturdidos do marido, ergueram-lhe a saia. Um soco impediu a reação. Pareceu desmaiá. Violentaram-na, com gozo animalesco.

Quero acreditar que, nesse instante, o Otávio já tivesse perdido a razão. O silêncio, posterior, foi horripilante. Nem o inferno dantesco poderia descrevê-lo. Ele, inerme, emudecido, apático. A esposa com as coxas abertas, o vestido em desalinho. Pensa, derrubada sobre o peito.

“O golpe fraturou o crânio do filho. Você sabe, Arnaldo, que, nessa idade, a moleira é extremamente frágil. Pouco depois, os criminosos se foram. Até hoje a polícia não encontrou pista. E quase nada existe para ajudá-la, à parte os prenomes nas alianças. O relógio e as jóias você encontra em ourives de bairro.

“O socorro chegou na manhã seguinte, quando o leiteiro trouxe o litro habitual. Viu o portão aberto e, adiante, a porta da entrada escancarada. O carro, na garagem. Divisou-o, curioso, pelo buraco da fechadura. Investigou.

“O Otávio fixava a parede, sem ver nada. Mesmerizado. Faltava-lhe a alma arrancada do corpo, agora vazio. A Josefa estuporada. A criança já fria, pernas e braços estendidos em cruz, como se a tivessem martirizado, envolta em áurea pegajosa e rubra.”

O Arnaldo fitava o insano.

— Agora entendo, Deus do céu ! — ejaculou. — Pavoroso!

— Não é tudo. Os parentes do Otávio ajudaram no possível. A casa foi vendida, pago o credor. A loja perdeu-se. Com o pouco que sobrou, internaram-no em um e, depois, outro instituto. Tratamento caro, que não puderam suportar. Dei-lhe ocasional assistê-

cia e venhovê-lo, de quando em vez. Mas acabou aqui. Recolhido de graça.

O outro pôs a questão:

— E a Josefa? O que aconteceu à Josefa?

— As notícias são vagas. Ouvi que se mudou para o Rio. Prostituta. Nunca mais recobrou o senso moral. Abandonou-se, indiferente a si mesma. Caminhou de cama a cama, para o bordel, uma das várias pensionistas. Só viu o marido uma vez, quando nos encontramos em uma daquelas clínicas. Limitou-se a examiná-lo, impessoal, demoradamente, e ouviu, duas vezes, o cantoção medonho. Desapareceu depois, anônima, calada. Atenção! Ouça! Ouça!

Sentiu a mão do Guedes apertando-lhe o pulso, e havia urgência na voz:

— Ouça e trema. Eu trêmo, sempre.

Rematado à parede, a barba por fazer, tombado sobre os joelhos, o Otávio dizia, roufenho e, sem embargo, com nitidez arrepiante:

— Um, dois, três, ... — E teimava:

— Um, dois, três, ...

Saíram os médicos. Naquela tarde, não voltaram a encontrar-se.

A chave

“... e o que nesciamente se torna frade, nesciamente morre e, ainda, quiçá, se vai para o inferno...”

Alfonso de Valdés, *Diálogo de Mercúrio e Caronte*.

Todos nós conhecemos um Aparecido. Não será este, será outro.

O que se descreve é de estatura mediana, sardento, cabelos avermelhados, com suspeitas de pintura, óculos de tartaruga, doutor em generalidades, solene nos conceitos. Professoral. Leu poucos livros, decorando passagens, que citava *ad nauseam*.

Sua especialidade, porém, eram os refrões. Um saco de provérbios, capaz de despertar inveja ao Sancho, de quem emprestava alguns. Raramente, esquecia, com ou sem motivo, o “Conselho de mulher é pouco, quem o toma é louco”.

No consenso geral, tido como cansativo, aborrecido. O tipo que o vulgo define como “chato de galocha”. Não era rico, nem pobre. Abonado. Casou-se com a Eneida, mais atraído pelo nome do que pela noiva. Parecia-lhe bem desposar uma Eneida. Era gregário, mas de poucos amigos, o que se entende.

Bem que os procurava, mas não podia tê-los. Um ou dois contatos bastavam para afugentá-los. Com frequência, quando acorria a uma festa qualquer, somava

em torno de si um pequeno grupo de desavisados para ficar, depois, de copo à mão, reduzido a monólogo. Esquivavam-se, este para o lavabo, esse para cumprimentar recém-vindo, aquele para uma telefonada.

O pior no homem era a segurança teimosa que emprestava à fidelidade conjugal. Arrotava-a, enfático, desafiador, a Eneida à ilharga, ocasionalmente como testemunha.

Naquela noite, o Benevides da casa contígua mais a esposa faziam uma visita. Rápida, como a prudência aconselhava.

O Benevides fora trazido pela mulher, à procura de riscos de bordado. A Eneida tinha belos trabalhos de agulha. Moça ainda, ou melhor, muito conservada, era plácida na aparência, ensimesmada, bem-feita de rosto, voluptuosa nas formas, os dentes alvos, regulares, aparecendo em raros sorrisos. Covinhas às bochechas.

Encontradiça com a cabeça inclinada sobre o bastidor, os novelos multicoloridos no colo, absorta em gobelin de paisagem francesa.

Não apenas se resignara ao marido enfadonho. Habituara-se a ele. Às suas jactâncias. Talvez até pudesse gostar do estafermo, convencida de que o "hábito faz o monge".

O Aparecido embarcou, de imediato, no assunto predileto.

— O homem pecaminoso — doutrinava — deve penar no inferno. Dante coloca-o, Benevides, no segundo círculo. O segundo! Ou me engano?

Exibiu cultura, reproduzindo a passagem:

— Ouvi os que estão no padecer horrendo, é que ao vício da carne se entregaram.

“Isso, aí. Casado, o que pode um crente que dignifica o sacramento procurar lá fora?”

Olhou o outro, que parecia, a um tempo, temeroso e enfadado. Baixo, troncudo, quase gêmeo na idade, o Benevides amaldiçoava, no imo do coração, bordados e riscos, que o tinham levado àquela sala. De quando em quando, ressumava a suspeita. Seriam as explosões do Aparecido pessoais? Indiretas ferinas, maldosas? Fixava-se nos seus pecados. Nas aventuras passadas, e na presente. Sobretudo na presente, que o encantava na maturidade quase avoenga. Um pouco dispendiosa, sim.

— Oh!, diabo! — pensou — mas valia a pena!

Olhou de esguelha a Matilda que, com o tempo, ganhara algumas dezenas de quilos, e absolveu-se.

— Ora, se vale!

E, sempre para si mesmo:

— Culpa dela, que os chocolates e confeitos converteram em matrona de banha. Parece uma pipa.

Afastou, mais uma vez, a dúvida que emergia a cada encontro com o vizinho indesejável. Não. A catinária era somente tese. Convicção doentia, mania aloucada. O outro devia ter um parafuso a menos, ou não sustentaria o que decretava alto:

— Marido assim devia ser levado à estaca. Queimado vivo. Esquartejado, salgado, possivelmente. Das mulheres que se transviam, não falo. Rameiras de alcouce. Ordinárias. Como proceder por essa forma, e conspurcar o tálamo? Para elas não imagino castigo.

Suponho que os índios americanos, das tribos mais primitivas, inventassem qualquer coisa. Suplício horrendo...

“Benevides, outro cinzano? E um cigarrilho? Dos nossos. Temos isso em comum. Vício inocente que não traz o câncer. Só o preço é que parece ladroeira. Fumo quinze por dia. E você?”

O Benevides pareceu aliviado. Renovou o cálice, e acendeu o tabaco fino, alongado. A distração desvia o Aparecido do assunto sofrido, e as mulheres já haviam acertado o desenho do pano. Logo mais, em um dos hiatos, quando o anfitrião meditasse sobre outra investida, ele poderia safar-se, levando atrás de si “aquela rechonchuda”. A ocasião veio logo, não antes da Eneida ter sido intimada a corroborar na retidão do marido, o que ela havia como dogma da Igreja.

Foi-se toda uma semana. Quer o Aparecido, quer o Benevides não trabalhavam. Aqui e ali, faziam ocasional corretagem, aparecendo em diferentes escritórios para colher a relação dos imóveis. Isso lhes permitia sair à tarde, cada um para o seu lado, pretexto, também, para um cinema ou chope, em bar da moda. Nem mesmo o fato de morarem lado a lado amiudava os encontros. As horas diversas, e os rumos que se traçavam, concorriam para apartá-los. O Aparecido era melhor corretor. Mais hábil. Persuasivo. Sem demonstrá-lo, induzia os interessados, indicando, com inteligência, os méritos da propriedade. Tinha um pouco de psicólogo santimonal. Esta era conveniente para casal sem filhos. Aquela, para uma família numerosa, e expunha as vantagens, sem o irritante exagero dos

membros do ofício. Vendera, há poucos meses, prédio de cinco pavimentos. O comprador, católico ortodoxo, moralista histórico, pronto a condenar hereges, revivendo a Santa Inquisição, deixou-se envolver pelo marido fiel que entregava a Lúcifer, Asmodeu, Belzebu ou Satanás, aquele que sucumbisse.

Certo dia, à noitinha, o Benevides, ao regressar, encontrou a mulher em sobressalto. Alvorocada. Nunca a vira assim, nessa excitação, e no olhar, além da espantosa novidade, um certo prazer malvado. Fremia. Agarrou-o, corpulenta, à entrada, lançando-o no sofá. Estourava para contar.

— Benevides, não imagina! A Eneida esteve aqui. Aqui! — carregou, reiterando no advérbio.

— Entendo, entendo. Por que essa afobação toda? Você está fora de si, Matilda. O que ela queria?

— O que queria?! Você não calcula. Imagine que o tintureiro foi à casa do Aparecido entregar um terno. Um terno, Benevides! Você sabe, o japonês da esquina.

— Um terno? Não entendo nada. O que aconteceu?

— Ora, seu bobo. Aí está a coisa. Com o terno, deixou uma chave de quarto de hotel, com nome e endereço. Um desses hotéis de luxo da cidade. Salgado como o Macksoud. Ficou desvairada. Sempre disse que ela era uma brasa, coberta de cinzas, e que andava até os gorgomilos com o marido. Esse puritano enfadonho, que só fala olhando na cara. Até parece querer sentar os conhecidos no banco dos réus. Então...

O Benevides parecia estático. Mecanicamente, afastou as mãos enxundiosas que ainda o agarravam: Per-guntou, com esforço:

— Que mais?

— É o melhor da história. Ou o pior, não sei. Entendo que os dois sempre foram violentos. Ela, a son-sa, capitulou. Tornou-se submissa por conveniência. Sabe o que fez?

O Benevides não sabia.

— Foi ao hotel. Subiu diretamente ao terceiro an-dar, com a tal chave. A da porta de um apartamento. Nada de quarto, não. O malandro tinha alugado o que havia de melhor. Lá estavam maços de cigarrilhos, garrafas de cincano e livros.

— Livros? — balbuciou o Benevides.

— Claro, homem! Os livros que eu vi você emprestar ao Aparecido. Um deles foi presente seu, com de-dicatória amável, e como se não bastasse, escovas de dentes, desodorante, perfumes. Até uma camisola no armário. Uma camisola, o desavergonhado!

O Benevides pareceu de pedra. A própria voz, dis-tante. Metálica.

— E daí?

— Daí, ela veio ver-me. Transtornada, já de malas feitas. O táxi esperando. Nunca imaginei que pudesse ficar tão furiosa. E que palavrões, Deus meu! Tocou-se para a casa dos pais, deixando recado — que não reproduzo — com dizeres sujos. Você se espantaria com o vocabulário. Lembrava prostituta. Vadia da Ita-boca. Mas não é tudo.

O Benevides gemeu.

— Mais ainda?

— Você pode jurar. Há coisa de uma hora o Aparecido irrompeu aqui, atrás dela. Nem tocou a campainha. Branco. Trêmulo. Júrava encontrá-la.

— Começo por dar-lhe uma surra — prometia. — O maldito terno não é meu. Vou pegá-la, Matilda! Este bilhete — sacudiu-o no ar —, ela engole em seco, a poder de pancadas. E quero achar o dono da roupa.

Ajuntou, feroz:

— Mato o desgraçado!

Instantes depois, tão logo o Benevides voltou de inesperada visita ao empório próximo, o telefone tocava. Chamavam-no, com urgência, de Estado longínquo. Contou, contrariado, que se cuidava de assunto grave e sigiloso, não podendo, sequer, ser discutido. Mandou-a fazer as malas e saíram às carreiras, com destino ignorado. Só agora a casa mudou de dono. Mobiliada. O Benevides, através de advogado, apenas retirou as roupas e alguns pertences.

O endereço dele?

O doutor meneava a juba.

— Meu cliente não quer que esse endereço seja conhecido, e...

Com gesto final, tom grave:

— ... sabe. Segredo de profissão.

Pesadelo

“Thus, Hildebrandt finds the source of the immorality of dreams in the germs and hints of evil impulses...”

S. Freud, *The interpretation of dreams.*

Os três rapazes eram tão diferentes quanto amigos. Cresceram juntos em Vila Mariana e visitavam-se amiúde, mesmo que fosse para dois deles apanharem o terceiro, chegada a noite. O cinema ou o salão de bilhar eram a opção. Por toda parte os viam lado a lado, o que lhes mereceu o apelido “Trindade”. Afáveis, educados, de boa família, o fato de serem opositos nos gostos e tendências talvez explicasse a afeição que os unia. O Renato era baixo, moreno, de raízes mineiras. O mais inteligente. Concluído o ginásio, matriculou-se na Faculdade de Direito. Aluno excepcional.

O Américo, filho de italianos, sicilianos de Palermo. Alto e magro, o que é raro com os meridionais da Península. Preferiu a Medicina. Como o Renato, também de origem humilde. Mais esforçado do que brilhante. Informava-o forte dose de bom senso, que o socorria até nos mínimos incidentes. Sua opinião preponderava, aceita sem muito debate pelos demais.

Já o Josias tinha fortuna. Ajudava no negócio paterno, agência de automóveis na cidade. Exercia, bo-

nito, elegante, untado de pomada, fascínio irresistível sobre as mulheres. Conquistador inveterado.

De raro a raro, iam, todos, a bailes, quase sempre a clube da rua Líbero, então reputado, ou a reuniões dançantes que determinada dama proporcionava, congregando moças de escol, aprendendo os últimos passos da moda.

Eu não via o Américo há anos. Médico, também, fizemos cursos de especialização juntos. Comparecemos a simpósios e conferências. Depois, ele mudou-se para Campinas. Abriu, lá, clínica cujo renome desbordou o Estado e até o país. Seu instituto de cardiologia atraía pacientes de toda a América Latina.

Nosso reencontro foi festivo. Contudo, ele me pareceu nervoso, senão irritadiço. Tamborilava com os dedos a mesa à nossa frente. Acendeu vários cigarros e ordenou, pelo menos, três conhaques, em rápida sucessão.

Quando indaguei dos companheiros, vi-o hesitar. Mordeu um dos lábios. Derrubou, desastrado, um pouco da bebida no colete, e olhou-me, atento. Parecia que me examinava. Quase um diagnóstico.

— Bem... — disse. — Sei que você vive em Vitória. Daí a pergunta, isto é, a distância... É uma história absurda, monstruosa. Não consigo entendê-la. Veja, estávamos os três à sacada da casa do Renato, ele e eu recém-formados, o Josias cada vez mais próspero. A guerra havia atirado às nuvens o preço de um carro. Um simples pneumático valia uma fortuna. O câmbio negro oficializado. Solteiro, o Josias era o galanteador conhecido.

“Você se lembra? A que eu saiba invadiu mais de um lar e, uma ou duas vezes, andou pela polícia, às voltas com moças de menoridade. Acertava tudo, com o dinheiro abundante.

“A manhã ensolarada iluminava o jardim, defronte. As flores. As árvores. Um português rústico, mas habilidoso, o responsável pela harmonia dos canteiros. De repente, no portão, um casal e mais a filha se detiveram. O homem tocou a campainha. Olhamos os visitantes, esquecidos da dúvida que nos levaria ao Taco de Ouro ou ao Capitólio. O filme, *Horizonte perdido*, de novela do James Hilton, prometia. Todos nós gostávamos do Ronald Colman, o artista.

“A mãe do Renato recebeu os recém-chegados. Marido e mulher ficaram, para nós, no anonimato, mas a moça deslumbrava. Vinha em uniforme de colégio, a blusa branca, a saia pregueada, azul-marinho, um cordel à cintura, meias subindo aos joelhos, os sapatinhos altos, severos, como pequenas botas.

“Tudo isso visto de relance.

“Impressionava sua beleza. Cabelos negros, pele clara, alva. Olhos enormes, que se ergueram, por segundos, até nós. Baixou-os depois, modesta, parecendo contrariada pela própria curiosidade.

“Lembro-me da exclamação do Josias:

“— Que coisa!

“O Renato surpreendeu-nos. A ponto de voltar-nos para encará-lo. Disse simplesmente:

“— Caso com ela.

“Desceu, e só voltou meia hora mais tarde. Tinha sido apresentado. Conversaram, e a impressão que coureu, final, decisiva, confirmava o que asseverou.

“— Caso, sim. Chama-se Beatriz. Já na segunda-feira vou esperá-la quando descer do bonde. Contou-me que, sempre, acompanha-a uma negrinha, a Dita, espécie de anjo da guarda. Os pais nos procuraram interessados em uma casa. Viram o anúncio nos jornais. Coisas do velho.

“Casou-se.

“O namoro e o noivado demoraram o tempo indispensável para que a menina, com menos de dezoito anos, terminasse o curso secundário. Nós dois sentimos a falta do Renato. Mais do que eu, o Josias visitava a nova família, e falava dela com entusiasmo. Certa vez, ao descrever a Beatriz — em cuja casa estive duas vezes, sempre em aniversário —, o tom de sua voz, morna, apaixonada, pareceu-me suspeito.

“Adverti-o. Nesse particular sou inflexível. Esposa de amigo não me tenta. Não faltam mulheres. Disse-lhe isso e, como resposta, ele se limitou a rir. Gostei menos do riso.”

O Américo deteve-se. Voltou a tamborilar com os dedos compridos e ossudos. Chamou o garção, acendeu um cigarro e ordenou mais um conhaque. Aceitei um gim e tônica.

— Vamos — encorajei. — E o resto?

— Só vi o Josias dois ou três anos mais tarde. Encontramo-nos por acaso, no Rio, no mesmo hotel, o Glória. Ele estava no bar, sozinho e, pelo visto, com uma dose de uísque a mais. Já havia jantado. Eu, não.

Levei-o a um canto. Sentamos e pedi um suco, enquanto ele enxugava a bebida. Não foi conversa fácil. O homem estava quase embriagado e você sabe que os bêbados têm linguagem desconexa. Houve um instante, contudo, em que me interpelou. Parecia lúcido. Só o copo lhe tremia às mãos, com dose já renovada.

O Américo olhou-me, com ar inquisitivo. Parecia que sopesava minha credulidade. Indagava se eu o estava acompanhando na narrativa, que ainda nada tinha de excepcional.

Empurrei-o.

— Continue. Não perdi uma só palavra.

Prossseguiu:

— O Josias voltava no dia seguinte para São Paulo.

— Encontrei a Beatriz semana passada — disse.

“Foi a uma festa, sem o Renato. Gente nossa conhecida. Após o jantar, houve um pequeno baile, com vitrola. O Renato aquela semana ficaria em Porto Alegre, todos os dias. Funcionava como auxiliar de acusação em processo rumoroso. Convidei-a para um encontro. Aceitou logo. Quando eu contei que a desejava desde que a vi daquela sacada, respondeu, a voz quase um sopro, que sentia o mesmo. Acredito que a minha reputação tenha produzido efeito psicológico, predispondo-a e, se você o desejar, minha famosa beleza apolínea. Ela não queria expor-se, e sugeriu o próprio apartamento. Daria folga às empregadas, e ficaríamos à vontade.

“— Por Deus! — interpus. — Você não vai fazer isso, Josias! Conheço o Renato quase tanto quanto você, e esse é um casamento feliz. Deve ter acontecido com

ela o que acontece a muitas mulheres. Uma taça de champanha além da medida.

“O Josias voltou a fitar-me, os olhos embaçados.

“— Oh! Não. Não o fiz, nem vou fazê-lo, Américo. Não é problema de consciência como você pode suspirar. É o pesadelo desta última noite.

“Interrompi-o.

“— Pesadelo, Josias. Que pesadelo é esse?

“— Terrível. Acordei na madrugada, perlavado em suor. Respirando com dificuldade. Fumei vários cigarros, e tomei uma talagada para recompor-me. Veja só — contou-me ele —, eu estava em quarto na semi-escuridão, colado à Beatriz. Defronte, na parede oposta, pendia um espelho. A porta abriu-se, e eu vi o Renato nesse espelho. Depois, um tiro que alcançou a Beatriz na testa. Não ouvi o outro. Nem podia. Eu também tinha morrido.

“Consultou o relógio.

“— A esta hora ela deve estar em casa. Venha comigo.

“Levou-me pelo braço até o telefone do balcão. Pediu interurbano. Cancelou com palavras secas, duras, o encontro aprazado. Foi áspero, quiçá grosseiro. Depôs o telefone, batendo-o no gancho.”

O Américo encarou-me novamente. A voz pastosa. Esvaziou o copo.

— Você vive fora ou saberia. Um dos dois deve ter renovado o compromisso. Ele ou ela? Não sei, e nunca vou saber. O certo é o que li em todos os jornais. Primeira página. Nomes da sociedade e o Josias, solteirão miliardário, com romances notórios. Ele acabou indo

ao apartamento. Estavam à cama, beijando-se, apenas um lençol a cobri-los. O Renato regressou. O julgamento do Sul fora adiado. Achou os dois enlaçados — e o espelho o refletia, de corpo inteiro. O Josias deve tê-lo visto, apesar da penumbra. Escutou um tiro. O primeiro. Quase à queima-roupa. O rosto da compa-
nheira pareceu ficar rubro, o sangue brotando. Não pode ter ouvido o segundo. Morreu ali.

— Como você conhece os detalhes? — indaguei.

O Américo gaguejou.

— Acabo, acabo — repetiu — de ver o Renato no presídio. Visitei-o com o Morais, o criminalista. Contou-nos tudo. Tranquilo. Em paz consigo mesmo. Entendia ter feito justiça. Em algumas passagens pareceu-me inseguro, ora atropelando o que narrava, ora perdendo-se em longos hiatos. Deve ser absolvido. Mas, mesmo assim, recomendei um psiquiatra.

Olhou-me.

— Você acredita em pesadelos?

Disse-lhe que bebesse menos, e fui jantar. Sem responder.

Confidênci

“Pois, sendo assim, que maior loucura pode ser que fazer alguma coisa feia e má com desejo de vida incerta?”

J. Luís Vives, *Introdução à sabedoria*.

Nunca vi o Patrício. E teria gostado de vê-lo. Quem o descreve, gozou de sua amizade — vaidade de poucos —, e lhe deveu vários favores, que confessa. Conta que o homem, na aparência, era inabordável. Fechado em casulo de seda. Certo, ninguém indica pessoas da intimidade desse moço recatado, esquivo, avesso a reuniões ou festas, quase sempre prisioneiro do próprio escritório. Gozava de reputação de erudito, dominando o latim, interessado em línguas mortas. Grego antigo, para mencionar, ou hieróglifos. Chegou a fazer algumas viagens ao Egito, onde permaneceu por meses, às voltas com doutos e papiros. Tinha por trás de si uma das maiores fortunas da cidade, inclusive gado e casa bancária, o complexo gerido por secretário de manifesta eficiência. Ao tempo em que possível, e mesmo legal, transferir dinheiro, depositou somas avultadas nas praças europeias, o que lhe permitia viajar com luxo esplêndido. Várias vezes alugou iates no Mediterrâneo, o que entendia mais conveniente do que barco próprio. Falava

pouco, mas esse laconismo, paradoxalmente, era uma das facetas atraentes do caráter. Vestia-se com discreta elegância, à feição do cavalheiro inglês. Estatura média, bem-proporcionado, pequeno bigode cinematográfico, dentes perfeitos. Amante e conhedor do bom vinho, o que emprestava ao paladar e à adega reputação legítima. Arredio, já o disse, quase ermitão ou asceta. Mas o que tirava o fôlego a quem vencesse essas defesas era a Beatriz. A esposa, espetacular, belíssima, metade de casal perfeito. Tudo indicava que se havia ajustado ao marido, mais do que ele a ela. O mesmo estilo de vida. A Beatriz não aparecia na sociedade. Nunca fora encontrada, só ou em companhia, em qualquer boate ou recepção. Sempre ao lado do Patrício, no Guarujá ou no cais de Santos, onde os dois embarcavam em grande navio, na direção do Havre ou de Gênova. Compraram, escolhido por ela, apartamento em Mayfair, a base preferida para as incursões de ambos. "Tudo à mão", diziam. Londres lhes parecia ideal, porque preservava o anonimato desejado. E Paris estava ali, à esquina, vôo de minutos, com a limusine já esperando no aeroporto, fornecida pelo hotel de cinco estrelas. A Beatriz provocava arroubos de entusiasmo. Clara, cabelos louros, que ela prendia em coque, olhos castanhos, bem-torneada. Formosura ímpar. Falava pelo casal, a voz morna e suave. Exemplo de feminilidade. O Patrício a ouvia com encanto, que quinquênio de casamento não diminuiu. Quase sempre assentia, monossilábico. Mas ninguém se iludia, não, exercendo autoridade plena. Decidia. Seu "sim" e seu "não" soavam finais, e ela

aprendera a não insistir. Mudava os planos ou o assunto. Quem me narrava tudo, veraz, responsável, fazia-o por causa do desquite. Melhor dito, dos desquites, porque mais de um.

Com acesso freqüente ao Patrício, só o Rodrigo e a mulher. Os dois homens tinham negócios amiudados, o que os aproximou de forma inevitável. Visitavam-se. O Rodrigo, com alguns anos a mais, devia andar pelos quarenta. Engenheiro civil, com firma poderosa, contratou obras de pavimentação, e construiu usinas hidrelétricas. Próspero, confiável. Apessoado, galante, parcimonioso também nas palavras. Vida privada sem mácula, afeiçoara-se ao Patrício, com afeição recíproca. A Helena, por sua vez, fizera-se companheira da Beatriz, mesmo em poucas viagens. De extração goiana, voluptuosa nas formas, com vivacidade e graça fascinantes. A um simples observador não escaparia o interesse velado que mostrava pelo Patrício. Só este não o registrava. Sabemos que isso é corrente. Imagino que ele, de fato, nunca o percebesse. A Beatriz, sim. Notou-o de pronto, sem perturbar-se. A outra, cautelosa, sabia ou devia saber até onde poderia avançar, em terreno difícil, escabroso. Não iria longe. O Patrício com seus estudos parecia fortaleza inexpugnável. As relações das duas esposas ensejavam encontros e passeios juntas, um dos maridos no escritório da residência, afundado nas pesquisas lingüísticas; o outro percorrendo estradas ou visitando barragens. Ocasionalmente, as duas se desencontravam. Isso possibilitava a visita isolada ao dentista ou o giro habitual pelas costureiras. O mais,

decorrência inesperada do quadro inocente, é urdida, sem dúvida, do demônio...

Entardecia quando a Helena foi à Avenida Paulista. Procurava a amiga. Afirma, quem conta o conto, que ela sabia, ou devia saber, que a outra estava ausente. Entrou, a despeito de avisada pelo mordomo. Chegou à biblioteca. Lá estava o Patrício acurvado, como sempre, sobre os bolorentos livros de edições raras. Viu-a, sem disfarçar o agrado. Ergueu-se, e mostrou uma poltrona.

— A Beatriz saiu. Uma pena. Sente-se, pelo menos para um café. Avisou-me que só volta à noitinha. Por que não telefonou, Helena?

Acomodou-se, enquanto ele convocava o criado.

— Não importa. Passei por aqui, e quis vê-la. Nada que não possa esperar.

Alongou o pescoço, olhando o volume aberto.

— O que você está lendo? Com certeza é uma dessas coisas que já não são faladas.

Olhou-o, nos olhos, os seios provocantes, arfando sob o decote ousado. Prosseguiu:

— Não receia, Patrício, que esse gosto de revolver o passado afaste-o da realidade? Você acaba se transformando em uma daquelas múmias pavorosas, que me assustou no museu do Cairo. E a vida? Você não quer viver?

O tom era sinuoso, provocativo. Deve ter sido, então, a primeira vez que ele a viu sob essa luz. Mulher plena, soberba. Passou-lhe pela mente, fugaz, a imagem de flor desabrochada. Brincou.

— Talvez você esteja certa. Mas, Helena, viver

como você sugere envolve riscos. Possivelmente, eu me atreveria a corrê-los. Contudo, eles só seriam compensados se houvesse parceria.

Ela suspeve a respiração. Não recuou.

— E daí? Os riscos são inerentes à vida realizada. Condimento dela. Tempero que a torna apetitosa. Acredite, é o que eu penso.

Apanhou a xícara, com um leve tremor.

— Sabe do mais? São incontáveis os que se comprazem ou deliciam-se com esses riscos. Mantidos, é claro, em segredo. Se os conhecêssemos, teríamos uma surpresa. Não imagina.

Então, ele atreveu-se. Nunca supôs que poderia fazê-lo. Impelido por força invencível. A sensação nova e agradável. Circulava no sangue, todo o corpo experimentando o calor montante. Sorveu o último gole. Encarou-a, resoluto.

— Muito bem, Helena. Sem ofendê-la, faço uma proposta. Creia-o, é compulsiva. Vem do fundo do coração.

Deteve-se por segundos, perscrutando-a. Ela sustentou o exame, expectante. Um leve sorriso nos lábios. Ouviu o resto.

— Você iria comigo a um apartamento? Reservadíssimo. Nenhuma possibilidade de sermos apanhados.

A resposta chegou sem hesitação.

— Vou, sim. Para ser franca, há muito esperava o convite.

Ajustaram, ali, o encontro. Hora e local. No dia seguinte o Patrício, imperturbável, saiu dirigindo o

carro. Recolheu-o à garagem de prédio em rua tranquila, a sombra das árvores derramando-se nas calçadas. Entrou pelo elevador de serviço, o proprietário no Rio. Quebrou velho hábito, e serviu-se de dose de conhaque. Ela chegou, pontualmente. Enlaçaram-se em frenesi dementado. Só mais tarde, ainda à cama, como a absolver-se e a absolvê-lo, a Helena lhe narrou o fato, deixando-o aturdido. Fê-la repetir, até entender e convencer-se. O Rodrigo e a Beatriz, amantes há muito tempo... Segundo a Helena, todos o sabiam. Ele, não. Brincou, gaiata, estirando-se sob o lençol como felino.

— Pois é isso. Você devia ignorar mesmo. Ela é uma sonsa. Já comprovei tudo. Estou jurada, mesmo, a separar-me, ainda mais agora, quando dei a paga. Gostando de você, cheguei a sentir pena. Conheci mulher que enganava o marido pela manhã, à tarde e à noite, lembrando receita de pasta de dentes. Toda a Porto Alegre divertia-se, acompanhando o caso. Certa vez, o coitado caminhava em rua central, quando teve um desmaio. Médico famoso, pequena multidão reuniu-se, curiosa, ao derredor, aguardando a ambulância. Os enfermeiros chegaram e puseram-no na maca, mas não conseguiam ajustá-la de volta. Aí, do meio do povo, saiu grito impiedoso: “correm os chifres que entra”. Imagine!

O Patrício ficou imóvel. Pensava. Ergueu-se e vestiu-se em silêncio. Depois, sem que ela entendesse, apanhou-lhe a bolsa e foi à banheira. Regressou para beijá-la e despedir-se.

— Basta bater a porta — avisou. — A arrumadeira põe tudo em ordem.

Apanhou o automóvel. Parecia inacreditável, mas, agora, sem margem de dúvidas. Encaixavam-se os detalhes. As ausências da esposa, regressando tarde avançada. Presentes mal explicados. O que ouvira? Ah!, sim, jóias compradas com a mesada. Um ou outro gesto furtivo. Os pés colados, por acaso, debaixo da mesa de jogo. Dedos se tocando, accidentalmente. Tudo lhe vinha à memória, corroborando o que ouvira, se corroborar fosse necessário.

Só viu a Beatriz quando ela chegou para o jantar. Nada na mulher denunciava qualquer anormalidade. Nele, tampouco. Comeu frugalmente e fechou-se no escritório. Só pelas onze da noite é que se encaminhou para o quarto, encontrando-a já com camisola, a televisão ligada. Aconchega-se, enrolada a um divã, imersa no programa de cinema. Parou à frente, e tirou o paletó. Viu-a estupefata como desejava vê-la. Erguer-se, olhos arregalados, fixando a camisa. Exclamou:

— Patrício! Isso é batom. Batom, Patrício! — E, furiosa. — Você deve ter estado com alguma vagabunda.

A resposta soou contundente.

— Engana-se. Magnífica e com muita classe. A sua. Vou dizer-lhe mais: se você quiser chamar o Rodrigo, ele identifica este batom. Este é o que você usa. Ninguém como ele para isso.

Rematou, com serenidade.

— Durmo no quarto de hóspedes. Amanhã, re-

queiro o desquite. Não será apenas o nosso, mas o deles também.

Narrei confidência havida de fonte inspirada. Repito, nunca vi o Patrício. Sei que se mudou para o estrangeiro, Suíça, se não me equivoco. As duas mulheres casaram-se mal, em segundas núpcias. Odeiam-se. Quanto ao Rodrigo, está por aí.

Mas guardem em reserva esta história. É confidência.

Cuca

*“Ah! — murmurou el-rei — por que é o teu coração
implacável, ou por que te amei eu tanto?!*

A. Herculano. *Arras por Foro D'Espanha.*

A mulher pode ser bonita. Não é afirmação que sustente o conceito segundo o qual o belo para o sapo é a sapa. Não. É o que os estetas consagram e lhes assiste razão. Essa beleza física, à qual se somam a graça, o pudor inato e a versatilidade musical do sexo, também não é freqüente. A perfeição demora nesse raro casamento do corpo com o espírito, que a inscreve nos tempos, convertendo-a em modelo e emprestando-lhe imortalidade. Não obstante, essa fama pode não corresponder à realidade plena. Quem sabe, é mitológica ou lendária. Como seriam, realmente, as figuras de Semíramis, Helena de Tróia, Cleópatra, ou Du Barry, para mencionar? É possível que a tradição exagerasse, confundindo as várias formas de poder que exerceram com a perfeição do porte, a ponto de se inscreverem na galeria da história. Não é o caso da Angélica, que recebeu, não se sabe por quê, a alcunha extravagante de Cuca. Alcunha que a molestava, e não escondia o desagrado. Mas pegou. Ninguém a conhecia pelo nome. A beleza era tal que se tornou patrimônio do bairro, de certa maneira envaidecido por tê-la como residente. De

estatura mediana, escultural, tez morena, esguia na justa medida, ágil como corça, leve como pluma, os dentes perfeitos, os bastos cabelos negros ora reduzidos a tranças, ora caindo sedosos sobre os ombros, olhos enormes, de limpidez singular, dedos afinados e longos, ebúrneos, pés pequenos, pernas bem-torneadas, a Cuca prendia a respiração de quem a visse. Um alvoroco ambulante. Não saía muito. Filha de imigrantes espanhóis humildes, era raro, mesmo aos dezoito anos, surpreendê-la à rua. Poucas vezes a viam, em giro rápido na praça do bairro, em festa de família ou sessão de cinema. Ninguém a encontrava sem deter-se, não revelando a faixa etária. Os rapazes acompanhavam-na com os olhos, até onde possível. Alguns a seguiam, em busca de pretexto que permitisse troca de palavras. Os homens de meia-idade voltavam-se, teimosos, obrigando a esposa, que levavam pelo braço, a corrigi-los com reprimenda.

— Olha pra frente, Maneco! Está tonto?

Estava, sim, e os deuses o absolviam. O curioso é que não namorava. Ninguém podia jactar-se de ter-lhe arrastado a asa, a despeito do desinteresse do irmão, que parecia aceitar, conformado, o entusiasmo que a Cuca despertava. Homem atraente também, mas, como é dela que se trata, deixemo-lo no esquecimento.

Apenas um moço freqüentava a família, pelo visto mais ligado aos pais do que à Cuca. Gozava da estima e do respeito daqueles, e sentia-se, a um tempo, encorajado e esperançoso. Ficava horas a fio à sala de visita provando málaga e alimentando, sem desejar sair, conversa indiferente. Claro, aqui e acolá a Cuca despon-

tava, quase sempre vestida de branco, tonalidade que a fazia mais exuberante. Cumprimentava o rapaz com propriedade, ensaiando um pálido sorriso, que só acrescentava à reserva habitual. Ocasionalmente, examinava-o mais atenta, um pouco a contragosto. Continha-se, parecendo censurar-se, enquanto servia a xícara de café. Saía, então, sem demonstrar interesse maior. Aparentemente, tinha juízo firmado. O Mário era apenas, sem embargo da diferença de idade, companheiro do pai e pessoa do agrado materno. Só isso. Certa noite — e a Cuca só viera uma vez —, o catalão surpreendeu.

— A filha está querendo ir a um baile. No Comercial. Você poderia levá-la? Sabe — prosseguiu —, o mano dela viajou, e eu não agüento essas coisas. Passou meu tempo. Você tem esse terno de gala?

Referia-se a um *smoking*.

Com o coração martelando, o outro mentiu.

— Tenho sim. Quando é o baile?

— Amanhã. Se você chegar às oito, pode pegá-la.

Não volte tarde. Uma da madrugada, está bom.

Ergueu-se. Foi ao corredor. Gritou.

— Cuca!

Ela veio, fuzilando.

— Papai, já disse que esse não é meu nome. O senhor devia saber. Me batizou, não? Não gosto do apelido. A que eu saiba, Cuca é bicho-papão para assustar crianças que não dormem. O que o senhor quer?

Estava agastada. Os braços pendentes, as mãos entrelaçadas, vestido singelo, rodado. Os cabelos lembravam manta de veludo preto, cintilante.

— Bobagem. Chamo você como bem entendo. O Mário vem buscá-la amanhã, para o baile. E traga o café.

Pela primeira vez, a Cuca demorou-se considerando o moço. Ele jurava que o exame não foi impessoal. Indiferente ou frio. Bem ao contrário. Registrhou, quem sabe, longínqua promessa.

O Mário agitou-se, no dia seguinte. A despeito de pobre, bancário admitido há pouco, foi à loja no Centro, e comprou a roupa indispensável. Maldizia-se por não saber dançar, o que o condenava, tímido, à condição de mero acompanhante. Mas, da Cuca! Ia tê-la a seu lado, horas a fio. Poderiavê-la, tocá-la, comprar-lhe um refresco, ou mesmo, supunha, desvairado, dose de uísque. Pôs o melhor terno. Lustrou os sapatos. Penteou-se com pomada, após barbear-se duas vezes. Deramou loção sob os braços e no lenço, e lá se foi, aboncado e cheiroso, à procura de táxi. Quando a Cuca apareceu, ele bebericando ao lado do pai, sentiu a sala girar sobre si mesma. Vinha ela envolta em rendado azul, um colar de imitação de pérolas no pescoço, corrente de ouro, santo pendurado à roda do punho. O Mário sustou a respiração. Não havia homem sobre a terra, qualquer que fosse o berço ou fortuna, que não pagasse qualquer preço pelo privilégio. A Cuca ia além de bonita; irradiava beleza. Sentiu-se nervoso, inseguro. Apagou, canhestro, o cigarro, derrubando e partindo um cálice. Desculpou-se, embaraçado, pediu licença, e lá se foram ambos para o carro que os esperava. Caminhando para a porta, apanhou-a pelo braço, e uma corrente elétrica o invadiu por inteiro, ao sentir a

carne dura e acetinada. Quase não falaram. Já à entrada do clube, ela causou a sensação da praxe. A mesma produzida, depois, quando os dois ficaram sob as luzes, com dezenas de pares rodopiando. Um fox lento — seria fox? —, muito na moda, "Caravan", estava sendo executado pela orquestra. Sentaram-se os dois, todos a devorando, o que incluía a malignidade das moças. Nestas a admiração somava-se à inveja, senão ao despeito. Quando se ouviu uma valsa o Mário permaneceu na cadeira. Procurou, trêmulo, o chaveiro, impelido a ocupar as mãos. Comentou o luxo da festa, à falta de assunto e, quase imediatamente, a Cuca foi tirada por alguém audacioso. Permaneceu miserável, culpando a si mesmo, com o consolo, com travo amargo, de poder vê-la, mesmo que fosse enlaçada por outro. A Cuca dançou sem cessar, assaltada por uma récua de galanteadores. Parecia esfuziante. Feliz. Esgotado o tempo, saíram os dois, para alívio de namoradas ou noivas, até então relegadas a segundo plano. A noite, belíssima. No céu de cobalto flutuava uma lua cheia, resposta à encomenda de qualquer amante. Regressando, a Cuca procurou-o, no assento do carro, enlaçando os dedos. O Mário cismava, inebriado, entorpecido, e o pouco que disse foi monossilábico ou tartamudo. Chegaram. Ela deteve-se no pequeno portão de ferro. Recostou-se nele, já do lado de dentro. Até hoje o Mário não sabe onde colheu coragem. O fato é que sem que formulasse o pensamento a proposta brotou, em sopro ofegante, caloroso.

— Você casa comigo?

Ela abriu, ainda mais, os grandes olhos. Dominada

a surpresa, examinou-o como se nunca o tivesse visto. Sentenciou.

— Não. Quero você para amigo. Amigo de família. Só me casarei, Mário, com homem atraente e rico. Dizem que sou bonita, e acredito que seja. Esse é o meu capital, e vou deixar a pobreza que conheço desde menina. Você sabe, meu pai tem empório. Na esquina, lá embaixo. Penso que devo ajudá-lo, no futuro.

Beijou-o na face e, antes que ele pudesse recompor-se, estava na soleira da casa geminada. Abriu a porta, e foi-se.

Casou, sim. O marido era um apolo irresistível, atacadista de tecidos, a loja herança afortunada. Em pouco tempo — o Mário o acompanhava à distância —, dilapidou tudo. Irresponsável, colecionou aventuras, habitual nas orgias. Chegou a causar escândalo, tornando-se notório.

O Mário progrediu. Disciplinado, estudioso, diligente, foi para a cumeada do banco. Diretor geral. Escolheu mulher bonita, embora nada excepcional. Moça singela, que se fez esposa e mãe magníficas. Impeliu-o nos estudos e na carreira. Encorajou-o. Há muito tempo não tinha notícias da Cuca. Sabia-a com dois ou três filhos, mas nunca voltou avê-la. De início o mundo dela, com o prestígio do marido, não era o dele. Não lhe dava acesso essa sociedade na qual o outro se agitava, displicente, simpático, festejado. As extravagâncias, conhecidas. Boates, cassinos, veleiros e, sobretudo, romances femininos. Fez várias viagens ao exterior sem levar a Cuca, esta às voltas com as crianças, ele inteiramente deslebrado de que dinheiro não sofre desa-

foro. Houve tempo, logo após as núpcias faustosas, em que o Mário a deparava nas páginas de revistas ou no noticiário da elite. Depois, o casal desapareceu. Empobrecido, sem dúvida e, murmurava-se, com relacionamento doméstico difícil.

Em tarde úmida, nevoenta, um dos assistentes da diretoria entrou. Chegava contrafeito. Esperou a porta fechar-se atrás de si, e foi à secretaria.

— O senhor me perdoe. Sei que contrario as normas. Mas aí está alguém que disse que seria recebida. Não consta da agenda. Teimou em tal medida que me atrevi a vê-lo. Diz ela que se eu falar quem é, entra imediatamente. Basta o nome, que me pareceu curioso.

Ouviu, duro.

— Sabe que não atendo sem hora marcada. E qual é esse nome?

— Cuca — gaguejou o auxiliar. — Veja, senhor, só Cuca.

O Mário, apesar da emoção brutal, manteve-se impassível. O peito parecia estourar. Ei-la, ali. Afinal! De-sejava, com certeza, um conselho. Ou dinheiro, o que era mais provável. Sabia que já morava separada. Vivendo com os filhos, agora crescidos, algures. Reconstituiu-a na imaginação. Até nas cores. Viu-a à porta, seguindo para o baile. Esplêndida. Com formosura e encantamento indizíveis. Agradecida, quase carinhosa, quando regressavam. No portão, em noite enluarada, que ele jamais esqueceria. Tudo em segundos. Tudo por inteiro, mesmo no detalhe da suave tepidez do braço, ou dos dedos enclavinhados.

— Diga-lhe que entre. Crescemos juntos — explicou. — E mande servir café.

Esperou-a trêmulo. Acendeu um cigarro e apoiou os cotovelos à mesa, na expectativa ansiosa. De repente, lá estava mulher envelhecida. Matrona pesada, quase disforme. Não fossem uns traços vagos, e ele não a reconheceria. Sentiu-a perturbada. Constrangida. Sopitou a emoção e o desaponto e ergueu-se, cavalheiresco.

— Cuca! Não imagina minha alegria. Sente-se. Mostrou a almofada.

— Há quanto tempo... Acredite, tenho saudades. De você, do irmão, dos pais. Conte como posso servi-la. Ouvia-a respirar, aliviada.

— Não me esqueço de você. Sabe, eu... todos nós sempre o admiramos.

Sorriu com melancolia, e no sorriso ele percebeu, condoído, os vincos de rugas prematuras.

Ela prosseguiu.

— Preciso de um favor. Meu marido deixou a casa hipotecada. Não sei por onde anda, nem poderia ajudar. É pouca coisa. Não alcança cinqüenta contos. Se você me emprestar o dinheiro ou resgatar a dívida, salvo a casa na qual vivo com as crianças.

Ensaioou outro sorriso. Corrigiu.

— Não são mais crianças. Três meninos, quase moços. Dois no ginásio, e um deles a caminho do vestibular.

Rematou, súplice.

— Me ajude, Mário.

Chegou o café, que beberam em silêncio. Então, ele tocou a campainha. Deu a ordem.

— Mande entregar à senhora Angélica cinqüenta contos. O tesoureiro que debite em minha conta.

Registrhou no olhar dela a luminosidade que marcou a moça belíssima da saudade permanente. No bri-lho, gratidão infinita. Não podia jurar, mas havia, tam-bém, duas lágrimas balouçando.

Ela saiu. Ele desabou na poltrona, imóvel, novo ci-garro esquecido na boca, contemplando os arranha-céus, difusos na neblina.

Sarará

“É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades”...

Euclides da Cunha, *Os Sertões*.

Maricéu não existe nos mapas. Nem o merece. Alguém insidioso, cruel, gozador da espécie humana, o que é da usança cotidiana, ergueu-a lá, longe de tudo. Inseriu um imenso vazio antes, e continuou com o vazio, depois. Cerca de cinco ruas, não mais, para o nome poético. Maricéu lembra o azul do mar e a abóbada das estrelas, embora aquele nunca tenha sido visto pelas duas centenas de habitantes. Inatingível, tanto quanto o céu. Já este tem a tonalidade própria, sempre que a poeira, erguida em torvelinho pelos pés-de-vento permanentes, não lhe empreste coloração duvidosa, de sujeira barrenta. Raros os pisos assoalhados e, mais raros ainda, os forros nos tetos.

Vale tudo nas construções. Aqui se usam, com tijolos irregulares, tábuas também irregulares; ali se associam tijolos e folhas-de-flandres, ou latas abertas e distendidas a martelo. A eletricidade ainda não chegou, nem a água encanada. As lâmpadas são de óleo ou querosene, vindo o combustível, no costado de burro, periodicamente, de pequena e distante cidade, vencendo penosas jornadas. Os poços, profundos, abastecem cai-

xas ou vasilhames, com a energia imposta pelas pesadas manivelas. Nem prefeito, nem polícia. Deus não registrou Maricéu na cartografia, entregando-a, enjeitada, aos latifúndios infidos do diabo. O mato é ralo, raquítico, e a chuva pouca. Está fincada sobre o que se chama oxissolo, o que em linguagem chã significa terra de má qualidade. Cerrado hostil. Isso não causa mossa àquela gente boa. O aipim, ovos e frangos, e algum bacorinho vivaz, mas descarnado, perfazem a dieta comum. Às vezes, morre um boi, aproveitado até o último berro. A vila é bucólica, em conúbio com a sesta e indisposta com o trabalho. Se é certo que, em se plantando tudo dá, Maricéu, agredida pelo chão e embalada pela preguiça, não planta, o que quer dizer que não dá. Durante os dias, no mormaço seco, que domina o ano, pode-se ver um ou outro cavalo amarrado ao pórtico da gente principal. Caso do turco extraviado, dono da loja de armariinho, ou do boticário, o Aristides, que acumula os ofícios respeitáveis de dentista, médico e parteiro. A botica, havida como farmácia, tem alguns preparados de rótulos descoloridos, mas o forte do negócio é mesmo o purgante e a aspirina, que o Aristides ministra com generosidade. Qualquer moléstia reclama como terapêutica limpeza do intestino. Uma "desandadeira", como é descrita. Encontra-se o Aristides multiforme, com certeza atrás de balcão oscilante, conversando com amigos ou pacientes que, do lado de fora, ocupam velho banco de madeira de procedência incerta. A conversa do proprietário é fluente. A melhor de Maricéu. Imaginativo, caloroso, bonachão, ri e brinca com o interlocutor, de cuja família priva na intimidade.

— Então, tem mais um, seu Chico? Esse saiu logo. Não foi suadouro, não. Agora são cinco, hein?

Anunciava, assim, a chegada do mais novo rebento, e o próprio mister de obstetra, exercido com êxito. Puxava depois, da gaveta do balcão, a receita.

— Dê para a patroa estas pílulas. Duas no dia. Pela manhã e antes de ir pra cama. Fortificantes, embora a comadre não precise. E mande para cá aquela carijó. A mulher faz canja no domingo.

O dinheiro não era intermediação corrente em Maricéu, superado, amplamente, pelo escambo. Trocava-se tudo. Até o turco recebia milho, farinha de mandioca ou melado, como preço da chita barata. Mas o assunto inevitável era a ameaça pendente sobre todos. O véu negro que toldava, mais do que a poeira, a claridade ensolarada de Maricéu.

— Alguma notícia do Sarará?

— Te esconjuro! O homem tá sumido. Carniceiro horrendo.

— Que não retorne — advertia ominoso o Aristides. — Já fez muita desgraça. O pior é que o danado mete medo. Assombra o mundo. Nem se sabe onde esse bandido mora. Deve ser tapera nesses ermos. A mim não molestou, ainda. Me conhece. Não sou de brinca-deira.

Ouviu a concordância.

— Verdade, seu Aristides. Depois de matar aquele caboclo, na cara do padre visitante, o peste escafedeu-se nessas veredas. Imagine. Matar e fazer marca no punho do revólver. Já conta com dez ou doze riscos. Mas com o senhor ele não mexe, não.

Falavam do Sarará. Nada tinha de ruivo que justificasse a alcunha. Nem se sabia de onde despencara. Baixo, robusto, bronzeado no forno dos chapadões, usava chapelão de abas moles, desabadas no rosto cernhoso. Mestiço, sem dúvida. Barba com pêlos raros, desdentado, olhos pequenos, astutos e frios. Arma pendente do quadril, Winchester nas ancas da animália, o Sarará era o convulsivo terror de Maricéu. Brotava por magia, mágica do tinhoso. Vinha empertigado, tesó, com algum garbo, lembrando o héracles quasímodo do Euclides. Tão logo surgia, à entrada da vila, ouvia-se o grito, valendo como toque a rebate.

— Sarará!

Bastante para que portas e janelas se fechassem, e morador apanhado a descoberto procurasse refúgio imediato. Quedavam-se abrigados, até que outra voz anunciasse o desaparecimento da ameaça. Um boteco ou o turco explicavam a visita. Abastecia-se de pinga, tabaco de corda, lume e azeite ou, ainda, peça de pano, que descia das prateleiras, sem indagar preço e sem ser cobrado. Levava, ocasionalmente, com sortimento variado, sal, açúcar, e balas para o rifle ou o revólver. No campo-santo de Maricéu, liberando-o de qualquer despesa, jaziam, assinalados por cruzes toscas, cinco ou seis moradores que o haviam contrariado. Nem era difícil esse desagrado. Bastava alguém não o atender prestimoso. A uma simples palavra atravessada ou gesto brusco, que parecesse intimidativo, ei-lo, ao Sarará, com a arma em punho. Instantâneo, à feição de facínora de bangue-bangue. Fulminante e final.

Certa feita, enquanto montava a mula, o passo va-

garoso, viu menina em janela escancarada. Teria quatorze ou quinze anos a Ditinha, do Zacarias marceneiro. Apeou, sem amarrar a montaria. Invadiu o casebre, desnudou-a, arrancadas as vestes, e violentou-a, a mãe a um canto, acuada e impotente, transida. Saiu sem palavra, ainda compondo as calças e lá se foi, agora trotando impassível, para o armário.

Dizia-se em Maricéu que era o disparo mais certeiro daquelas bandas. Viram-no, uma ocasião, exibir-se solitário, colocada sobre a cerca garrafa de aguardente que acabava de enxugar, sempre no mutismo pressago, e arrancar-lhe o fundo a bala, pelo gargalo inteiriço.

Há meses não aparecia. Depois da visita derradeira, o Sarará simplesmente evaporou-se. Até o temor que infundia começava a desmaiar, como se se cuidasse de maldição do passado remoto. Já não assomava como assunto necessário, compulsório, no palavreado rememorado e errático das conversas de esquina. Suspeitava-se, com ponta de esperança, que se tinha mudado. Fora para outras partes, cansado de Maricéu, de sua miséria acabrunhante, do pó que asfixiava, dos capuões inóspitos. Murmou-se, mesmo, que morrera. Ataque de sezão, a que não resistiu o físico dessorado pela febre. Qualquer das hipóteses ensejava alívio.

Nada disso. Em sábado, sol a pino, reboou o grito calamitoso, arauto do pânico e da morte.

— Sarará!

Como sempre, todos buscaram abrigo, agora reforçado com trancas desde que a garota, recolhida embora, sofreu o derradeiro ultraje. Já fora bênção da Providência não ter o Sarará gerado filho.

Veio na mula habitual e no mesmo passo ou trote, sem olhar para os lados. Rígido. Impávido. Colava-se à sela como centauro mitológico, pernas arqueadas, abraçando a barrigueira, pés descalços, grossos e ásperos como cascos. Passou pelo turco e por um boteco. Não era o que procurava. Estacou na farmácia. O Aristides precaveu-se ao reconhecê-lo. Nunca havia recebido, antes, a distinção temível. Imobilizou-se, estudando-o, enquanto o homem apeava. O Sarará trazia ar grave e, para espanto, tirou o chapelão, revolvendo-o nervoso em mãos agigantadas. Parecia conhecer o boticário.

— Dotô Aristide. Tô doente e careço de cura.

— Doente, seu Sarará? O que o senhor sente? Quem sabe, tenho cura.

— Tá perdido o gosto. Cachaça, milho, rapadura, tudo sabe do mesmo jeito. O senhô tem remédio?

O Aristides encarou-o.

— Desde quando, seu Sarará? Coisa nova?

— Não, dotô. Vintena de dia. Tudo que ponho na boca é o mesmo. Inda que prove com a língua.

— Bem, se assente ali, um pouco. Vou aos fundos e trago uma fórmula. Segura. O gosto volta logo.

O Sarará abancou-se. Nem espiou lá fora, estranho, por inteiro, à comoção que provocava. Em breve, o Aristides regressou. Vinha com nove cápsulas, das maiores, que recolheu em caixinha de papelão.

— Leve isso — prescreveu. — Tome uma todas as manhãs, deixando desmanchar na boca. Experimente bem, antes de engolir. Quando o gosto voltar, venha me ver. É possível, seu Sarará, que precise reforçar a dose.

Acrescentou:

— Não urge pagar. Um dia a gente acerta.

O Sarará anuiu com um aceno. Apanhou as cápsulas, cobriu-se e voltou à mula. Não foi embora sem deter-se em boteco, levando tabaco e miudezas.

A vila estalava, emocionada. O Sarará outra vez e, agora, sem crimes nefandos! Espantava ter ido ao Aristides. Tirado o chapéu. Demonstrado respeito. A própria moléstia alegada era estranha e risível. Tudo concorria para que o prestígio e autoridade do boticário e sua medicina fossem exaltados.

Os dias se escoavam na modorra sonolenta de Maricéu, mas a expectativa crescia. Aguardava-se o Sarará como o próprio Aristides pediu. A inquietude formulava perguntas. E se a receita não fizesse efeito? E se o Sarará, enfurecido, liquidasse o farmacêutico? E se, na cólera, ele generalizasse a violência?

Cumprida uma quinzena ecoou o grito agourento.

— Sarará!

Vinha ele imperturbado, a mesma imagem odienta, assentada na mula de sempre. Parou à frente da botica. Entrou, descobrindo-se novamente.

O Aristides quis saber.

— Então, seu Sarará? O remédio fez efeito?

O Sarará lambeu um lábio ressequido.

— Digo quę sim, seu dotô. Desmanchei par delas sem diferença. Entonce, pra frente, senti um gostinho. Que o coisa ruim me leve, seu Aristide. Se eu contá o dotô não acredita.

Foi encorajado.

— Diga.

— Óie, o gostinho, pra falá certo, era de bosta seca. Cavalo ou vaca. Imagine, dotô.

O boticário pôs olhos no homem, examinando-o, atento. Tranqüilizou-o, precavido. Vigiava-o, como se fosse a uma cobra.

— Está sarado, seu Sarará. Era de cavalo mesmo. E fresca. Seu gosto voltou. Pode ir, agora.

O Sarará precisou de segundos para o entendimento pleno. Depois, deixou escapar o chapéu e procurou a coronha. Tarde demais. O Aristides já havia aberto a gaveta, e disparou uma só vez.

Enterraram-no em Maricéu. Para assinalar bem o túmulo, fizeram-no o melhor do cemitério. Sem nome ou data. Com a alcunha, apenas. Sobre a lápide de barro avermelhado gravou-se com ponta de prego: “Sarará”.

Esse é o monumento da vila. Atração domingueira e festiva. Vencido o perigo e nascida a lenda, há quem afirme, hoje, que o tenha enfrentado, até em desafios. Impunemente. A reiteração dessa jactância chega a emprestar vezos de verdade à mentira deslavada. Mas, curiosamente, percebe-se nessa vaidade balofa um traço visível de machismo saudosista...

Berço

*“Em cada estátua
as sotopostas letras rememoram
os feitos seus, seus títulos, a fama.”*

Ovídio, *Os Fastos*.

O Marcondes e eu entramos e saímos da Faculdade, juntos. Sempre bons amigos. Filho de família de fazendeiros, moço abastado, confirmou a fortuna paterna gerindo, com competência, o acervo da herança. Revelava, sempre, alguma timidez e profunda modéstia. Nada para fins de aparência, mas comportamento efetivo, derivado da formação e do caráter. Jamais advogou. Quando vinha a Curitiba, onde tinha apartamento, quase sempre nós nos encontrávamos. Gostava dele, e de sua filosofia de vida. Somente na intimidade, o Marcondes abria o coração. Boa prosa, porque bom observador. Sem aquela liberdade, era circunspecto, retraído, limitando-se a responder, com polidez, às questões que se lhe propunham. Certo, tinha raras afeições e poucos conhecidos, que o julgavam uma espécie de ermitão.

— Lembra um cofre de segredo — diziam.

Não era assim. De fato, transmitia grande calor pessoal. Estudioso, conhecia economia. Bom psicólogo, sempre cercado de administradores ou capatazes efí-

cientes, pinçados com o melhor critério. Alto, esguio, elegante, lógico, expunha com ar professoral as idéias, uma vez aquecido por interlocutor que inspirasse confiança. Casou bem, enviuvando cedo. Não voltou ao himineu, apesar do assédio do sexo oposto. Uma de suas raras brincadeiras, sediça embora, contava que viúvo que se casa novamente não merece a viuvez.

Fiquei sabendo do acidente, e lhe devia visita, o que me levou à cobertura do centro da cidade. Sabia que sofrera ferimento, mas desconhecia as circunstâncias. A notícia, aliás, não era do domínio público. Circulou apenas entre poucas pessoas, mais expressivas, sem comentários desairosos, exceto as usuais e veladas demonstrações de simpatia de nossa sociedade.

— Sabe — é um exemplo — , o Marcondes quebrou a cabeça. Parece que se envolveu em rixa no Rio. Coisa grave. Se morrer não tem nem mesmo para quem deixar a fortuna. O avarento é podre de rico.

Vinha o revide.

— Logo ele! Como alguém partiu aquela cabeça dura? Com certeza, não pagou a conta ou a mulher. Miserável de uma figa.

Esses, os comentários cristãos, indicativos da solidariedade da gente bem.

Achei-o a uma poltrona, com livro à mão. Vestia pijama e robe. Sobre a mesa, em salva de prata, dois cálices ao lado do Porto. Enfaixado até os olhos. As ataduras, ainda mais brancas, contrastando com a tez morena. Esperava-me. Ergueu-se, sem dificuldade, para o cumprimento.

— Ótimo você ter vindo. Ando muito só, o que não

é ruim. Tiro estes trapos — e indicou os panos — nestes dois dias. Podia ter sido o fim.

— Automóvel? — indaguei.

A resposta veio enxuta.

— Garrafa.

Mostrei surpresa. O Marcondes, introspectivo, quase misantropo, seria a última pessoa que eu podia imaginar alcançado por uma garrafada. Detive-me enquanto enchia os cálices, com a licença que a intimidade autorizava.

— Você! Não posso vê-lo agredido, Marcondes. Suponho que tenha sido agressão. Garrafas não despencam dos céus, embora eu admita que tudo pode bairar das janelas dos modernos arranha-céus. Como aconteceu?

Sorvemos um gole do vinho.

— É uma história complicada e azarenta. Aconteceu há dias, e o melhor seria eu não ter deixado a cama, porque estamos expostos a tudo, caminhando por essas capitais caóticas e bulhentas. Você sabe, dificilmente saio da sede, perto de Londrina. Mas fui chamado com urgência. Um negócio de exportação pendente. Apaixonei o avião, e segui. Podia ter voltado à tarde, mas me sentia subitamente cansado. Depois, não me agradava voar à noite, e decidi passar algumas horas na praia, regressando logo, pela manhã. Veja você: o instinto sugeria a volta imediata, e não sei qual o demônio que se interpôs, sugerindo a permanência. Concluída a transação, que eu podia ter feito até pelo telefone, deixei a Rio Branco, e decidi espairecer em Copacabana. A tarde belíssima. Escolhi um daqueles bares da praia.

Ordenei petiscos e bom vinho francês. Estava só à mesa, com três cadeiras vacantes, quando ele entrou. Reconheceu alguém, um terceiro, e depois a mim.

Olhou-me com alguma irritação. Prosseguiu.

— Você conhece os dois. Colegas nossos. O recém-chegado estendeu a mão e sentou-se a meu lado, atraindo o outro, que ocupou cadeira contígua à minha. Explico melhor: um à direita e outro à esquerda. Eu, ensanduichado.

— Conheço? Quem são?

A irritação pareceu crescer.

— Com todos os diabos! Claro que você os conhece. Mesma turma na Faculdade. Até viviam às turras, chatos de galocha, expressão do vulgo. Desde rapazes. Você deve lembrar-se do Platão. Platão da Rocha Prado, e do Jonas. Jonas só, não. Jonas de Souza Franco D'Alma. E não se esqueça do apóstrofo no D'Alma, ou ele se imagina desnudo. Sem rebuços, embarcaram no meu vinho, o que exigiu um segundo pedido. Após o intróito da praxe, o Platão interpelou o Jonas, os cotovelos fincados na pedra de mármore, fumando charuto nauseabundo.

“— Como vai o douto parassematógrafo? Algumas revelações?

“Detestavam-se. O Jonas contestou.

“— Bem. Muito bem. Alguma coisa suíça. Estou escrevendo monografia, no momento.

“— Não me diga! Banda ou bordadura?

“Eu me voltava, ora para este lado, ora para aquele, sem entender. Desconfiava cuidar-se de heráldica. Você se recorda do medo que ambos inspiravam com

essa mania mórbida? Estúpida. Pareciam recuados na Idade Média, às voltas com escudos e brasões.”

Lembrei-me, sim, e só a lembrança provocou um calafrio. Pensei com os meus botões.

Azar, sem dúvida. Logo o Platão e o Jonas no crepúsculo de praia carioca...

Encorajei-o.

— E então?

O Marcondes deitou mais Porto.

— Aí, começou o diálogo mais louco que já ouvi. O assunto era parassematografia, o que em linguagem de branco quer dizer heráldica, sim. E a quem a heráldica preocupa em nossos dias, sobretudo nas Américas?! Poucos conhecem os nomes ou a origem dos avós, e ninguém, ou quase ninguém, a dos bisavós e seus escudos, se os tiveram. Mas lá estavam eles discutindo “cantões” e “flancos”, e o debate se fez acalorado. Veemente. Já não falavam; gritavam, atraindo a atenção. A essa altura não havia simples cadeira desocupada, e todos nos olhavam, entre jocosos e aborrecidos. Não sei o que os dois pretendiam, nem acredito que atentassem para mim ou para os circunstantes. Lembro-me de que o Platão começou pela etimologia de “heráldica”, que negava fosse de extração francesa. O Jonas distinguiu. “Heráldica” viera do gaulês, mas “heráldico” provinha do latim antigo. Aquele sustentava que os brasões foram disciplinados no século XIII. Este favorecia o XII, jurando que, no seguinte, já estava tudo ordenado. O Platão passou a discorrer sobre “peças”, e só admitia as “honrosas”, o que enfureceu o Jonas, que defendia, com vigor, as “ordinárias”. Tudo caminhava para um

clímax violento quando, para azedar ainda mais o debate, àquela altura convertido em luta aberta, o Jonas passou a sustentar que os escudos de “metais” eram mais valiosos do que os de “esmalte”, ou dos que se socorriam do “arminho”. Tudo ilustrado com exemplos históricos. Escandalosos, no entusiasmo áspero de altos brados. E eu de permeio, na altercação, sem mesmo autoridade de mediador ou de juiz. Pilatos no credo. Pilatos, mesmo. A diferença explodiu logo depois, quando o Jonas passou para a genealogia, que é uma espécie de irmã siamesa da heráldica. Deteve-se, por segundos, escumando de raiva, e desferiu na mesa pesados murros. Olhou para o Platão, na cara, e pareceu rememorar.

“— Roxo do Prado? Sim, há um ‘do’, nas raízes. Conheço o escudo. Seus maiores provaram nobreza ao tempo de Carlos III, vindo para cá no período colonial. Aceito-os como gente boa. Não obstante, espere — deteve-se, pensativo. — Sim, um deles, no velho Goiás, foi enforcado. Ladrão de cavalos. Estude sua árvore, Platão. Sei que todos nós temos, no passado, um ou mais esqueletos no armário. Esse, porém, é um esqueleto e tanto. Safadíssimo. Uma vergonha.

“O Platão empalideceu. Eu podia e devia ter-me levantado, mas, comprimido por ambos, e o bar lotado, não havia como récuar a cadeira.

“O revide não tardou.

“— Não sei disso. O que sei é que o brasão suíço da sua família é falso como cédula de três cruzeiros. Em primeiro lugar, vocês se safaram das Astúrias, sem origem ou tradição. Nenhuma história. Cristãos-novos, isto é, judeus convertidos. A Santa Inquisição expulsou-

os, e lá se mandaram para Lisboa, negociantes de panos. Pombal voltou a escorraçá-los. Esse D'Alma, Jonas, é um recurso malandro. Patronímico de aluguel, que o apóstrofo enfeitou. O brasão, forjado. Vou além — esmurrou, também, o mármore —, há nele algumas tartarugas no cantão direito. Eu me pergunto se não são percevejos.

“Vi Platão tornar-se hirto. Endureceu, lívido. Com voz trêmula, dominada pelo ódio assoberbante, o Platão prosseguiu.

“— Há mais. A Aurélia, sua antepassada próxima, só se casou à roda dos trinta anos. Em Minas. Não só era prostituta como instalou, em região histórica, o primeiro lupanar. Posso prová-lo.

“Aí, teve início o pandemônio. O Platão soergueu-se, empurrando a cadeira que ficava às costas. A cólera o fizera rubro. Tremia. O empuxão que deu no outro freguês deve tê-lo feito entornar o chope, porque puxou o lenço, passando-o pela barba e pelo peito. Voltou-se, alucinado. Fremindo. Entretementes, o Jonas recebia um copo de vinho em plena cara, e a desordem generalizou-se. O homem esbarrado pelo Platão tinha porte descomunal, e à mesa assentavam-se dois ou três companheiros, tomados, todos, de má catadura. Envolveram-se em pugilato indescritível. Pratos e copos voaram no espaço, enquanto o Platão e o Jonas se engalfinhavam. Não caí, porque não havia onde, e assim tivesse caído. Logo depois senti dores terríveis na cabeça. O sangue morno me empapava os cabelos e a testa. Mesmo assim, conservei a lucidez. Ergui-me, na confusão, entre imprecações, algumas das mais sujas, e conse-

gui um táxi. Médico conhecido me hospitalizou, sem problema. A que eu saiba, três ou quatro pessoas sofreram ferimentos leves. O que você vê foi produzido por uma garrafa que não me procurava e, sim, a um dos dois parassematógrafos. Que nome! Só aqueles cretinos seriam capazes de empregá-lo."

O Marcondes parou e levou a mão às ataduras. Falava consigo mesmo.

— Você sabe. Eu gosto da solidão e do silêncio. Não sou dado a festas e não freqüento clubes. Há quem diga que sou um homem só, que conta suas relações nos dedos. Veja: neste apartamento de cobertura mandei construir uma lareira. Curitiba tem invernos rigorosos, ainda que saudáveis. Mas, mesmo assim, já conheceu até neve. Outro Porto?

Concordei.

— Pois, olhe. Até agora não entendo essa fraqueza. Mas todo homem rico convive com a vaidade. Quando não a própria, a da esposa. A minha mulher, por exemplo, era extremamente vaidosa. Se você olhar bem, ainda há cinzas na lareira. Foi das primeiras coisas que fiz ao regressar do Rio. Apanhei meu escudo de armas, vendido em Alicante, com documentação jurada como autêntica, comprovando nobreza, deitei-lhe fogo e joguei-o, ali.

Perguntou:

— Você é Torres? Cuidado. Deve ser cristão-novo, e pode ter brasão, também. Não pesquise sua árvore, nem queira conhecer o escudo.

Enxugou o resto do vinho, e acendeu um cigarro.

— De repente, em um galho, assenta-se meretriz ignorada ou criminoso comum. Não permita que os mortos governem os vivos, nem aceite a companhia do Platão ou do Jonas. Pior ainda se estiverem juntos. Que tal? Janta comigo?



3 9001 01790 0203

**ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA LÍDIO
FERREIRA E IMPRESSA NA EDITORA VO-
ZES LTDA., PARA A EDITORA NOVA FRON-
TEIRA S.A., EM OUTUBRO DE MIL NOVE-
CENTOS E OITENTA E TRÊS.**

*Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria Angélica, 168 —
Lagoa — CEP 22461 — Rio de Janeiro*

protagonistas, seus étimos próximos ou remotos, suas circunstâncias ou sua atmosfera. Como o atleta que flexiona e contrai sua musculatura antes do esforço máximo e definitivo. A Nova Fronteira entrega, portanto, a seus leitores um novo autor, deste difícil e fascinante gênero, que dispensa outras apresentações senão aquela que aqui registramos: Jânio Quadros e seus Quinze Contos. Nestas histórias o leitor conhecerá a força de um estilo terso e aliciante, a síntese descritiva que recria o cotidiano, cosmopolita ou interiorano, parte dos cenários multiformes que marcaram sua vida intensa. Assim, este brasileiro essencialmente polêmico, que já viveu experiências raras, encontra agora uma nova e permanente forma de expressão que compete à Nova Fronteira editar e difundir.

Quinze contos, de Jânio Quadros, assinala a estréia de um narrador maduro, dono de uma linguagem concisa e atraente.

Descrevendo o dia-a-dia da metrópole e da província, Jânio Quadros amplia sua notável capacidade de inventar e dar corpo a experiências de vida que fazem dele um escritor singular.



EDITORIA
NOVA
FRONTEIRA

SEMPRE
UM BOM
LIVRO